

EDUCAÇÃO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Iniciada em Outubro de 1927

S. PAULO - BRASIL

SUMMARIO

Dr. JOAQUIM MOREIRA DE SOUZA Director da Instrução Publica do Ceará	Responsabilidade dos paes na deficiencia da educação se- cundaria do Paiz.....	3
Prof. Dr. SALVADOR DE TOLEDO PIZA Jor. Docente da Escola Agricola "Luiz de Quei- roz", de Piracicaba	Da vida das cobras (lendas, crendices e factos).....	11
Prof. D. MARIA ANTONIETA DE CASTRO Eucadora Sanitaria Chefe da Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saude do Serviço Sanitario de S. Paulo.	Puericultura e mortalidade in- fantil	19
Prof. Dr. OCTAVIO DOMINGUES Docente da Escola Agricola "Luiz de Quei- roz" e da Faculdade de Pharm. e Odont. "Washington Luiz", de Piracicaba.	"João Pergunta" (Um livro didactico como poucos)...	26
Prof. FRANCISCO E. DE AQUINO LEITE Lente de Inglês do Gymnasio de Ribeirão Preto.	O ensino da leitura (methodos)	31
Prof. LA-FAYETTE CORTES Director do Instituto La-Fayette, do Rio de Janeiro.	Como organizar o ensino se- cundario de um modo geral para attender á sua verda- deira finalidade?.....	45
Prof. HENRIQUE GEEVEN Lente de Grego do Gymnasio de Rib. Preto	Os estudos classicos e a fina- lidade do ensino secundario	54
Prof. ANDRONICO DE MELLO Director do Grupo Escolar de Itatiba.	These de ensino primario....	61
A AGRICULTURA NA ESCOLA		69
Prof. D. ALTINA RODRIGUES FREITAS Do magisterio primario de S. Paulo.	Ensino Primario (assumpto de lição)	74
INFORMAÇÕES		77 a 93
ATRAVÉS DE LIVROS — (Apreciações de Firmino Costa e Medeiros e Al- buquerque).....		94 a 98
ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES — A Escola Paulista III — A Es- cola Paulista III — O Governo Julio Prestes e a Instrução Publica — Sexto Congresso Pan Americano da criança — IV Congresso Pan- americano de architectos — Reunião dos Inspectores de Ensino — Um artigo proibido ás crianças — O retrato e o caracter — A festa das aves		99 a 116

É obsequio não demorar as reclamações. Para facilitar o trabalho de remessa, seria de grande vantagem que os srs. assignantes communicassem, sempre, suas novas residencias á Redacção, evitando, dessa forma, o desvio da correspondencia que lhes é remettida. Enviar endereços claros.

Procurando cumprir o seu programma, **Educação** espera merecer o apoio efficaz de todos os professores. É facultado aos mesmos collaborar na Revista, desde que submettam os seus trabalhos ao juizo da Commissão de Redacção.

Para melhor attender aos seus fins, a Redacção receberá consultas sobre questões referentes ao ensino, bibliographia pedagogica, revistas congenezes do paiz e do estrangeiro, fornecendo aos srs. assignantes as informações que solicitarem neste sentido. Taes consultas serão absolutamente gratuitas.

Assignatura annual: 20\$000 — Numero avulso : 2\$000.

Enviar toda a correspondencia para :

Redacção da Revista Escolar EDUCAÇÃO
Na Directoria Geral da Instrucção Publica

SÃO PAULO

Travessa da Beneficencia Portuguesa, n.º 1

A redacção de EDUCAÇÃO acaba de receber o seguinte communicado da Liga Internacional para a educação nova, de Genebra :

Aos redactores das revistas pedagogicas da America latina.

Senhores.

Temos o prazer de enviar-vos incluso um opusculo sobre nosso director o Sr. Adolpho Ferrière, que vai passar seis mezes na America do Sul afim de reunir documentos destinados aos archivos do BUREAU INTERNATIONAL D'ÉDUCATION DE GENÈVE e aos da LIGA INTERNACIONAL PARA A EDUCAÇÃO NOVA DE LONDRES.

Como o Sr. Ferrière espera colligir, durante sua estada de seis mezes na America do Sul, os elementos para uma obra que será intitulada "A Educação nova na America Latina", ser-lhe-ia grato que desseis conhecimento desta viagem nas columnas de vossa estimavel revista, afim de que os professores que tiverem innovado qualquer coisa em qualquer ramo que seja, possam enviar-lhe, por occasião de sua passagem, os documentos necessarios; ou permittir-lhe que visite pessoalmente as classes experimentaes que tiverem.

Toda modificação em methodos, horarios, programmas ou systemas de exames, tendendo a approximá-los das exigencias da psychologia infantil, o interessarão. Elle pede aos professores que lhe não enviem documentos impressos de algum peso. Estes seriam dirigidos ao BUREAU INTERNATIONAL D'ÉDUCATION, 44 rue des Maraichers, Genève. Mas se puderem expor em folhas avulsas e se possivel, em francês, o essencial de suas reformas e os resultados obtidos, os documentos ser-lhe não preciosos.

Esperando que vos seja possivel dar, neste sentido, uma noticia em vossa revista e agradecendo antecipadamente, nós vos protestamos, Senhores, nossos sentimentos de alta consideração.

Secretariado da Liga junto ao
BUREAU INTERNATIONAL D'ÉDUCATION.

EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA
E DA SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

VOLUME XI

ABRIL — JUNHO 1930



COMISSÃO DE REDACÇÃO:

Pela Directoria Geral da Instrucção Publica

DR. AMADEU MENDES

PROF. JOÃO TOLEDO

DR. CARLOS DA SILVEIRA

Pela Sociedade de Educação:

DR. ANTONIO DE SAMPAIO DORIA

DR. MARIO DE SOUZA LIMA

THESE 5ª (*)

Dr. Joaquim Moreira de Souza

Director da Instrução Publica do Ceará

Responsabilidade dos paes na deficiencia da educação secundaria do paiz. Meios de combater essa deficiencia.

De tudo quanto se tem dito, no Brasil, sobre educação e ensino, uma verdade as demais sobreleva — o ensino secundario, entre nós, de par com a educação moral defeituosa da nossa juventude, está a reclamar dos responsaveis pelos destinos da Patria medidas, promptas, energicas e decisivas, para o seu soerguimento.

Não é difficil atinar-se com a força dessa verdade.

Todos sabem que a massa dirigente da opinião e dos negocios publicos nacionaes é recrutada no seio dessas camadas que, diariamente, vemos passar para os gymnasios, lyceus e institutos de ensino secundario particular. Os que se dirigem para ali vão em regra (tambem ninguem ignora) á cata de attestados de exames, com que possam forçar os vestibulos das academias, ponto de partida, na mente desgovernada da nossa mocidade, á conquista das posições de mando e de orientação, quando não dos meios de fazer fortuna e de gozar, á larga, a vida, o que é ainda mais grosseiro.

Aquillo que, em materia de ensino secundario, é um fim, nos paizes adiantados, cá, entre nós, se tem tornado um meio.

Lá, estuda-se para se saber. Buscando-se o brilho e o aperfeiçoamento da propria individualidade, pois a sciencia pura, profunda, larga e solida é o que se quer, está se formando o organismo forte e dominador das nacionalidades, que ditam normas de viver e de progredir aos demais povos.

(*) These apresentada á III Conferencia Nacional de Educação, reunida em São Paulo, em Setembro de 1929.

Aqui, pouco importa aos nossos estudantes a sciencia. Andar depressa: fazer exames, seja como for; passar, rapido, esse estagio enfadonho do curso de humanidades, é que é essencial, primordial. Abram-se, logo, as portas das academias e e venha o suspirado diploma, com a pedra magica que ha de escancarar, com a refulgencia... da materia, o caminho largo a muito triumpho.

Isso se faz e se tem feito com uma facilidade inaudita, onde os menos responsaveis são os moços que, na volubidade, na inexperiencia e na inquietude, proprias da idade, não estão a ver o descalabro social que se prepara, o desconjuntamento futuro do edificio que se levanta, com bases tão falsas.

Por toda parte se diz e se proclama, com indisctutivel acerto, que em lugar de estarmos formando, nos nossos cursos secundarios, uma *élite* intellectual que honre e dignifique o nome da Patria assegurando-lhe a grandeza, sob todos os aspectos, solidificando-lhe a unidade e a integridade, o que se realiza é o enlarguecimento da fileira dos ignorantes, é o augmento da coorte dos mal aprendidos, que querem e devem estar, na falta dos capazes e dignos, á frente do governo, da industria, do commercio, da riqueza e até das letras nacionais.

Carneiro Leão brada com sobrados motivos: "No Brasil não ha educação secundaria. O que se ministra, com o nome de ensino secundario, é uma cultura livresca, mais ou menos artificial, insignificante, sem logica, preparando sobretudo, para exames rapidos e faceis".

Cause tristeza proclamar-se esta verdade, mas é necessario que se diga, para que do conhecimento do mal e da sua gravidade possa, num feliz e eficaz alarme, resultar o remedio prompto que nos ha de salvar.

Ninguém desconhece que são varias, entre nós, as causas da deficiencia desse ensino.

Entre ellas se têm apontado a sobrecarga dos programmas, a falta de sequencia e concatenação logica na seriação dos estudos, a distribuição defeituosa da materia da mesma cadeira e o absurdo dos estudos facultativos.

A isso accrescente-se tambem o methodo irracional e improductivo, usado pela maioria dos nossos professores, no ensino das diversas disciplinas do curso secundario.

Carneiro Leão ainda está com a razão, quando diz: "Os estudantes saem dos cursos secundarios alheios, por completo, ás necessidades do meio em que vivem. Não conhecem a

vida senão pelas theorias cerebrinas que lhe repetiram mestres apressados. Ninguém os põe em contacto com os problemas do momento, com as grandes questões do dia".

Tudo isto é certo, convenhamos. Mas, por amor á verdade, salientemos que o defeito principal reside sobretudo na falta de compreensão, por parte de professores e paes, de seus deveres sociaes.

Todas aquellas falhas seriam superadas, se houvesse o sentimento da responsabilidade civica, e, acima dessa, da responsabilidade moral, no espirito dos que têm a sua educação da juventude.

Deixemos de lado, por ora, os professores, que a bem dizer, são tambem productos do lar, e encaremos a acção dos paes de familia na magna questão da educação secundaria do paiz.

O desregramento, a anarchia e a fallencia da nossa instrucção secundaria, promanam, em grande parte, da falta de uma sadia e robusta formação moral e civica cujo lastro devera assentar nos ensinamentos do lar.

Geralmente saem da familia para a sociedade, como orientadores da juventude, caracteres amolgaveis, espiritos fracos, mentes empobrecidas, feitas numa atmospheria de commodo viver, de indifferentismo pela sorte da communi-
dade, embebidas num egolatrismo enervante, que coarcta as iniciativas mais generosas da alma.

Fazem-se, ali, *bons vivants*.

Em regra, a educação no lar é no sentido de se vencer, seja como for, para se adquirir fortuna e se gozar a vida.

Sendo as impressões da educação domestica as que ficam, como base, para a vida toda, na formação moral e civica dos individuos, facil é de se compreender como a ella é que se deve a ausencia de abnegação, de heroismo, de desprendimento, de patriotismo e de devotamento, tão commum nas camadas populares, em todas as alturas.

Não poderíamos enumerar, dentro dos limites estreitos que nos são marcados, nesta these todos os males sociaes advindos do descuido, da criminosa indifferença, que se nota, na educação domestica de nossos dias.

A isso devemos attribuir (não estejamos só na actualidade; remontemos um pouco ao passado) a isso devemos attribuir a organização facil das congregações dos nossos institutos de ensino, onde tantos entram, falhos de letras, de sciencia, de civismo e de rigidez de principios, e lá ficam, dispostos a mostrar na occasião opportuna por uma genero-

sidade instintiva, a mesma complacencia com que um dia foi acolhida a sua audacia.

A isso devemos attribuir, igualmente, o desembaraço, a facilidade, com que paes de familias se chegam a professores e examinadores, solicitando approvações, tolerancia, nas arguições em que tiram á prova as habilitações dos alumnos.

Queremos erer que estará solucionado, em boa parte, o magno problema que agora nos congrega, no dia em que for achado em difinitivo o meio de se resolver a crise de character que asoberba a sociedade de hoje, modificando-se a orientação que os chefes de casa vêm dando á educação de seus filhos.

Nesse tempo, podemos affirmar, não correrão mais elles a pedir matricula nos collegios, onde o director, por politico influente, pôde conseguir uma organização de banca examinadora a jeito e um fiscal que tenha vistas grossas para não vêr a vergonha da "colla" desenfreada, mesmo porque o lar já terá feito, nessa epoca, com acção esclarecida e energica, outra especie de professor, conscio de seus deveres, mo-raes e civicos.

Nesse tempo os paes, nas vespervas de exames, não sairão a procura dos examinadores, com as cartas de empenho, os famigerados "pistolões", tentando garantir a passagem do alumno desidioso, que levou ao anno inteiro na malandragem. Nessa epoca já se terá assentado que a Patria precisa de valores, conscientes, activos e capazes, e não de diplomados, apathicos, sem letras e sem a consciencia da responsabilidade social, que lhes é inerente, por isso que membros da sociedade, em que vivem.

A esse tempo se terá formado tambem uma mentalidade, differente da que se gerou e se desenvolveu na consciencia de todos de que não é preciso estudar muito, para se ser doutor.

Para alcançar esse *desideratum*, precisamos dizer, repetir e insistir que "o real ensino secundario, o ensino desinteressado, formador das *élites*," não está attreito á preparação intellectual de individuos que se destinam ás academias, aos cursos superiores.

A sua finalidade tem maior extensão e abrange maior numero de beneficiados, para o bem collectivo.

Nesse sentido estamos com George Dumas: "Entre o ensino primario, que é utilitario, e o ensino superior que, em larga extensão, se apresenta como profissional, fica o ensino secundario, que nem é profissional nem utilitario: tem por objecto formar o espirito dos alumnos sem mirar a carreira

ou a utilidade pratica, e para isso procura fazer que predominem sempre a reflexão critica e o desenvolvimento das aptidões intellectuaes sobre a aquisição pura e simples de conhecimentos”.

Todo o mal assenta nesse presupposto, que já hoje podemos dizer impatriotico, de que o ensino secundario é o caminho por onde se chega á conquista do pergaminho, vaidade inconcebivel, futulidade digna do nosso desprezo, nos dias que correm.

Passou o tempo em que o valor social do individuo se aferia por cousas desse jaez. Temos necessidade de extirpar do animo de todos o preconceito atavico de que só se pode brilhar e triumphar, ainda na republica dos nossos dias, sob o regime democratico que nos governa, se se tiver attingido á culminancia de um curso superior.

Modifiquemos em parte os programmas actuaes do ensino secundario, que se resentem de falhas, adaptando-os, racional e convenientemente, ás necessidades sociaes: — generalizando-os, para todos os que quizerem desenvolver e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos nos cursos primarios, e especializando-os para os que tenham aptidões para as profissões das carreiras liberaes.

Depois disso brademos que vive melhor quem sabe melhor, cada qual na esphera de suas inclinações natuares, abstendo-se de ser bacharel quem nasceu para industrial, ou de ser medico ou engenheiro, que veio ao mundo com pendor para a mecanica, ou para a vida do commercio.

Vamos convencer disso os paes de familias, que na ansia de possuirem no seio da pro genie um laureado, têm concorrido, grandemente, para o rebaixamento do nivel do ensino, entre nós.

Ainda ha pouco, em recente estudo, o Dr. Veiga Miranda, affirmava em tom convincente: “A reacção contra a decadencia do ensino secundario deve consistir menos nas leis e nos decretos, do que em uma campanha tenaz, de propaganda educativa, de exortações civicas, junto principalmente aos responsaveis pela actual geração em idade escolar, isto é, junto aos paes”.

Hoje, mais do que nunca, temos necessidade de congregar os chefes de familia, em torno da escola, em conferencias publicas, em conselhos intimos, afim de lhes formar outra mentalidade.

A casa tem ficado muito longe da escola: os paes não sabem o que fazem os filhos, quando lhes deixam o lar, á

procura de instrução e ignoram como procedem os mestres na formação moral e intellectual dos mesmos.

O ensino primario, no Brasil até nesse sentido, já se sobrepõe ao secundario. Temos feito muito progresso, no campo do ensino da infancia, enquanto que no da juventude, o descaso é de condoer. Para aquelle transformaram-se os metodos e acharam-se os meios de maior desenvolvimento e eficiencia, com um successo todo surpreendente; mas perduram para este as mesmas causas de decadencia e ruina.

Sabido que é terem os paes grande responsabilidade nessa decadencia e ruina, quando pleiteiam, ridiculamente, a approvação dos filhos, que não têm preparo, e ainda lhes festejam a conquista dos attestados dos exames, com demonstrações, muitas vezes luxuosas, de alegria em familia; patenteado, como está, que essa vaidade dos paes pelo diploma dos filhos, funda-se na idéa erronea de que só tem posição de destaque na sociedade quem se mostra com o adorno de um pergaminho; certo, como se acha, de que existe a supposição de só deverem frequentar os cursos secundarios os que se propõem a estudos em cursos superiores especializados, erro em que ainda laboram muitos paes de familia, pergunta-se: como remediar a esses inconvenientes e quaes os meios de combater esses preconceitos?

Estabelecendo-se relações permanentes entre a familia e a escola; fazendo-se que os paes se interessem pelo que os filhos estudam e pelo que os mestres ensinam, attraíndo-os muito naturalmente ao recinto das aulas, para que ahi vejam como aprendem uns e como procedem os outros na maneira de ensinar. Formando-se conselhos, compostos de paes e professores, em cujas sessões se discuta tudo quanto disser respeito aos programmas de cada materia, ensinada nas series do curso. Esses conselhos se poderiam reunir, periodicamente, uma vez por mez, nas sédes dos estabelecimentos, sob a presidencia do Director, com convocação antecipada, pela imprensa, particularmente, dos respectivos membros, e, ainda, do publico em geral, para que a ditas assembléas comparecessem todos os que têm interesse pelo ensino.

Seria isso uma maneira de estimular mestres e discipulos e de impressionar aos paes, no sentido da formação verdadeira da cultura media geral de seus filhos.

O programma dessas assembléas podia ser ampliado, a arbitrio do Director, de maneira que não só se mostrassem ahi os progressos feitos pelos alumnos, como se desse azo a

professores e estranhos de dissertarem sobre themas, como numa verdadeira cruzada civica, procurando-se convencer aos paes de que "mais vale o preparo sem as approvações, do que as approvações sem o preparo"; de que "é impossivel um curso profissional superior bem feito, sem que o estudante seja portador de um lastro sufficiente, que são os conhecimentos dados no ensino secundario"; persuadindo-os de que "já se foi felizmente o tempo em que á ingenuidade geral o diploma se apresentava como uma garantia de illustração, de sciencia, de capacidade profissional, pois é no trabalho pela demonstração das aptidões individuaes, que a supremacia se estabelecerá".

Muito conveniente seria que um dia em regulamento de ensino ficasse consignado que aos paes ou responsaveis pelos alumnos matriculados nos estabelecimentos de instrucção secundaria, ficava facultada a entrada dos mesmos, para assistirem aulas, desde que o quizessem, não se restringindo, em taes casos, já se vê, ao Director as attribuições regulamentares que tivesse para a boa ordem e disciplina.

Essas entradas, ou visitas, podiam ser feitas, sem previo aviso, com toda simplicidade, naturalmente, sem que determinassem alteração no plano de aula. Paes, alumnos e professores ficariam, como em familia, muito á vontade, sem perturbações.

Que beneficios immensos não adviriam disso para o ensino? Queria o pae que presenceara, durante o anno lectivo, o descaço do filho pelo estudo, picitear junto a examinadores a approvação do mesmo? Sentir-se-ia mal o professor que fosse procurado pelo pae, pedindo a approvação do filho insciente, em repellindo a solicitação imprudente? Diante dessa vigilancia, não haveria alumnos mais applicados, mais assíduos e mais cuidadosos? Não seria essa uma forma intelligente de se fazer nascer o gosto apurado do estudo, nas constantes exhibições do saber, tanto por parte do professor, como do alumno? No parallelo feito, entre o discipulo applicado e o discipulo negligente e desattencioso, com provas realizadas, á sua vista, não teriam os paes motivo para fazer, por toda forma, que os seus filhos adquirissem a verdadeira sciencia?

Alem disso, com a assistencia do publico ás sessões dos conselhos, bem como aos exames, não haveria maior interesse pelo estudo, pelo ensinamento, pela cultura, sabendo-se

que em torno ao movimento escolar estaria vigilante, atenta, a critica da tribuna publica — a imprensa?

Vivemos num desconhecimento completo, quanto ao que se passa no recinto dos estabelecimentos secundarios, mormente nos de character particular. No dia em que uma disposição regulamentar, partida do poder publico competente, determinar que ninguem pode abrir estabelecimento de ensino, seja de que especie for, sem provar que no regimento interno do seu estabelecimento, ha a disposição de que ficam franqueadas as portas do educandario a todo pae de familia que quizer assistir a aulas, nesse dia se terá dado um passo largo na reabilitação do nosso ensino, mormente do secundario.

Podemos assegurar, pela experiencia que temos, haver, por ahí afóra, muitos collegios e até lyceus e gymnasios que não resistirão a essa prova de inspecção directa dos mais interessados na normalidade e no soerguimento do ensino.

Diante do exposto, ousamos assegurar que todo trabalho no sentido de se melhorar o ensino redundará em perda, se não procurarmos, preliminarmente, a cooperação directa dos paes.

E assim concluimos:

1.º

Os paes, na maioria dos casos, têm responsabilidade, maior ou menor, na deficiencia da educação secundaria do paiz, por deixarem só aos mestres, sem a sua assistencia, o preparo de seus filhos e procurarem-lhes, quando falta esse preparo, attestados de approvações de favor, com o fito unico de vê-los em tempo breve, laureados.

2.º

Para se reparar esse descaso e se modificar essa impatriotica actuação, devemos approximar os paes dos lyceus, dos gymnasios e dos collegios particulares, onde se ministre o ensino secundario, por meio de circulos, de conselhos, formados de paes, professores e alumnos á maneira do que já se realiza, junto a estabelecimentos de ensino primario.

3.º

Corre-nos ainda a obrigação de promovermos conferencias publicas, continuadas, constantes, insistentes e de reclamarmos o auxilio poderoso da imprensa, como numa verdadeira cruzada civica, ensinando qual o verdadeiro objectivo do ensino secundario, até que se forme a mentalidade verdadeira do povo, especialmente dos paes, de que guardada a devida relatividade, “um paiz vale o que vale o seu ensino secundario”.

DA VIDA DAS COBRAS

(LENDAS, CRENDICES E FACTOS)

Prof. Dr. S. de Toledo Piza Junior

da Escola Agrícola "LUIZ DE QUEIROZ"
de Piracicaba.

Nenhum animal, mais do que as cobras, se encontra envolvido em tão amplo circulo de mythós, superstições e crendices populares. Dellas contam coisas assombrosas, algumas das quaes, repetidas frequentemente entre nós até por pessoas de certos conhecimentos e de destaque, merecem ser aqui tratadas. Quasi todos os factos de apparencia mysteriosa e sobrenatural que a respeito das cobras se contam, tiveram a sua origem numa observação imperfeita ou no espirito de superstição ou na phantasia grotesca que dominavam as nossas primitivas populações ruraes e que ainda imperam nas regiões afastadas dos grandes centros de civilização.

Uma das crendices mais interessantes que conheço e já tive oportunidade de ouvir de pessoas de educação e de traquejo social, é aquella das cobras que diante de um perigo ameaçador engolem os filhotes, para evacuá-los mais tarde quando o perigo tenha passado.

A propositito dessa crendice, cujas raizes facil foi encontrar, para cá traslado parte de um artigo meu inserido em o N. 101, de Outubro de 1928, da "Revista da Sociedade Rural Brasileira".

"A imaginação popular é rica em crendices. O povo não reflecte sobre a veracidade dos factos e nem cogita de saber da origem das historias que ouve: acredita e propaga, eis tudo. A's vezes, salta aos olhos o absurdo, mas a lenda continua incontestemente a sua marcha através do tempo.

Certas historias inverosímeis do tempo dos escravos, são ainda hoje repetidas como se fossem verídicas, em pleno coração das cidades civilizadas e até por pessoas de certa posição.

Muitas cousas que se contam a proposito dos habitos de certos animaes, não passam de meras crendices cujas raizes se encontram na observação superficial ou imperfeita dos factos ou na sua falsa interpretação.

Eis, por exemplo, uma historia relativa á vida das cobras.

Muita gente assevera que as cobras, quando algum perigo imminente ameaça destruir a sua prole querida, com solicitude verdadeiramente maternal escancaram a enorme guela e os filhotes vão passando um a um para o ventre salvador. Quando o perigo cessa, quando tudo volta á calma primitiva, as mães carinhosas esvasiam o ventre crescido, soltando pelo anus as pequenas cobrinhas.

Recentemente, um meu amigo, fazendeiro, contou-me ter tido a confirmação desse facto. Disse-me haver capturado uma enorme jararaca, que remettera numa caixa de madeira, ao Instituto de Butantan. Dias depois, respondia-lhe o Dr. Vital Brasil, então director daquelle estabelecimento, agradecendo a cobra e as diversas cobrinhas que fizera a gentileza de enviar-lhe.

Uma cobra unica fora remettida e no entanto o destinatario accusara o recebimento de diversas cobrinhas a mais.

Esta historia tem a sua origem em tres factos diversos de observação corrente:

1 — *Cobras que põem ovos.* — Todo o mundo sabe que as cobras são, em maioria, ovíparas, isto é, deitam um numero maior ou menor de ovos, dos quaes, após um periodo de incubação mais ou menos longo, saem as cobrinhas. Innumeras são as pessoas que têm tido oportunidade de encontrar ninhadas de ovos de cobras e mesmo de observá-los durante a eclosão.

2 — *Cobras que engolem cobrinhas.* — Certas cobras, como sabemos, são ophiophagas, isto é, alimentam-se de outras cobras. Algumas, como a mussurana, por exemplo, têm nas cobras de outras especies a sua nutrição exclusiva.

3 — *Cobras que libertam as cobrinhas que traziam no ventre.* — Um grande numero de cobras venenosas, e dentre

ellas a jararaca, ao invés de porem ovos como fazem as ovi-paras, conservam-nos em seu organismo, onde elles se desenvolvem. Quando as cobrinhas estão perfeitamente constituídas, são postas em liberdade pela cloaca da cobra, que é uma fenda commum ao tubo digestivo e ás vias genitales. As cobras que assim se reproduzem, denominam-se ovo-viviparas.

Quanta gente não deve ter assistido ao nascimento das cobrinhas! Quantas cobras sacrificadas não devem ter libertado, pela ruptura do ventre, a prole que se achava em suas entranhas, prestes a nascer!

Eis ahi os tres factos autenticos da biologia das cobras, que deram origem á crendice em questão. Ao redor dellas a imaginação fertil do caboclo teceu sua phantasia. Habitado a ver que só os mammiferos dão cria, sabendo que as cobras deitam ovos, o caboclo que assiste ao repasto de uma ophiophaga e surpreende depois uma cobra eliminando pela cloaca a sua progenie, compõe, supersticioso e phantasia, o abusão romantico".

Outra crendice muito espalhada é de que as cobras mammam na vacca e até mesmo na mulher. Com as vaccas as cobras têm verdadeiros "rendez-vous". Todos os dias a determinadas horas, esses animaes se dirigem para o local onde a cobra os espera para a costumeira succção. No caso de mulher, é a cobra que se introduz sorradeira no aposento, galga o leito e sem despertá-la, suga-lhe os seios. Para impedir que o bebê chore, a cobra introduz-lhe na bocca a extremidade da cauda. O cascavel colloca o chocalho na mão da criança ou agita-o brandamente sobre a cabeça...

Nenhum abusão é tão absurdo e grosseiro quanto este.

Só mammam os animaes que constituem o grupo dos mammiferos. O mammar é a condição primordial para pertencer a esse grupo, do qual as cobras não fazem parte. Para extrair o leite das glandulas mammarias das femeas são necesarios uma conformação especial da bocca e labios e lingua apropriados. As cobras não têm essa conformação. Desprovidas de labios flexiveis e moveis, com lingua bifida, estreita e sem o sufficiente vigor muscular, esses animaes, por mais que se esforçassem, não conseguiriam sugar o leite das mammas. Além disso, nenhuma fema supportaria a succção exercida por uma bocca guarnecida de innumerous dentes ponteagudos.

A origem dessa crendice é, provavelmente, a seguinte: (1)

Os ovos de certas cobras, em determinado estado de desenvolvimento, apresentam um conteúdo liquido espesso e amarellado, assemelhando-se ao leite em começo de digestão. Morta uma cobra nessas condições, com grande parte da cavidade do corpo repleta desses ovos, deixa escapar pela ruptura do ventre em consequencia de pauladas ou pela abertura propositada deste, o conteúdo suspeito de suas entranhas.

De outro lado, é sabido que innumeradas causas podem fazer variar enormemente a produção do leite. Os zootecnistas e criadores sabem perfeitamente, que por motivos ás vezes indeterminados, uma vacca habitualmente optima productora, ao ser mungida pela manhã, apenas fornece uma quantidade minima de leite.

Dois fazendeiros vizinhos do tempo dos escravos se encontram na propriedade de um delles. No decorrer da conversa manifesta um a sua admiração pelo facto da vacca branca, a sua melhor leiteira, nenhum leite haver produzido. O outro, espantado pela singular coincidência, narra o facto de haver morto pela manhã, um pouco aquem da cerca do pasto que divide as propriedades, enormes serpentes cujo ventre estava repleto de leite.

De occorrencias como esta deve ter nascido o grosseiro abusão, que a imaginação supersticiosa do escravo deu vulto e a feição extravagante e inverosimil com que se estende á mulher.

Muito espalhada é tambem a crença das cobras deixarem o veneno depositado numa folha á margem, ao se banharem ou quando têm necessidade de atravessar a corrente. Como justamente explica VITAL BRASIL, essa crendice provém do facto das cobras aquaticas não possuirem veneno e das venenosas não poderem determinar accidentes quando se acham nagua, por não terem, nessas condições, o necessario ponto de apoio.

A fascinação que as cobras exercem sobre os pequenos animaes de que se alimentam, é frequentemente narrada por innumeradas pessoas. O proprio JULIO RIBEIRO, numa bella pagina bastante divulgada nas escolas pelo "Quarto livro de

(1) Compare-se a VITAL BRASIL. — "A defesa contra o ophidismo", pag. 22.

Leitura" de ARNALDO BARRETO e ROMÃO PUIGGARI, descreve uma scena de perfeita e impressionante fascinação. As pobres victimas do poder magnetico das cobras, attonitas, desvairadas, soltando gritos plangentes, attraidas pelo monstro, vão, cambakantes, precipitar-se em sua guela faminta. Eis a lenda.

As cobras attraem os animaes, diz muita gente que viu. As cobras attraem os animaes, repetem aquelles que ouviram.

A verdade, porêm, é, que as cobras não exercem fascinação alguma sobre os outros animaes. O seu pretendido poder magnetico não pôde ser confirmado pela experiencia. Esse pseudo poder tem, certamente, suas raizes, na observação superficial ou imperfeita dos factos. Provavelmente, a fixidez involuntaria com que as serpentes, cujos olhos desprovidos de palpebras, nunca se fecham e nem aos menos podem piscar, encaram as suas victimas, muito tem contribuido para o fundamento de uma capacidade fascinadora que na realidade não existe em grau algum.

Todas as experiencias feitas com o fim de verificar esse poder, assim como toda a observação bem cuidadosa, deram sempre resultados negativos. Os pequenos mammiferos e as aves não manifestam signal algum de fascinação pelas cobras com que se acham presos, bem como não mostram o minimo temor. Pousam-lhes descuidosos sobre a cabeça, percorrem-lhes as roscas do corpo, agridem-nas valentemente, ferem-nas, matam-nas...

Assim como uma gallinha que choca ou cria pintainhos se atira denodada contra um grande animal ou contra o homem, em defesa da sua prole, assim tambem, uma ave-sita qualquer agride heroicamente o reptil traiçoeiro postado proximo ao ninho. Arrepiada, piando, saltitando, a avezinha de bico entreaberto, procura atacar o reptil immovel. A immobibilidade da cobra encoraja a pobre ave que cada vez mais se approxima. Subitamente, um golpe invisivel se desfecha e a victima da sua propria coragem e de um zelo inexcedivel pela progenie, se debate na bocca da cobra.

O aspecto arrepiado e irrequieto e os gritos nervosos da ave, o olhar fixo da cobra e o bote rapidissimo com que ella colhe a sua victima, podem perfeitamente ser tomados, por um observador inexperiente, por uma scena de autentica fascinação.

Os ratos ou os coelhos postos em gaiolas com as cobras, não revelam nenhum temor. Andam sobre ellas, farejam-lhes o corpo todo, repousam nas suas roscas e ali fazem a sua toilette, sem sequer suspeitarem do destino que os aguarda. Aquellas, pelo contrario, encolhem-se, muitas vezes, a um canto da gaiola, amedrontadas, enquanto os buliçosos roedores cabrioleiam por toda a parte.

Tambem não é exacto que o homem exerça qualquer influencia magnetica sobre as serpentes. Os casos de dominio á distancia e de fascinação pelo olhar, são apenas apparentes. Resultam simplesmente do perfeito conhecimento da biologia e dos habitos desses animaes, bem como de uma especie de adestramento, o qual muitas vezes só começa depois de se haverem arrancado as presas inoculadoras do veneno.

Nas Indias, são muito communs os "encantadores de cobras". São individuos adestrados desde pequenos no manejo das cobras, que chegam a adquirir taes conhecimentos e taes habilidades a ponto de se exhibirem publicamente com enormes serpentes, ordinariamente *Najas*, cujas presas inoculadoras permanecem intactas. O perfeito conhecimento individual das cobras, um golpe de vista seguro, enorme ligeireza nos movimentos, resolução e coragem, são as causas do successo desse genero de exhibições. Apesar dos ophidios não poderem distinguir os sons musicaes, especies de flautas e outros instrumentos sonoros tomam sempre parte nos espectaculos dos "encantadores". Não obstante a habilidade e o tirocinio desses homens, poucos não são os que têm succumbido ao veneno das cobras com que trabalham.

Tambem entre nós apparecem, ás vezes, desses "encantadores de serpentes" que mostram as suas habilidades nos circos de cavallinhos ou nas praças publicas. Têm-se registado alguns accidentes mais ou menos graves determinados pela picada das cobras, nesses magicos ambulantes. Um dos mais conhecidos foi o que se deu em casa do Dr. CARLINDO VALERIANI, em Pirassununga, na pessoa do famoso "Cabo Cobra". Esse individuo segundo narra VITAL BRASIL, considerava-se immune ao veneno ophidico. Podia ser picado por qualquer cobra, sem risco algum, pois era "curado" ou tinha o corpo "fechado". Certa vez, diversas pessoas, sabedoras de que em casa do Dr. VALERIANI havia uma cobra venenosa, para la conduziram o "Cabo Cobra" que apostara ser capaz de brincar com ella e de tomá-la nas mãos. O Dr.

Influencia das Estradas de Rodagem e de Ferro na disseminação do Ensino Primario



As vias de comunicação constituem a base da disseminação do ensino.

O titulo acima é verdadeiro axioma. Sem facilidade de comunicações não será possível a diffusão do ensino.

São Paulo ha muito que compreendeu a verdade dessa afirmação. Ao lado da evolução de suas escolas operou, tambem, o desenvolvimento de suas estradas de ferro e de rodagem. E' assim que já possui mais de 7.000 kilometros de linha ferrea e cerca de 13.000 de rodovias. Por estas circula, num movimento intenso de progresso, a maior parte dos automoveis existentes no Brasil.

O graphico ao lado dá idéa desse extraordinario desenvolvimento das estradas paulistas, mostrando que em todas as regiões do Estado ellas se multiplicam, numa expansãe intensa de progresso.

VALERIANI, depois de se oppor e de mostrar todo o perigo que corria o "encantador" em brincar com a cobra, que era uma jararaca, cedeu, por fim, ás instancias dos circumstantes, apresentando o reptil ao "Cabo". Este, depois de se dirigir em termos carinhosos á cobra a que chamava "a bella Helena" pegou-a pelo meio corpo, sendo então picado junto ao cotovello por aquella cujas sympathias julgara haver conquistado. Largou o "Cabo" immediatamente a cobra e occultando ter sido por ella offendido, tentou retirar-se. Os primeiros signaes do envenenamento fizeram-no, a despeito de ser "curado" ou ter o corpo "fechado", aceitar a injeccão de soro que lhe offercia o Dr. VALERIANI.

Individuos que pelo olhar, por sympathia ou por meio de preces adequadas se dizem capazes de prender uma cobra qualquer a um determinado lugar, são ainda mais frequentes que os "encantadores". Narra um amigo meu, que de uma feita, cavalgava, acompanhado por um preto velho, em terras de sua propriedade. Estavam bem longe de casa quando viram, ao pé de uma arvore, enorme cobra. Lamentando não ter alli uma caixa apropriada e um laço, já se dispunha a matar o animal, quando o preto interveio, dizendo ser capaz de amarrar a cobra áquella arvore de maneira que elles poderiam continuar e á tarde voltariam para capturá-la. Depois de preces e de trejeitos que o preto executou, proseguiram. Ao voltarem, muito mais tarde, ao local, lá estava, realmente, a cobra amarrada.

Estes e outros casos identicos encontram a sua explicação no facto das cobras venenosas, que levam vida activa durante a noite e que pela conformação dos olhos quasi nada enxergam á luz do sol, passarem o dia pousando ou dormindo, não mudando de posição pela approximação do homem.

Ao contrario do que muitos pensam, o contacto do corpo das cobras, o seu bafejo, a sua lingua, a sua cauda, nenhum mal produzem ao homem. Só o veneno inoculado pelas presas é que produz accidentes. Não possuindo veneno ou meio de inoculá-lo, a cobra não occasiona mal algum.

A crença de que o veneno de cobra cura a lepra, é tambem muito espalhada. A' proposito conta-se a extraordinaria aventura de um leproso, que, para livrar-se do seu terrivel mal, deixa-se heroicamente picar por um cascavel. Mariano José Machado, chamava-se o infeliz. Sabendo que em certa casa do Rio de Janeiro, havia um cascavel, tomou a firme deli-

beração de se submeter ao processo. Em vão tentaram dissuadí-lo os parentes e amigos. Mariano tinha fé. A resolução estava tomada e havia de ser posta em pratica. Depois de firmar uma declaração de que agia de *moto proprio* e seria o unico responsavel por todas as consequencias de seu acto, dirigiu-se, acompanhado por muitas pessoas e por medicos, á casa onde havia a serpente. Chegando á presença da cobra, Mariano introduziu, resolutamente, sem a menor hesitação, a mão na gaiola. A cobra recusara mordê-lo. Encolhera-se a um canto e apenas dardejava a lingua bifida. Foi só depois de agarrada e excitada que ella o picou na raiz do dedo minimo. Umias 24 horas depois dessa tresloucada tentativa, expirava o pobre leproso.

Encontram-se na literatura mais alguns casos de leprosos que se submeteram a identico tratamento...

(De um livro em preparação).

Tendo sido de 58.316 toneladas a exportação de carne congelada em 1928, no valor de 71.892.000\$ subiu ella a 73.430 toneladas nos primeiros nove mezes de 1929, no valor de 101.618.000\$ ou 2 milhões 498 mil libras.

PUERICULTURA E MORTALIDADE INFANTIL (*)

Prof. D. Maria Antonieta de Castro

Educadora-Chefe da Inspectoria de Educação Sanitária e Centros de Saúde do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

“Defendendo efficientemente a raiz da raça, tornando-a mais forte em numero e na qualidade, virilizando-a e eugenizando-a, asseguramos ao nosso paiz um porvir mais bello e venturoso, servindo a um tempo a patria e a causa da civilização”

(LEREDU)

A morte prematura dos recém-nascidos, já ha muito proclamou Strauss — “é o peor desastre, é a vergonha suprema de uma civilização superior”.

De então para cá, se bem que em todos os paizes cultos tenha havido um grande movimento em torno da defesa, da criança postos em pratica os conhecimentos actuaes referentes á hygiene infantil, milhares de seres lançados cada anno aos mares da vida não chegam a completar seu primeiro anniversario.

Um decrescimo, entretanto, vem se notando nas cifras do obituario infantil. E’ o que se pode deduzir ao consultar as estatisticas que, em São Paulo, na Capital, mostram os seguintes dados no ultimo quadriennio:

Em 1925 - 176,43 -	(coefficiente sobre 1.000 nascimentos)
Em 1926 - 174,33 -	” ” ” ”
Em 1927 - 166,80 -	” ” ” ”
Em 1928 - 160,23 -	” ” ” ”

o que é auspicioso constatar pois essa baixa gradativa da mortalidade infantil vem coincidir, exactamente, com a institui-

(*) These sobre o thema “Nati-mortalidade e mortalidade infantil. Suas causas e remedios”, apresentada ao V Congresso Brasileiro de Hygiene reunido em Recife, em Setembro de 1929.

ção nesta Capital, da Inspectoria de Educação Sanitaria que através de seus Centros de Saude vem realizando obra notavel em favor da hygiene da infancia o que demonstra o numero de crianças, attendidas nesses serviços:

2.506	em	1925
13.280	em	1926
17.165	em	1927
29.487	em	1928
num total de 62.418 crianças		

E não falando nas causas da mortalidade infantil pedemais conhecidas e debatidas, falemos dos remedios e entre elles os que a referida Inspectoria vem largamente applicando.

Não a *clinica* que, segundo Waldomiro de Oliveira, "é util e indispensavel factor mas como complemento para boa e sã applicação dos principios basicos da hygiene. "E' arma fragilima contra problema tão complexo e arduo, ella que procura attenuar ou remover os effeitos que hygiene defeituosa ou ausente dá lugar; não previne, trata; não remove as grandes causas ou procura removê-las tardiamente. Os melhores pediatras praticam, sob o nome de *clinica*, largos preceitos de hygiene, formam a base unica e capaz de melhorar ou curar a criança doente, augmentar a capacidade de resistencia e de belleza da sã e amparar contra doenças. E diz ainda, o autor citado: "longe de nós julgarmos a clinica desnecessaria ás crianças, julgamos que ella deve entrar em um plano de acção sanitaria apenas como elementos cooperador em casos espeziaes".

E' pois da assistencia sanitaria ahi ministrada á criança nos seus serviços de Hygiene —pre-Natal e Infantil que desejamos falar a par da educação sanitaria.

E' verdade por ninguem posta em duvida que toda a hygiene infantil tem sua raiz nos cuidados dispensados á gestante. "Começando cedo — antes de nascer a criança aspiramos, por meio da hygiene pre-natal a multiplicar o numero de crianças que nascem sãs e robustas, pois é mais facil conservar sã a criança sã do que curar a doente, "e ainda" nenhuma criatura deve nascer com uma tara hereditaria, se ha meios de impedi-lo. A criança deve, tambem, receber pelo sangue materno, todos os elementos essenciaes para o desenvolvimento dos órgãos sãos. A assistencia pre-natal, appro-

priada, constitue um direito inalienavel de todas as mães e de todos os filhos" — Sterling.

Assim é, que, nos Centros de Saude (de 1925 a 1928) 15.677 gestantes receberam assistencia.

De estudos feitos em cuidadoso inquerito a que se procedeu verificou-se que 515 gestantes assistidas representam um conjunto de 2767 gestações que não tiveram assistencia pre-natal. Esses dados, comparados com os resultados obtidos em 497 gestações com assistencia pre-natal, dão o seguinte quadro comparativo:

Com hygiene pre-natal		Sem hygiene pre-natal	
Abortamentos	1,8%	Abortamentos	19,1%
Partos prematuros	5,8%	Partos prematuros	8,4%
Partos de termo	95,9%	Partos de termo	72,4%

Isto vem demonstrar, á saciedade, o quanto pode a hygiene pre-natal bem applicada o que faz lembrar o que diz Aráoz Alfaro sobre o assumpto: "A experiencia, particularmente a dos Estados Unidos, Inglaterra, Hollanda, Nova Zelandia e a nossa propria, na cidade de Buenos Ayres, nos mostra quão seguro é o resultado que se obtem quando se realiza uma campanha persistente e bem organizada".

Examinadas pelo medico, periodicamente, são submetidas a pesagem systematica, feitos exames especializados quando mister e tratamentos dieteticos e especificos.

Se timbrámos em salientar que a assistencia sanitaria pre-natal e infantil entram, de muito, na preocupação do programma da Inspectoria é para mostrar que a educação sanitaria ahi ministrada ás mães não constitue um ponto isolado, antes se entrelaça com a assistencia, aproveitando-se, mesmo, della, para sua maior expansão, tornando-se, por isso mesmo, o ponto de mira de todas as objectivas.

E a educação ás mães é feita ahi, com grande amplitude, visando os principios basicos da hygiene da criança.

A PUERICULTURA é ensinada pela Educadora Sanitaria ou seja por meio de palestras collectivas feitas diariamente ou por palestras individuaes de modo a calar fundo no espirito de cada paciente que dahi sai levando da palavra amiga a mensagem de saude de seu filho.

Tambem na COZINHA DE DIETETICA E DE DEMOSTRAÇÕES, conhecimentos especiaes são ministrados ás mães sobre o

modo de preparar os alimentos prescriptos pelo medico e que são feitos alli mesmo, ás suas vistas, em demonstrações praticas em que entra tanto de simplicidade como de clareza e precisão nas explicações.

Ainda o mesmo se pratica na ESCOLA DAS MÃESINHAS, cursos regulares de puericultura, pela primeira vez instituidos em São Paulo, em 1926 em o Centro de Saude Modelo e assim chamados por se destinarem, especialmente a alumnas adiantadas dos grupos escolares. Assim originadas, acabaram, entretanto, por alargar seu ambito de acção tal o interesse que despertaram, attraíndo grande numero de senhoras e senhorinhas.

Realizados annualmente tomaram, este anno, um incremento notavel pois alem de já se terem realizado cinco cursos nos serviços diurnos e nocturnos, acham-se actualmente, funcionando tres, respectivamente, nos tres Centros e obedecendo a programma já amplamente divulgado.

AOS DOMICILIOS tambem se estende o ensino da Puericultura através das Educadoras Domiciliarias cujas visitas são de summa importancia pois são feitas logo nos primeiros dias de vida da criança.

Não se contenta com isto o programma da Inspectoria no que concerne á Puericultura. Através de impressos, artigos, conferencias, radiotelephonia é feita larga propaganda dos conhecimentos de hygiene infantil.

VALOR DA PUERICULTURA. E bem merece, a Puericultura, tal preocupação em torno da sua divulgação visto ser uma das principaes armas no combate á mortalidade infantil.

Aliás o I Congresso Internacional das Gotas de Leite, em 1905, já aconselhava "que os poderes publicos facilitem por todos os meios, a vulgarização da hygiene infantil".

E Moncorvo Filho, ao iniciar, em 1925, no Instituto de Protecção e Assitencia á Infancia, no Rio de Janeiro, o seu "Curso Popular de Hygiene Infantil", a primeira experiencia no genero, que se faz no Brasil, tentando, segundo sua propria expressão, "imitar os patrioticos exemplos de Variot, Marfan, Comby, Mery, Martinez, Vargas, Schloss, Sisto e tantos outros que, em varios paizes, tomaram a si a tarefa de propagar conhecimentos de hygiene da criança" em sua aula inicial, diziamos, Moncorvo encarecia o valor da divulgação intensa, continua e tenaz de taes conhecimentos, que, affirmava,

“impõe-se, entre nós, mais do que em qualquer outro paiz por isso que, desta materia, até poucos annos atrás, mal se ouvia falar, sendo notorio o desconhecimento dos seus mais rudimentares principios na massa da nossa sociedade. Esta divulgação impõe-se, ainda mais, no seio da classe pobre, sem duvida, a parte mais densa da sociedade, e, na qual, por todas as razões, dominam a ignorancia, o preconceito e o analphabétismo”.

A ESCOLA DEVE SER A GRANDE DIVULGADORA DA PUE-
RICULTURA — Muito já tem feito, segundo mostramos, a
Inspectoria de Educação Sanitaria, neste terreno.

E porque não extender tal obra de divulgação a outros
apparelhamentos, á Escola, por exemplo, que deve ser a gran-
de divulgadora da Puericultura?

NA ESCOLA PRIMARIA—A Puericultura pode e deve ser
ensinada desde a escola primaria.

Citemos, com Almeida Junior o que Strauss e Brés,
em 1900, no Congresso Internacional de Ensino Primario
suggeriam: “a hygiene e a educação da primeira infancia
devem ser um dos principaes fins da educação domestica, em
todos os niveis escolares e um dos principaes objectivos do
ensino, nos seus diversos graus”.

NA ARGENTINA—Vemos, a Argentina, encarando de frente
tal assumpto o que demonstra Angel Gallardo, em 1920,
quando assim a elle se refere: “devem-se modificar os program-
mas vigentes nas escolas primarias, impondo, esse ensino,
em todos os graus, sem excepção”.

E elle é feito na escola primaria tanto que o texto de pu-
ericultura “Flor Humana” de Camillo Nuniagurria, verda-
deiro poema em prosa é de uso corrente para “la enseñanza
official de las escuelas primarias de niñas de la Republica”,
em Buenos Ayres, Corrientes e Santa Fé.

ENTRE NÓS—Em São Paulo, o ensino da Puericultura que
fora introduzido no programma do 4.º anno feminino dos gru-
pos escolares durante a gestão Oscar Thompson, foi, entre-
tanto, do mesmo, retirado pela reforma de 1925.

No RIO — A recente reforma de Fernando Azevedo cuida
do assumpto com especial carinho como o demonstra o art.
528, do decreto 2.940 que regulamentou o ensino do Districto

Federal, e, que estatue "A Hygiene e a Puericultura terão lugar preponderante no ensino primario ministrado ás meninas das escolas publicas, afim de prepará-las á sua futura missão no lar."

OS BONS EXEMPLOS — ahí estão. Urge que se quebrem as barreiras dos preconceitos e se extenda o ensino da Puericultura a todas as escolas primarias e collegios do paiz.

NAS ESCOLAS NORMAES — Para a effectivação, entretanto desse ensino na escola primaria, mister se faz o preparo do professor.

Este só poderá ser alcançado com a introduccão do ensino da Puericultura nas Escolas Normaes, o que felizmente já se verifica em São Paulo desde 1920, com a reforma orientada por Sampaio Doria, e ainda o projecto de lei apresentado, em 1922, no Senado, cujo art. 8, diz — nas escolas Normaes, Complementares e Profissionaes haverá um curso de hygiene infantil, dirigido ou por medico pediatra ou por professora que demonstrar competencia a respeito".

Isto sem nos referirmos ao Curso de Educadores Sanitarios mantido pelo Instituto de Hygiene de que, todos os annos saem turmas de Educadores Sanitarios especializados em Hygiene em geral e especialmente em Hygiene da criança.

E ainda no Districto Federal a já citada reforma tem incluido respectivamente nos artigos 154, e 391 do decreto n.º 2.940 a cadeira de Puericultura na Escola Normal e Profissionall Feminina. E o art. 395 que se refere ás Escolas Domesticas diz: "O ensino domestico terá por base, não somente os conhecimentos de alimentação racional que revestem caracter scientifico com a chimica e hygiene alimentar como tambem a Puericultura para a preparação das futuras mães de família".

Ainda esta preocupação no programma dos Cursos Populares Nocturnos Femininos (art. 408) e na regulamentação do Circulo de Paes que entre outros objectivos determina na letra c, § 1.º — art. 83, "o ensino ás mães de noções de puericultura, principios geraes de educação, especialmente hygienica".

Como podemos aquilatar do exposto, um grande interesse vem sendo despertado em torno da disseminação das noções imprescindiveis ao conhecimentos dos principios basicos da hygiene da criança e mais o amparo carinhoso á maternidade e assistencia e preservação infantis. Pudesse este palpitante problema estar sempre na ordem do dia das altas questões economicas e sociaes sujeitos ao estudo e apreciação investigadores de seus hygienistas, philanthropos, legislado-

res, estadistas e administradores” diz Clemente Ferreira e com elle terminaremos:

“Ao envez de mendigarmos ao velho mundo os refugos de sua civilização, os alluviões dos seus transbordamentos demorrhicos, de suas congestões demographicas, importando, tantas vezes, a preços elevados, elementos de desordem, de indisciplina e mais que isto, semeadores de molestias, de affecções antes aqui nunca observadas, em vez de transportarmos, para os nossos penates tantos invalidos, tão numerosas unidades sociaes de fraco poder productivo e de baixo coefficiente biologico, deveriamos tudo fazer para salvaguardar a semente, não medindo sacrificios para assegurarmos um infancia sadia e vivace para garantirmos o futuro capital vivo do paiz, um patrimonio humano opulento e solido”.

CONCLUSÕES

I — Constituinto, o ensino da Puericultura, um dos meios mais efficazes na luta contra a mortalidade infantil, o V CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE aconselha a sua mais larga divulgação por todos os recantos do paiz.

II — O V CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE lembra a grande necessidade de ser o ensino da Puericultura incluido nos programmas das escolas femininas primarias, normaes, profissionaes, domesticas, etc., publicas e particulares de todo o BRASIL.

Theses discutidas no recente Congresso de Professores, reunido em Porto Alegre:

“Hygiene dentaria”, pelo professor Cirne Lima;

“A unificação do ensino em seus methodos”

e “Alphabetização na zona rural”, pela professora Maria dos Anjos Ruiz Ferreira;

“Jardins de Infancia”, pela professora Branca Diva Pereira e Souza;

“Hygiene escolar”, pela dra. Noemy Valle Rocha;

“Instituições escolares”, pela professora Maria Amorim;

“A criança”, pela professora Vicentina Souza;

“Educação physica”, pela professora Amelia Porto Alegre.

“ JOÃO PERGUNTA ”

UM LIVRO DIDACTICO COMO POUCOS.

Prof. Dr. Octavio Domingues

Docente da Escola Superior de Agricultura
“Luiz de Queiroz” e da Fac. de Pharmacia e
Odontologia “Washington Luiz”, de
Piracicaba

“ — Bem dizia o vovô que no Brasil ainda ha muita coisa por fazer — diz João Pergunta.

— E’ mesmo — acrescenta Zé Pretinho. Para encher tudo isso de roçados e fazendas de gado a gente tem é serviço !

— E’ para isso que nós vamos aprender na escola, não é, João ? interroga Chico Pão.

— E’ para isso mesmo — respondeu João. Vovô disse que trabalhando no mato é que se faz grande o Brasil.

— Por que, João ?

— Ora, porque do mato é que vai tudo para a cidade. Vai o boi, vai o algodão, vai o assucar, vai o feijão, vai a farinha... Se não fosse o mato o que seria das cidades ?... Desappareceriam. Não sabe que as cidades vivem é do trabalho dos roceiros ?”

“Enquanto o trem corria, os meninos, olhando ao longe, pelas janelinhas do carro, viam o mundo girando com serras e tudo. Parecia que era o Brasil todo que girava, em redor delles, para mostrar-lhes o vestido verde de suas matas, o thesouro de suas serras, o espelho de suas aguas, como quem diz: Vocês estão vendo como sou grande e rico ? Estão vendo como ainda tenho tantas terras virgens, onde nunca entrou uma enxada ? Pois estas terras são de vocês. Tomem conta dellas, plantem, encham tudo de vida e de fartura”. — NEWTON CRAVEIRO — in *João Pergunta*.

Uma das maiores decepções, que trouxe da minha meninice, foi a pobreza miseravel das nossas letras, em materia de livros para crianças. Pobreza da literatura, e estreiteza de horizonte intellectual dos escriptores escolares, que me encheram a imaginação do mais degradante de todos os patriotismos — o patriotismo guerreiro. E se eu hoje não sou um soldado, não sou um sanguinario, adepto da força bruta, da guerra, da matança deshumana dos humanos, não foi á

falta de ambiencia propicia. Eis tambem por que acredito mais na força da hereditariedade do que na do meio social e da educação.

Nas escolas por que passei, todas as glorias militares mereciam os melhores applausos, sempre. Só os typos empennachados de generaes e guerreiros é que eram offerecidos á juventude como a quintessencia da perfeição e do patriotismo. A idéa de patria sempre estava ligada á idéa de guerra. Os heroes do Paraguay eram os da mais fervorosa devoção.

E isso dentro da historia patria, como fóra della. Ninguem apontava ás crianças do meu tempo os typos invejaveis de um padre Anchieta, de um Visconde de Cayru, de um Mauá, de um Mauricio de Nassau, de um Patrocínio, de um José Clemente Pereira, de um Santos Dumont, de um Machado de Assis... Esses nomes eram apenas citados, permanecendo occultos, para nós, entre os bastidores da nossa historia e da nossa cultura. O culto da mais ardente admiração estava voltado para os fardados, para os almirantes, para os marechaes, exclusivamente, porque só se compreendia servir á patria de espada em punho e canhão á ilharga.

As passagens mais triviaes de todas as nossas guerras andavam afluorando nas nossas boccas infantis. E fora do Brasil, ainda era para Annibal, para Napoleão, e outros que faes, que se dirigiam fervorosas todas as nossas admirações.

Qual a criança do meu tempo que não fingiu de Napoleão, com o chapéu de dois bicos atravessado na cabeça, e o braço esquerdo dobrado para trás enquanto a dextra se mettia entre os botões da blusa como o Corso em Santa Helena? E Pasteur? E Palissy? E Jenner? E Laennec? E Buffon? E Columella? E Esopo? E Lavoisier? Ignoravamos sua existencia delles. Entretanto quanta semente boa não teriamos feito germinar em nossos corações se conhecessemos a vida desses heroes sem hymnos!...

Essa reflexão me nasceu ao concluir a leitura desse primoroso livrinho de Newton Craveiro, do qual a segunda edição, retocada por elle, pouco antes de fallecer, foi entregue ao carinho da Com. Melhoramentos de S. Paulo, "cujos beneficios á causa do ensino brasileiro representam já uma tradição" — na affirmativa feliz do prefaciador de "*João Pergunta*".

E todos aquelles que soffreram a afflicção por que passou minha alma infantil — sede de livros que me despertassem o amor ao trabalho pacifico, ao patriotismo constructor dos

“heroes sem hymnos” — hão de pensar commigo, ao depa-
rarem com obras assim nos moldes dessa do prof. Craveiro.
Obras que só podem sãmente trabalhar o espirito das crianças.

Ha outro motivo ainda que me levou a receber com o
melhor dos applausos o livro do mestre-escola cearense.
Sempre me bati e me bato pela necessidade de fazer das es-
colas ruraes, não apenas escolas destinadas a preparar cida-
dãos alphabetizados, isto é, candidatos infalliveis á vida dos
burgos e a engrossar a hypertrophia das nossas industrias
pseudo-nacionaes. Sempre apontei taes escolas como um factor
do exodo rural, já bem sensivel em todo Brasil. Essas escolas
— só alphabetizantes — são incapazes de *ligar* provei-
tosamente o homem rural á terra. Ao contrario, offerecem-lhe
o meio mais prompto de fugir para as cidades, para o braço
industrial protegido por leis afandegarias, abandonando a
lávoura, a criação, onde apenas deve ficar o analphabeto.
E’ uma selecção do braço agricola feita ás avessas.

Mister se faz despertar, por meio de letras, o gosto, a af-
eição ás cousas ruraes, no filho do campo. Se educar é adaptar,
a educação do homem rural deve consistir na sua adaptação
á vida, aos trabalhos, aos misteres do seu meio..

Ora, o livro de Newton Craveiro é um livrinho que sabe
falar ás crianças do Nordeste, não do que se passa no Egypto,
na Russia ou Patagonia. Fala-lhes das seccas, de açudes, de
agricultura, de gados, enfim das cousas que são por força
o objecto das cogitações constantes da gente dali. Tudo o
que refere o autor de “*João Pergunta*” é affeçoado áquelle
clima, áquelle região, áquelle povo bom e martyr.

Eis a razão maior dos meus applausos. Applausos não
propriamente com a finalidade de applaudir, só. Ap-
plausos que deverão rebentar em estímulos para que outros
livros, como esse surjam viçosos, dando caça aos da velha
escola do meu tempo.

Mas o livrinho, se bem que revisto pelo autor, com es-
merada attenção e carinho, contém, apesar disso, alguns
senões muito facéis de serem sanados numa edição futura.

São falhas que o enfeiam, embora meros peccadilhos
veniaes.

Ao referir-se á germinação das sementes (pg. 100), D.
Luiza, a professora, não diz bem a verdade quando fala assim:

“ — Não, meu filho. As plantas só depois de germinadas
é que se nutrem das substancias da terra. Quando estão em

germinação, alimentam-se dos cotyledones, que são essas bandinhas do caroço que você está vendo.”

Não é bem exacto, porque nem todas sementes têm os cotyledones desenvolvidos como as do feijão. Estas sementes pertencem ao grupo das sementes *sem albume*, isto é, cujo albume já foi previamente consumido pelo embrião; ou melhor, o material de reserva daquelle passou para os cotyledones muito antes da semente ou fruto amadurecer. Nas sementes *com albume*, taes como o arroz, o milho, o trigo, et cetera (monocotyledoneas em geral) não houve a previa absorpção delle, pelos cotyledones. Esta só se dará por occasião da germinação. Desta sorte o embrião ao se desenvolver, para se transformar em plantula, utiliza-se, no primeiro caso (sementes sem albume, como o feijão do exemplo de D. Luiza) do material de reserva accumulado nos *cotyledones*. No segundo caso (sementes com albume) utiliza-se do material de reserva do albume, material esse que é absorvido pelos cotyledones, *durante o processo da germinação*.

Como se vê, a generalização do exemplo dado por D. Luiza é que acarretou o erro que aponto, para que outras D. Luizas de verdade não o multipliquem.

O sr. Leocadio, pae de João Pergunta, tambem comette um equívoco, talvez, de consequencia menos boa, quando diz aos meninos (pag. 83):

“ — O que se dá no prato é o mesmo que se dá no solo, a agua sobe, humedece de baixo para cima. E' a este phenomeno que os doutores chamam *lei da capillaridade*.”

Ora, o facto da agua de baixo subir para cima, na terra, não é a *lei da capillaridade*, mas tão somente o phenomeno da capillaridade, que se dá segundo certas leis (lei de Jurin e lei das depressões).

Ahi ainda é possivel notar-se o inconveniente de dizer que os doutores é que chamam... *Doutor*, para o vulgo, e portanto para a criança, mormente do interior, é o medico. Ora, não foram os medicos que denominaram esses phenomeno de capillaridade, foram os physicos, devemos dizer para sermos exactos.

Falar que os pêlos absorventes são de “natureza esponjosa” (pg. 124) não me parece boa explicação, pois dará uma idéa falsissima desses orgãos das plantas...

O nome do algodão de semente verde não é propriamente *verdum*, e sim *verdão* (pg. 133)...

A mariposa da lagarta rosada foi *Pectinophora* (com a no fim) e é *Platyedra gossypiella* (pg. 139)...

A guela não é o esophago (pg. 177). Este é a porção do tubo digestivo que fica abaixo daquella, como bem mostra a figura da pg. 178.

Nesta mesma pagina 178 ha dois enganos evidentes: o que passa aos intestinos é o *chymo*, e não o *chylo*. Na citação dos succos digestivos dos intestinos houve esquecimento do succo enterico, secretado pela propria mucosa intestinal. O outro engano é aquelle *ou* interposto entre veias e vasos chyliferos, pois o que nasce nas vilosidades intestinaes são veias e vasos chylliferos. Estes absorvem as gorduras digeridas, e as veias os outros productos da digestão, menos aquellas; esta é a verdade, e não como está á pg. 179.

A explicação de D. Luiza sobre o papel dos alimentos tambem não está boa. "Os alimentos, assevera com firmeza a professora, dão força ao corpo em vista da digestão..." A digestão é uma simples preparação dos alimentos que ingerimos, para que elles possam então ser aproveitados pelos tecidos do nosso corpo. A vida destes e a *dynamia* dos nossos órgãos resultam do consumo desses productos da digestão que, entrando na circulação sanguinea, vão até elles. Durante a digestão o nosso organismo só tem *despesas*. Seu ganho está no que resulta dessa digestão, e vai aos tecidos carreados pelo sangue.

E para finalizar esta parte menos agradável destas notas á margem de um livro util, quero lembrar que o dr. Viana podia ser mais modesto, ao dizer quem matou o fantasma da variola, no Ceará. Não foram bem os medicos. Foi Rodolpho Theophilo. E ahí o autor teria a oportunidade de prestar a mais justa das homenagens ao grande bemfeitor dos cearenses, nos ominosos tempos da variola.

Mas fechemos o escripto, que já vai longo. Fechemos com o melhor dos applausos e dos mais justos.

10-3-930.

Gregorio MENDEL, monge agostinho, austriaco, nasceu em 1822 e morreu em 1884. Botanico notavel, fez experiencias fundamentaes sobre hybridação das plantas.

O ENSINO DA LEITURA

METHODOS

Prof. Francisco Eusebio de Aquino Leite

Lente de Inglês do Gymnasio de Ribeirão Preto

Largas controversias tem suscitado os methodos adoptados até o presente, para o ensino da leitura, entre nós e o problema permanece ainda sem solução condigna, notando-se, apesar dos progressos realizados, grande balburdia na applicação e apreciação dos methodos e processos vigentes nas escolas, durante o não pouco dilatado periodo de quasi 40 annos.

E' curioso notar-se que grande damno tem soffrido o ensino da leitura com toda essa discussão, em grande parte inutil, mais em torno dos nomes, como sóe acontecer, do que em torno dos proprios methodos e processos, sua applicação e proveito.

Pensando em tudo isso é que ousamos manifestar o nosso pensar, embora desvalioso, no tocante a esse problema, pelo qual, de longa data, nos interessamos,

No começo, adoptou-se o methodo puramente "synthetico" partindo do ensino das letras do abecedario, combinadas para formar as syllabas; da leitura destas, combinadas para formar as palavras, terminando com a leitura destas ultimas, para formar a sentença.

Seguiu-se, assim, a ordem natural da formação da sentença, partindo dos seus elementos — puramente "materiaes" — letras e syllabas escriptas, que correspondem respectivamente aos "phonemas" e ás syllabas vocaes, como "unidades de som", para as palavras, que exprimem "idéas", e destas para a sentença, que exprime um "pensamento" completo.

Em seguida surgiu o methodo "synthetico analytic" da "syllabação", em virtude do qual parte-se do ensino "syn-

thetic” da leitura das syllabas para o das palavras, que não são lidas para formar a sentença, feito o ensino das letras, por “analyse” como elementos componentes das syllabas para possibilitar-lhes a leitura, por “synthese”.

Por fim — reconhecida a vantagem do ensino dos elementos “significativos” da sentença partiu-se do ensino da leitura das palavras, exprimindo “idéas”, para fazer a leitura da sentença, por “synthese” feito o ensino das syllabas “graphicas”, por “analyses”, como elementos componentes da palavra escripta, nellas “englobados”, ás quaes correspondem as syllabas vocaes, como “unidades de som” perfeitamente distinctas e destacadas, e, de igual modo, o ensino das letras como elementos componentes das syllabas “graphicas” aos quaes correspondem os “phonemas” como partes integrantes das syllabas “vocaes”.

A par deste ultimo surgiu o famigerado methodo da “sentencição” ou — “Methodo Analytico”. Por esse methodo, que impera nas escolas, ha mais de 30 annos, por um exaggero muito natural, em contraste com o antigo methodo “synthetico”, foi-se ao extremo opposto — invertendo a “ordem natural” da expressão do pensamento e da formação da sentença — ao ponto de se querer fazer o ensino da leitura, exclusivamente “analytico”, isto é, partindo da aprendizagem da sentença para a das palavras que a compõem, sob o pretexto de que — uma vez lida uma sentença, as palavras, syllabas e letras que a formam, se aprendem naturalmente — como se fosse possivel fazer a “leitura consciente” de uma sentença, sem primeiro fazer a das palavras de que ella se compõe.

Estamos plenamente convencido de que as experiencias de Binet, Henri, Decroly e Degand, em nada autorizam a conclusão de que se deva fazer o ensino da leitura “analytico”, na sua primeira etapa, isto é, partindo da sentença para a palavra.

O facto de que a criança retém e fixa, como affirmam, mais facilmente a sentença, que representa um “pensamento completo” (concreto ou abstracto), do que a palavra desligada, que exprime uma “idea (concreta ou abstracta), não póde ser aproveitado para o ensino da leitura, tomando a sentença como ponto de partida, isso porque o “processo natural” da expressão do pensamento só é realizado por meio

da enunciação ordenada e successiva de palavras que exprimem "ideias" — perfeitamente concatenadas — as quaes constituem o "pensamento" expresso pela sentença, falada ou escripta.

As palavras são lidas e aprendidas — formando sentenças — para depois de retidas e fixadas, serem usadas na leitura de "novas sentenças" que contenham as mesmas palavras com outra ou outras "desconhecidas", a ellas associadas, para serem assim aprendidas, por "associação" das idéas expressas por umas e outras.

Não se tem em mente reter e fixar um grande numero de sentenças para, por meio dellas, ler outras "desconhecidas", e sim, reter e fixar o maior numero possível de "palavras" empregadas em sentenças — aprendidas por meio dellas — para serem lidas "novas sentenças".

Não se deve perder de vista que a sentença escripta nada mais é que a representação "graphica" da sentença falada: portanto, o ensino da leitura daquella deve obedecer á ordem em que a enunciação desta ultima se processa, isto é, deve partir da primeira palavra até á ultima, exprimindo as "idéas associadas" que vão constituir o "pensamento" expresso pela sentença.

A leitura nada mais é que a reproducção do processo usado na conversação, na qual as palavras se succedem na sua "ordem natural", exprimindo uma serie de "idéas associadas" que vão formar "pensamentos" expressos por sentenças — na sua "sequencia natural".

A operação mental por meio da qual se apreende o pensamento expresso pelas "leitura global" da sentença — é "posterior" — ás operações mentaes "parciaes" por meio das quaes se apreendem successivamente as "ideias" que formam o pensamento, expressas pela leitura das palavras que formam a sentença.

Por outras palavras, o espirito apreende, por "synthese" a idéa expressa pela leitura da primeira palavra e pela de cada uma das que se lhe seguem, successiva e ordenadamente, até á ultima, e só então é que apreende o pensamento "no seu todo", o qual nada mais é do que a "synthese" das idéas expressas pelas palavras lidas, as quaes compõem a sentença.

Assim tambem, desde o momento em que o professor escreve as palavras — perfeitamente destacadas, no quadro negro — e as profere — destacando-as igualmente "no falar"

— está ensinando, evidentemente, não só a sentença, mas também as palavras, e estas — em primeiro lugar. O mesmo acontece com a criança que, ao ler e escrever as palavras de uma sentença, está forçosamente aprendendo tanto aquellas quanto esta, mas aquellas — em primeiro lugar.

Ademais, quantas vezes não lemos ou ouvimos — todas as palavras de uma só sentença — e temos de voltar atrás e reflectir, para apreender o pensamento por ella expresso, prova cabal de que a operação mental “global”, exigida para o conhecimento de uma sentença, escripta ou falada — é posterior — ás operações mentaes, “parciaes”, exigidas para apreender as idéas expressas pelas palavras que compõem a sentença, as quaes devem, portanto, ser aprendidas — em primeiro lugar?

Só então, também, é que pode ser feito o ensino “analytico” das palavras como elementos componentes da sentença, as quaes correspondem ás “idéas” que constituem o pensamento por ella expresso.

A analyse completa, assim, a synthese, mas — é-lhe “posterior”. Sem duvida, uma vez lida uma sentença, o espirito apreende e firma o conhecimento das palavras que a compõem, assim como é sabido que a leitura da primeira ou das primeiras palavras de uma sentença que já tenha sido lida, ou mesmo de um trecho, lembra e auxilia a leitura das demais que se lhe seguem e completam a sentença ou trecho, por “synthese”, e não por analyse.

Admittindo mesmo, como se pratica com o methodo “analytico”, que se antecipa o conhecimento da sentença, enunciando-a, para ser lida e escripta, em seguida, achamos que tal expediente, tão preconizado e elogiado, só concorre para — cercear a iniciativa — visto como, por meio da leitura das palavras exprimindo “idéas associadas” a criança auxiliada ou por si propria, e com mais porveito — chega ao mesmo resultado — isto é, completa o pensamento, impossibilitada de fazer a leitura “decorada”, da sentença, illudindo a fiscalização.

Resumindo, vê-se claramente que o ensino da leitura, o qual conduz á pratica da leitura livre ou corrente, exige a aquisição ou retenção de um “vocabulario” — sufficientemente abundante — cujas palavras são aprendidas — formando sentenças: (1) por “associação” das idéas expressas pelas palavras, (2) por “contraste”, “semelhança” ou

“identidade”, (3) auxiliado esse trabalho pela pesquisa das palavras “desconhecidas” de cada sentença ou lição, dispostas salteadas ou em “vocabulário”, e aprendidas, igualmente, por — contraste, semelhança ou identidade.

O facto de uma criança conhecer uma sentença, “decorada”, constitue até o inconveniente muito conhecido que faz com que ella a leia “muitas vezes” — sem que se esforce por conhecer todas as palavras de que ella se compõe — e assim — illude a fiscalização e perde a iniciativa, com prejuizo do rendimento da leitura, a qual é por isso — menos activa, menos exacta e menos sincera.

A leitura “synthetica”, partindo das palavras — cujo conhecimento “é exigido” — para a sentença, é, ao contrario — mais activa, mais exacta e mais sincera — e apresenta, por isso tudo — melhor rendimento.

A propria natureza e constituição da sentença escripta indicam naturalmente que as palavras que a compõem devem ser ensinadas — em primeiro lugar — pois que se destacam perfeitamente, umas das outras, e se distinguem por — contraste, semelhança ou identidade — correspondendo ás palavras da sentença falada, umas e outras exprimindo “idéas associadas”.

Escapam, de todo, a nossa compreensão, as razões ponderosas que levam os apologistas do methodo analytico a partir da sentença, chegando ao ponto de querer fazer esse ensino “exclusivo” para ensinar a leitura ás crianças, a não ser o motivo de que, com isso, ensinam-nas — a pensar.

Não se lembram, porém, de que, assim procedendo, afastam-se do verdadeiro objectivo, que é — o ensino da leitura — o qual é, assim, fatalmente prejudicado e retardado, como prova, á evidencia, o pouco rendimento desse ensino nas escolas, onde, ha tantos annos impera.

Não se trata, indubitavelmente, de — ensinar a pensar, para aprender a lêr — e sim, de — ensinar a lêr para aprender a pensar — e, mais que isso — para se instruir.

Mantemos e repetimos, finalmente, sem receio de contestação, que o ensino “inicial” da leitura — mesmo que se antecipe o conhecimento da sentença o que só deve ser feito, no começo — deve ser todo elle, “synthetico”, e não analytico, visto que: —

1.º) — esse ensino visa reter e fixar — o maior numero possível de “palavras — e não, de “sentenças”, para por meio dellas conseguir fazer a leitura de “novas sentenças”, até attingir a leitura livre ou corrente;

2.º) — as palavras se reteem e se fixam por “synthese”, isto é, por meio da “associação” e “sequencia natural” das idéas por ellas expressas — as quaes vão completar o pensamento expresso pela sentença, e não, por “analyse” como elementos componentes della;

3.º) — portanto, o ensino “synthetico” das palavras — deve preceder — ao ensino analytic, que delle depende, e do qual é “mero auxiliar” para a aprendizagem e fiscalização do conhecimento perfeito de todas as palavras empregadas na sentença.

O ensino das syllabas e letras é que, dada a natureza de umas e outras, deve ser “analytico”: (1) o das primeiras, como elementos syllabicos “englobados” nas palavras, aos quaes correspondem as syllabas vocaes, como “unidades de som” perfeitamente destacadas “no falar”; (2) o das segundas, como elementos phoneticos das syllabas “graphicás”, aos quaes correspondem os “phonemas” vogaes e consoantes, como partes integrantes das syllabas vocaes.

Em qualquer dos casos — a analyse completa naturalmente a synthese, e vice-versa — isto é; (1) o ensino “synthetico” da sentença — por meio das palavras que a compõem — é completado pelo ensino “analytico” dessas mesmas palavras: (2) o ensino “analytico” das syllabas e letras, como elementos componentes das palavras e syllabas, respectivamente, é completado pela leitura “synthetica” das palavras, por meio das syllabas, e destas por meio das letras.

No nosso humilde entender, assim deve ser feito o ensino da leitura, isto é, a palavra é o “ponto de partida commum” como elemento “vivo”, que exprime “idéa”, (1) por “synthese” (associação) — para a sentença, que exprime um “pensamento”; (2) por analyse — para a syllaba, como representando “unidade de som” da palavra, e da syllaba para a letra, como representando “unidade de som” da syllaba.

O defeito dos antigos methodos, baseados respectivamente no ensino da “letra” e da “syllaba”, está em que se partia

desses elementos — puramente “materiaes” — por “synthese completa”, no primeiro, admittindo o segundo, “synthese e analyse da syllaba.

O defeito capital do methodo “analytico”, actualmente em voga, está em que, baseando-se no ensino da “sentença simples”, conforme ficou explicado acima, exaggera esse ensino e vai ao ponto de fazê-lo “exclusivo” e demorado, chegando a descurar e mesmo desprezar o ensino da “palavra isolada”, e até a das syllabas e letras: donde o seu tracasso.

Aliás, esse methodo é propriamente “synthetico analytico” visto como parte da sentença, como um “todo” de partes perfeitamente “distinctas”, portanto, por “synthese” e — inverte a “ordem natural” seguida na expressão do pensamento e na formação da sentença que o representa — para ensinar as palavras, por “analyse”, como elementos componentes daquella.

Accrescente-se finalmente, que, em consequencia da applicação do methodo analytico, o ensino “exclusivo” e prolongado, de “sentenças simples” — declarativas, interrogativas e exclamativas — ás vezes, sem nexos, separadas, sob o pretexto de que a criança, já na idade escolar, em geral só — declara interroga e exclama — conduz erro de forçar a criança, para aprender a lêr — a retroceder, para pensar como na mais tenra idade, quando começa a falar — e dahi o prejudicar e retardar-lhe o desenvolvimentô mental, em inteiro desaccordo com o que allegam os fanaticos do methodo “analytico” em voga, o qual, como affirmam com entono — ensina a criança a pensar.

As crianças, desde que já sabem falar mais ou menos desembaraçadamente, algumas até de dois annos, não se limitam a — declarar, interrogar e exclamar — porêem, muito ao contrario, procuram tambem, “conversar” e até fazem nisso grande empenho.

Donde o empregarem, muito naturalmente, a intonação “ascendente”, exigida pela virgula, a par da “descendente”, exigida pelo “ponto final”, “ponto e virgula” e “dois pontos”, contra o que se pratica nas mais populares das cartilhas em uso, nas quaes formigam os “pontos finaes”, de interrogação e exclamação — com ou sem cabimento.

Nota-se ainda que o “ponto de interrogação”, admittindo as duas intonações — ascendentes ou descendente — conforme a sentença interrogativa é “directa” ou “indirecta”,

e por exigir "emphasis" e expressão distincta, produz a confusão das duas intonações, e dá origem ao "aleijão", hoje vulgar — adquirido na leitura — de ser uma sentença interrogativa "indirecta" expressa com intonação "ascendente".

Note-se ainda que, tanto ponto de "interrogação" como de "exclamação", são pouco usados na leitura usual, e exigem ambos "intonação emphatica" que, nem mesma muitos adultos conseguem dar com rigor, quando leem, como ninguém ignora.

Outra talha é a verdadeira guerra movida ás flexões do plural, a começar pelas dos proprios artigos, perdendo-se assim a opportunidade preciosa de ensinar a "fricativa", *s*, e de corrigir logo, de começo, o defeito popular de — se engulirem os *ss* finaes — ao ponto de professoras esforçadas se queixarem de que baja alumnos que, até no 4.^o anno dos grupos — ainda engolem *ss*.

Numa das cartilhas mais populares, como já constátamos, e póde ser verificado por qualquer, os artigos no plural orçam por "menos de doze", e as formas verbaes, por "menos de trinta", ao todo.

A preocupação do ensino exclusivo da "sentença simples", tomada como ponto de partida, dá em resultado que, por esse methodo, conforme se vê nas cartilhas em uso o proprio ensino indispensavel das syllabas e letras, que habilita a lêr — qualquer palavra desconhecida — e portanto — qualquer sentença — é defeituoso, por ser feito incompleta e desordenadamente, sem obedecer a qualquer criterio rigoroso, pratico ou scientifico.

Por isso mesmo é interessante notar-se como varias dessas cartilhas analyticas ainda se ressentem da influencia dos antigos methodos de "syllabação", e manifestam a preocupação de ensinar as letras, e syllabas, por meio de phrases ou sentenças que as contenham, repetidas, do que resulta encontrarem-se nellas, sentenças deste teor: "O boi bebeu e babou. Que boi babão!"

Quanto a esse ensino, entendemos que deve ser feito, desde o começo, por meio das palavras estudadas, empregada numa sentença ou lição — dispostas em vocabulario, no quadro negro — com as syllabas escriptas a duas cores, destacando a "tonica" e as suas "correspondentes".

O vocabulario deve ser usado, ao mesmo tempo, como "lugar das referencias" e como auxiliar mnemonico indispen-

savel para a pesquisa e aprendizagem de palavras cuja leitura aconteça falhar numa sentença ou lição, além da vantagem de "regular" o numero de palavras novas a serem usadas em cada lição, evitando assim que haja cartilhas, e das mais populares, que apresentam, logo na 1.^a lição — 14 palavras differentes, em 4 sentenças apenas.

O ensino das syllabas e letras deve ser auxiliado com a escripta e leitura dos "syllabarios fundamentaes" das vogaes e dithongos, oraes e nasaes, das consoantes, a partir das "fricativas", *s, l, r, z* e *z* (final = *s*), que dão syllaba "directa" e "inversa", as nasaes, *n* e *m*, e as demais que só dão syllaba "directa", terminando com as "explosivas", todas na ordem da sua classificação, até á última explosiva labial, *b*, exactamente a primeira consoante, na ordem alphabetica.

As vogaes devem ser ensinadas em primeiro lugar — antes de tudo — pelos seguintes motivos:

1.^o — por serem "phoremas essenciaes" da voz humana ou "vozes", propriamente ditas;

2.^o — por serem apenas "cinco", faceis de traçar e de facil aquisição mnemonica;

3.^o — porque "tres" cellas, *a, e* e *o*, constituem "palavras de relação", de uso constante na lingua portuguesa e "mais tres", accentuadas, *á, é* e *ó*, as duas primeiras de uso constante ao todo "seis" palavras;

4.^o — porque duas delas, *o* e *a*, são as terminações usuaes para os generos, masculino e feminino, respectivamente, em portugûes;

5.^o — porque podem constituir "syllabas" — por si sós, em qualquer posição — ou combinadas, formando "dithongos", alguns dos quaes são palavras; *ai, ao, eu, ou, ui*;

6.^o — porque constituem o elemento "basico, fundamental", de toda e qualquer syllaba pois — não ha syllaba sem vogal — (1) por si sós, (2) combinadas em "dithongos" e "trithongos", e (3) com consoantes.

Das consoantes, a fricativa *s* deve ser ensinada — em primeiro lugar — pelos seguintes razões:

1.^o — por ser uma "fricativa" que se profere e se ouve "claramente", sem o auxilio da vogal.

2.^o — por ser de uso constante na lingua portuguesa, como "flexão do plural" dos substantivos, pronomes, adjecti-

vos e participios, a começar pelas dos artigos, *os, as, uns, umas*, além do seu uso — em qualquer posição, só, com o som que lhe é proprio — com o som de *z* e dobrada entre vogaes, no meio das palavras.

3.º — por ter forma bastante distincta da das outras consoantes.

4.º — porque é, de todas as consoantes, aquella cujo syllabario completo é “mais rico” em “monosyllabos”, isto é, dentro 80 syllabas, 42 são “monosyllabos”.

Dentre as syllabas, devem ser ensinadas com particular cuidado, as syllabas ou elementos syllabicos “vivos” que podem representar “idéas” e são, portanto, palavras monosyllabicas ou “monosyllabos”.

Tanto esses monosyllabos como as syllabas “iniciaes” e “finaes”, estas quando “atonas” devem ser decompostos nos seus elementos phoneticos — simples (vogaes), compostos (dithongos) e complexos (vogaes e consoantes) — escriptos a duas cores, nelles destacando as vogaes e dithongos, “oraes” e “nasaes”, syllabas “inversas”, e “grupos” consonantaes.

Todo esse ensino deve ser feito gradual e methodicamente — acompanhando o desenvolvimento do ensino da leitura — conversando, palestrando, “sem sentir”.

Baseado na experiencia, podemos dizer que, assim procedendo — todas as syllabas e letras são aprendidas suavemente, sem esforço e sem fadiga, em pouco tempo.

Para auxiliar esse trabalho effectuamos um estudo completo dos syllabarios e syllabas usadas na lingua portuguesa, tendo constatado o numero de 528 syllabarios com 2.640 syllabas, sem contar as de vogal com accento, um menor numero das quaes são “monosyllabos”, as restantes são elementos syllabicos “materiaes”, grande numero dos quaes de uso constante, outros, menos usados, e outros enfim, desusados.

Resolvemos publicar as observações expostas acima, crente de que, com isso, prestamos algum beneficio á orientação do ensino da leitura nas nossas escolas a qual vem sendo tão rudemente criticada de tempos a esta parte, particularmente no que se refere ao seu pouco rendimento.

Este pequeno escripto é um resumo do trabalho mais extenso que realizámos numa cartilha e num "Guia do Ensino da Leitura" os quaes só aguardam a possibilidade de serem publicados.

Pede urgente solução esse problema do ensino da leitura — e, quem diz leitura, diz "alfabetização" — que já vem sendo debatido ha quasi meio seculo, sem que se tenha chegado, comtudo, a qualquer conclusão satisfactoria.

E', comtudo, promissora a recrudescencia da discussão e critica dos methodos de ensino da leitura, o que vem demonstrar o descaso com que, ha muito, vem sendo tratada a "methodologia", essa parte fundamental da pedagogia, sem a qual esta não póde existir e é letra morta. (*)

Muito tem soffrido o ensino primario com essas falhas, justamente nas suas partes essenciaes — o ensino da leitura e o de arithmetica. Ambos de ha muito veem soffrendo as consequencias perniciosas das copias servis dos methodos e processos exóticos.

Já tinhamos as taboadas de Parker, rejeitadas, aliás, pela maioria dos professores e professoras; agora, estão em moda os já celebres "carretões" exigidos nos exames de admis-

(*) O meu prezado e illustrado amigo professor Renato Jardim, em o numero de Janeiro, p.p. desta revista, procura resolver o problema, e acha que, para isso, tres coisas apenas, são necessarias: — (1) que não se permitta o mau espirito de tudo uniformizar; (2) que se vença o preconceito de que o methodo analytico, é melhor que qualquer outro; (3) que se vença igualmente o interesse commercial que as "cartilhas analyticas" representam.

Concordo com a primeira, contanto que não vá ao extremo de admittir a anarchia didactica ou de permittir a applicação de methodos condemnados. Estou de perfeito accordo com a segunda. Quanto á terceira, sinto discordar por completo, visto conter implicitamente no seu bojo, a injustiça clamorosa da suppressão das cartilhas analyticas, actualmente em uso, e, se posta em execução, trará como consequencia a desorganização completa do ensino da leitura das escolas.

De facto, vencer esses interesses commerciaes, muito respeitaveis, aliás, é menos prezar direitos adquiridos pelos

são aos gymnasios, e até adoptados na resolução "synthetica" de problemas de fracções, de "curso primario", em livros elogiados como seguindo o methodo "analytico". Já se indica e se ensaia o ensino hybrido de arithmetica, algebra e geometria, applicado — ao ensino primario.

Ou nada enxergamos ou isso tudo é o maior destempero perpetrado em materia de methodologia do curso elementar.

Mau grado toda essa copia de processos exóticos, ou por isso mesmo, muitas crianças terminam o curso dos grupos, entram para os gymnasios, mas — não sabem, nem numeração, nem sommar nem subtrair com perfeição — como temos constatado innumeradas vezes, e ha mais de 20 annos que observamos essas falhas no ensino de arithmetica, e para

autores dessas cartilhas, com a approvação e adopção dellas nas escolas; peor que isso, é menosprezar o estorço despendido na confecção dellas, pelos seus autores, e por ellas representado.

Lembro, de minha parte, baseado apenas no bom senso, que é a melhor regra pedagogica, uma solução simples e equitativa, de facil applicação, particular ou geral, para uma escola ou grupo, ou para todos os grupos e escolas. Esta solução, cujos resultados beneficos se farão logo sentir, deverá obedecer ás seguintes providencias:

1.^a — abolição do emprego do methodo "exclusivo" da sentença ou "methodo analytico".

2.^a — substituição desse methodo pelo methodo "synthetico analytico" descripto anteriormente.

3.^a — aproveitamento das cartilhas analyticas actualmente em uso, contanto que com ellas se pratique o ensino rigoroso das palavras, com o ensino methodico e gradual das "syllabas" e "letras", acompanhando o desenvolvimento do ensino da leitura, até que surjam novas cartilhas em que seja feito esse ensino.

Ao nosso ver, a syllabação já deu o que tinha de dar, já prestou os seus serviços e ainda presta onde não ha outro recurso.

De cartilhas de syllabação, bastam as actualmente existentes no mercado, as quaes, por si mesmas se eliminarão naturalmente, com o tempo.

ellas vimos chamando a attenção, sem que se tenha operado a minima modificação na orientação seguida no ensino elementar dessa materia, até aqui.

Pelo que temos lido a respeito, todos esses processos são elogiados como sendo "analyticos". Em vez de se ensinar arithmetica, isto é — a "calcular bem", para poder resolver, com exactidão e rapidez, qualquer problema e effectuar qualquer operação — ensina-se a resolver problemas e a effectuar operações, sem a pratica indispensavel e sem o perfeito conhecimento do calculo numerico elementar.

O pretexto é, como no ensino da leitura, que a resolução de problemas — ensina a raciocinar — como se a compreensão do proprio calculo não fornecesse igual ou talvez melhor oportunidade para desenvolver o raciocinio, e como se fosse esse o principal objectivo do ensino de arithmetica.

Um das melhores definições de arithmetica é a de ser a "sciencia dos numeros e a arte de calcular". Esse é o seu objectivo primordial, e, a resolução dos problemas é simplesmente — uma das uteis applicações da arithmetica, completada pela algebra, a seu tempo.

A "mecanica dos numeros" é, por si só, uma excellente gymnastica mental, além do que, tanto quanto os problemas contribue para desenvolver o raciocinio.

Não faz muito tempo como já relatámos em outro lugar, vimos uma alumna intelligente, de 2.º anno de grupo escolar, a qual ao contar de 3 em 3, partindo de 1,2,3 — começou a gaguejar, e, ao pedirmos que sommasse mais ligeiro, acabou por confessar que só podia sommar — "devagar" e contando nos dedos.

Alumnos de gymnasio local, conforme foi constatado pelo proprio cathedratico — não sabiam "escrever numeros" — pelo que viu-se forçado a exigir exercicios de escripta de numeros, nos exames de admissão.

Os calculos de sommar, mesmo os mais simples como esse mencionado acima, feitos por meio do "primitivo contador com que Deus nos dotou", só se podem explicar pelo facto de se darem contas e problemas ás crianças, desde o começo, como é geralmente praticado, antes de estarem perfeitamente correntes nos exercicios indispensaveis das taboadas de sommar.

Em toda essa discussão em torno dos methodos de leitura a serem adoptados, é forçoso convir que tem havido grande desperdicio de erudição: deitam-se abaixo os livros das prateleiras, vai-se até a idade media, até a Roma e Grecia antigas; citam-se summidades, desde o afamado e moderno Decroly, até Pestalozzi (1746), até Jacotot (1770), até Comenius (1593), e até o velho e sempre novo Socrates, só para mostrar — como se deve ensinar a lêr. Mas, nem assim até hoje se chegou a um accordo que a todos contentasse.

E' que não nos lembramos da verdade contida no proloquio popular que diz: "Mais vale uma onça de sabedoria que uma libra de erudição".

Vê-se finalmente que, apesar dos protestos em contrario, ainda vivemos escravizados ao indefectivel — "magister dixit" — ou, o que é ainda peor, adoptamos e preterimos methodos exóticos, em regra, sem maior nem mais aprofundado exame, não raro desprezando o que é nosso, não obstante ser melhor.

Araraquara, 15-2-1930.

No recente congresso de professoras estaduais do Rio Grande do Sul, patrocinado pela Directoria Geral da Instrução Publica desse Estado, trataram-se as seguintes questões:

- 1 — Unificação do ensino nos seus methodos.
- 2 — Instituições escolares.
- 3 — Programma das Escolas Normaes.
- 4 — Educação e Instrução.
- 5 — Interesses geraes da professora publica.
- 6 — Hygiene na escola.
- 7 — Escola activa e seus methodos.
- 8 — Inspeccão escolar.
- 9 — Necessidade da uniformização orthographica.
- 10 — Papel da mulher no ensino primario.
- 11 — Jardim da infancia.
- 12 — Nacionalização do ensino.
- 13 — Ensino de anormaes.
- 14 — Educação physica.
- 15 — Vantagem do desenho e modelagem no ensino.
- 16 — Ensino da Geographia e Historia pelos methodos modernos.

T H E S E (*)

Prof. La-Fayette Côrtes

Director do Instituto La-Fayette,
do Rio de Janeiro

Como organizar o ensino secundario de um modo geral para attender á sua verdadeira finalidade ?

A rigor, o governo temporal só se deveria preoccupar com o ensino primario, gratuito e livre, sem se afastar da laicidade estabelecida pela Constituição de 24 de Fevereiro.

O poder destinado ao commando material não deveria absorver o ensino secundario, nem tão pouco o superior, que se tornariam assim privativos da iniciativa particular, de accordo com o verdadeiro espirito republicano.

Attendendo-se, porém, ao estado actual da sociedade, dada a situação especial do momento em relação a problema tão relevante, tão ligado á solução geral da questão social, admitta-se em termos essa interferencia do poder politico, como órgão coordenador do ensino, mas em character provisório, reconhecida a transição necessaria e indispensavel para uma tendencia cada vez mais desofficializadora das questões pertinentes ao dominio espiritual.

Tanto mais justificada se torna na actualidade essa intervenção official, quanto mais se verifica a falsa noção que se tem do exame e do diploma, considerados ainda, lamentavelmente, como a finalidade visada pelos que frequentam as escolas secundarias e superiores.

Não se confundam, porém, as cousas, não se queira desvirtuar a verdade. Admittir a legitimidade da acção official como elemento coordenador do ensino, em face de noções evidentemente erroneas averiguadas no ambiente, por falta de um poder moral geralmente acceto para solucionar os diversos problemas, é condescender com um mal necessario, de ca-

(*) These apresentada á Terceira Conferencia Nacional de Educação, em resposta ao segundo quesito formulado pela secção de ensino secundario.

racter evidentemente temporario. O contrario disso seria prender o ensino ás restricções proprias da officialização asphyxiando a iniciativa privada, circumscrevendo e até impossibilitando a liberdade de acção, inutilizando as forças de maior capacidade criadora.

No Brasil, como em toda a parte, a iniciativa privada não poderá deixar de ser o elemento devéras impulsor do ensino. O que é preciso é preparar o horizonte, modificar a mentalidade, para que sejam logo descobertos e denunciados quaesquer embustes dos que pretendam, porventura, mercantilizar com o ensino, preparando-se a propria opinião publica para ser o órgão julgador, de modo a estabelecer-se a atmosphera indispensavel de liberdade, quando estiver sufficientemente esclarecido o assumpto.

Emquanto se não chegar a tal *desideratum*, entreguemos ao Estado a missão provisoria de coordenar e fiscalizar o ensino, sem absorvê-lo, sem esterilizar as iniciativas proveitosas, sem matar a liberdade cooperadora dos que tiverem capacidade para trazer luz á solução do problema.

Complemento indispensavel do curso primario, base da cultura média da nação, não póde nem deve o ensino secundario continuar a representar o papel subalterno de preparar apressadamente candidatos ás escolas superiores. O ensino secundario, como o ensino primario, como todo e qualquer ensino, *terá de ser essencialmente educativo, character que perdeu*, entre nós, por motivos varios, mas principalmente graças á desordenada corrida em busca do exame, transformado de meio em finalidade, de modo relativo de julgar em preocupação exclusiva, em ideal supremo, em el-dourado, em Chanaan...

O maior de todos os males, pois, está na errada noção que se tem do ensino. Essa situação muito se aggravou com tres successivas reformas, que facilitaram a proliferação dos vicios já existentes, provocando as mais desastrosas consequencias. Trata-se, respectivamente, do regime dos equiparados, da Lei Organica e do processo do exame parcellado, que frutificou á sombra do Decreto 11.530, de 18 de Março de 1915. Tudo se reduziu, num crescendo alarmante, durante esses tres regimes differentes, á preocupação exclusiva e baixamente utilitaria do exame...

Os equiparados resultaram no escandaloso desastre a que todos assistimos. Seria o ideal dos regimes provisórios, emquanto se julgasse imprescindível a manutenção de um estabelecimento de ensino secundário official como padrão, se outra fosse a mentalidade, se não estivesse o ar viciado pela vertiginosa escalada aos exames, transformados estes no curso secundário em degraus de fácil ascensão ao curso superior. Corrompeu-se o systema por estar corrompida a noção que se tem do ensino. Desappareceu a preocupação de aprender, substituída pela preocupação de obter certificados de aprovações.

Tinham, pois, os collegios secundários de escolher : ou a missão de ensinar ou a missão de facilitar os exames. Se escolhessem a primeira missão, por ser a mais digna, estariam a braços com a tarefa mais trabalhosa, qual a de disciplinar nos adolescentes, para lhes formar a individualidade, as tres faculdades da alma humana : o sentimento, a intelligencia, o character. Se preferissem a segunda tarefa, certamente a menos trabalhosa, embora ou por isso mesmo a menos digna, muito simplificariam as suas funções. Mais ainda : os que ficassem com a missão de ensinar, cairiam no desagrado dos interessados, teriam o decrescimo da matricula, entrariam em decadencia, morreriam á mingua ; ao passo que os que accitassem a missão de facilitar os exames teriam as sympathias dos committentes, a plethora de alumnos, o augmento correspondente dos lucros.

Como, pois, admittir o regime dos equiparados em ambiente fascinado pela obtenção das aprovações em massa, pela ansiosa corrida em busca do diploma, sem a menor consideração da verdadeira cultura physica, intellectual e moral, legitima finalidade do curso secundário ? Como, pois, admittir o regime dos equiparados, collocando a machina dos exames nas mãos dos collegios particulares, por mais conceituados e respeitaveis que fossem, se difficilmente poderíamos contar com a necessaria unidade de resistencia por parte dos directores, sujeitos ás prementes solicitações de um meio que ainda não adquiriu a noção da real finalidade do ensino secundário, como do primário e do superior ?

Nem se diga que a rigorosa fiscalização da repartição competente corrigiria o vicio, conseguindo a regeneração do systema. Por mais vigilante e por mais completa que se pudesse fazer essa inspecção official, ficaria sempre margem para as maiores facilidades por parte dos menos resistentes, abrin-

do-se a porta das aprovações immerecidas, estabelecendo-se a falta de unidade nos julgamentos, que oscillariam conforme a maior ou menor condescendencia da direcção e do corpo docente desse ou daquelle instituto.

O regime dos equiparados seria, pois, o mais razoavel e equitativo, emquanto permanecesse a necessidade da existencia de um estabelecimento official como padrão, dada a impossibilidade de se estabelecer desde logo a plena liberdade de ensino para que temos fatalmente de caminhar no futuro, se já tivéssemos outro horizonte, em que predominasse a noção de que o ensino secundario só preencheria a sua finalidade, quando formasse a individualidade, como base da cultura media da nação. No actual ambiente, porém, só poderá o regime dos equiparados aggravar o mal, baixando ainda mais o nivel intellectual da escola secundaria.

A Lei Organica procurou preparar a nação para a completa desofficialização do ensino, regime ideal e definitivo, quando o meio passar a *confiar menos nas virtudes do diploma do que na cultura real do cidadão*. Foi o plano mais completo e avançado que temos tido para solucionar o problema. Para lá teremos de caminhar fatalmente, quando se tiver renovado o nosso horizonte, por um longo e complexo trabalho de educação.

O desastre a que nos conduziu essa reforma, inspirada pelos mais alevantados intuitos do ministro Rivadavia Corrêa, veio patentear quanto estava a atmospheria desapparelhada para desfrutar as vantagens reaes da liberdade de ensino, decorrente da propria liberdade moral, a maior conquista social dos tempos modernos.

A Lei Organica não encontrou, pois, ambiente, tendo produzido males evidentemente maiores do que os que procurara corrigir. A venda desabusada de diplomas, se por um lado desmoralizava por completo os privilegios anti-republicanos que a estes acompanhava, fazia, por outro lado, proliferar uma industria despudorada e revoltante que poderia durar muitos e muitos annos, todo o longo tempo necessario para modificar a falsa noção que entre nós se tem do ensino.

Tivemos, em 1915, o Decreto 11.530, que restabeleceu as tendencias necessariamente provisórias para a officialização do ensino, tendo tido a boa inspiração de não restabelecer

a equiparação dos collegios particulares, mas havendo caído no erro innominavel de permittir os exames parcellados que passaram a ser a norma unica, a preocupação exclusiva dos que buscavam o curso secundario, inclusive dos que se não tinham aparelhado com os conhecimentos indispensaveis do curso primario.

Não se exigia qualquer prova de conhecimentos preliminares para poder o estudante iniciar os exames parcellados. A precedencia entre estes estabelecida era a mais precaria como coordenação de conhecimentos. Meninos e jovens mais ou menos analphabetos, desprovidos dos conhecimentos educativos mais elementares, apresentavam-se nos collegios trazidos pelos progenitores. Informavam estes á direcção do estabelecimento que exames teriam de fazer os filhos no anno lectivo que ia decorrer. Em geral e para começar o primeiro anno de estudos: portuguez, arithmetica, geographia, chorographia do Brasil e cosmographia e historia do Brasil. No anno seguinte, outros quatro e assim ainda no terceiro anno, pois o ideal era fazer em tres annos todos os estudos do curso secundario, sem ter passado pelo curso primario. Procurava-se, portanto, fazer no Brasil em tres annos o que geralmente se faz em outros paizes em 12 annos (o curso primario e o secundario).

Passava o collegio, passava o professor a desempenhar a missão inutil e prejudicial de ministrar em um anno o ensino de longo e complexo programma de exame final de portuguez, de francês, de latim, de arithmetica, de physica, de historia natural...

Era a desordenada, a vertiginosa arremettida aos exames parcellados. Os collegios particulares, mesmo os bem orientados, não tinham força para corrigir um erro que se tornara geral e que era estabelecido, consagrado e estimulado por lei.

Não se puderam reorganizar esses institutos de ensino secundario, desarticulados os antigos pelas chagas da equiparação que ainda estavam a sangrar, pelas consequencias lamentaveis da Lei Organica e sem se poderem firmar em moldes deveras educativos os que se fundaram depois de 1915, dado o vicio absorvente dos exames parcellados.

Tudo continuava reduzido á preocupação empolgante e baixamente utilitaria do exame. Era a corrida desabalada, o trabalho feito de afogadilho, sem methodo, sem rumo educativo, sem noção scientifica, resumido á tarefa ingrata de

monstruosa deformação cerebral, a puro e esterilizante esforço mnemonico.

E vinha, para completar a obra degeneradora das legitimadas faculdades da alma humana, o livresco preparado por habilissimo profissional, contendo apenas as questões dadas em exame, resumo do estritamente imprescindivel para a escalada heroica...

Era geral a grita dos educadores contra o nivel a que tinha descido o ensino secundario. Reunidos na Liga Pedagogica, os directores dos collegios do Districto Federal, de Niiteroy e de Petropolis, com a solidariedade de professores de merito, pediam ao governo, em mensagem sollicita, o estabelecimento da seriação obrigatoria, para que se pudesse coordenar a acção educativa desses Institutos.

Eis a atmospheria real em que surge o Decreto 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925. Que fez essa reforma em relação ao curso secundario ? Estabeleceu as seguintes medidas :

a) o exame de admissão obrigatorio ao curso secundario, constante do ensino concreto que se deve ministrar no curso primario ;

b) a suppressão dos exames parcellados ;

c) a seriação obrigatoria ;

d) a frequencia obrigatoria ;

e) a prohibição de se fazerem num mesmo anno exames de mais uma série ;

f) extensão da concessão de juntas examinadoras aos collegios do Districto Federal e das capitães dos Estados que eram pela lei anterior iniquamente concedidas sómente aos collegios do interior ;

g) o descongestionamento dos exames do Collegio Pedro II, que não podia comportar o numero de examinandos provindos de toda a parte.

Essas medidas permittiram que os collegios particulares de curso secundario se reorganizassem em moldes mais educativos, graças principalmente á obrigatoriedade do exame de admissão e ao estabelecimento da seriação obrigatoria.

Essa, essencialmente, é indispensavel a qualquer organização escolar. E' o methodo já preconizado pelo grande Descartes, de accordo com a propria coordenação da sciencia.

Continuavam, porém, vigilantes os que tinham saudades dos exames parcellados. Começaram os ataques contra o Decreto 16.782-A, apontado como lei draconiana, o que chegou

a impressionar muita gente de boa fé, por ser a medida proveniente de um governo apontado como reaccionario.

Entre os principaes oppositores estavam os partidarios dos exames parcellados. Em 1927, apparece na Camara o projecto que permittia naquelle anno os exames parcellados, ficando todos que um delles fizessem com o direito de terminarem o curso pelo condemnado processo.

Esse decreto produziu sensivel perturbação na reorganização que se vinha operando, perturbação que ainda hoje perdura e que muito veio prejudicar os estudantes que se quizeram servir dessa faculdade. Bastará estabelecer-se um concurso publico entre os jovens que se mantiveram no curso seriado e os seus collegas de anno que se transferiram para o parcellado. A differença de cultura intellectual será pelo menos de 50% a favor dos primeiros. E quanto á parte propriamente educativa, quanto á formação da individualidade, nem se poderá estabelecer qualquer paralelo.

Continuavam, porém, vigilantes os que tinham saudades dos equiparados. E o decreto 16.782-A, que teve a decisão de supprimir o exame parcellado e o bom senso de não restabelecer a equiparação dos collegios particulares, foi annullado nessa ultima parte com o projecto tambem da Camara que permittiu a equiparação dos collegios pertencentes ás municipalidades.

Mais uma medida moralizadora do Decreto 16.782-A vinha por terra. Os collegios particulares que tinham ficado, em face da reforma de 1925, em igualdade de condições, sem privilegios quaesquer, voltavam a um regime ao mesmo tempo fallido e iniquo. Fallido, por ser bem conhecida a historia dos antigos equiparados. Iniquo, porque se estabelecia a equiparação dos que se dissessem pertencentes ás municipalidades, exceptuados os do Districto Federal e das cidades em que já houvesse um collegio equiparado.

E uma nova molestia entrou a minar o organismo do ensino secundario, a molestia das municipalizações que tanto se generalizou pelo interior do paiz...

Conservemos, pois, as conquistas já alcançadas pelo Decreto 16.782-A no que têm estas de apreciaveis e pugnemos pela realização de outras medidas addicionaes que possam dar a maior unidade possivel á solução do problema do ensino secundario.

Peçamos a supressão dos equiparados quaesquer, começando por combater a molestia das municipalizações.

Quanto á seriação, já não está em vigor a da reforma em apreço, mas a que foi ultimamente suggerida pela Dcuta Congregação do Collegio Pedro II, seriação que satisfaz razoavelmente, exceptuando-se a parte relativa ao ensino da arithmetica, algebra e geometria concomitantemente.

Outro ponto que merece ainda exame detido e que está a entrar em grande parte o progresso do ensino secundario, é a *questão dos programmas*. Em geral *congestionados, longos, sacrificando a noção de conjunto pela preocupação de minucia, sobrecarregando inutilmente a memoria, perdem estes o verdadeiro aspecto scientifico pela falta de articulação entre as diversas disciplinas. Façamos programmas mais limitados quanto á extensão, mais generalizados quanto ás ideias, com menos nomenclatura e mais essencia scientifica, sobretudo realizaveis dentro do tempo destinado a cada anno lectivo. Consideremos que o curso secundario não se pode aproximar de quaesquer predomínios de especialização, destinado que é á idade em que se adquirem as noções geraes dos principaes conhecimentos humanos.*

Generalizemos as noções para podermos conseguir mais realidade. Tratemos de cada disciplina sem perder de vista as outras, para se não sacrificar o plano conjunto. Só assim se poderá conseguir a coordenação esthetica e scientifica necessaria aos conhecimentos genericos do curso secundario.

Exerçamos, por outro lado, verdadeira acção educativa sobre todo o Brasil; multipliquemos as excursões como as que fizeram Ignacio Amaral e Vicente Licinio Cardoso, realizando a bella iniciativa do saudoso Tobias Moscoso; trabalhemos dentro e fóra das escolas; prosiga na sua tarefa a Associação Brasileira de Educação, preparando o meio para melhores realizações.

Antes de se ter modificado a mentalidade actual, pouco se poderá conseguir. Os decretos, as reformas não poderão produzir o milagre de transformar de chofre um ambiente inveterado em determinados erros. A solução do problema dependerá mais dos homens que das leis, dependerá mais da moralidade destes que de quantos regulamentos se possam architectar.

CONCLUSÕES

Primeira :

Conservemos as seguintes medidas conquistadas pelo Decreto 16.782-A :

- a) exame de admissão obrigatorio ao curso secundario;
- b) supressão dos exames parcellados;
- c) seriação obrigatoria;
- d) frequencia obrigatoria;
- e) proibição de se fazerem num mesmo anno exames de mais de uma série;
- f) juntas examinadoras a todos os collegios considerados idoneos em quaesquer regiões do paiz.

Segunda :

Pugnemos pela derrogação do Decreto que permite a equiparação dos collegios municipalizados ou que se digam municipalizados.

Terceira :

Acceitemos a actual seriação do curso secundario, suggerida pela Congregação do Collegio Pedro II.

Quarta :

Indiquemos como imprescindivel a constituição de uma missão de professores officiaes, nomeados pelo Director do Departamento Nacional do Ensino, cu indicados pela Congregação do Collegio Pedro II, *para a organização dos programas*, commissão de technicos capaz de encarar a questão de conjunto do curso secundario, harmonizando as necessidades de cada materia com as necessidades geraes do ensino, mediante entendimento com os professores de cada cadeira. Essa commissão seria o orgão coordenador para a obtenção de um todo homogeneo.

Quinta :

Trabalhemos pela fundação de escolas normaes superiores, destinadas á formação technica do professorado do curso secundario, pois só essa medida solucionará a parte principal do problema.

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1929.

OS ESTUDOS CLASSICOS E A FINALIDADE DO ENSINO SECUNDARIO (*)

Prof. Henrique Geenen

Lente de Grego do Gymnasio
de Ribeirão Preto

Da educação da mocidade depende o futuro da raça humana sob o triplice ponto de vista material, intellectual e moral.

A geração vindoura será o que fizer o ensino e a educação que lhe administrarmos.

Só estes têm força para dominar o "Poder das Trevas" da ignorancia tão realisticamente debuxado por Tolstoi.

Estes axiomas inconcussos e de que todos estamos convencidos communicam uma singular importancia ás menores questões debatidas em um Congresso como o vosso.

Quer se trate dos meios de diffundir o ensino primario, destinado á totalidade da população de um paiz, ou de tornar mais proficuo o ensino superior que forma technicos especializados nos ramos mais altos dos conhecimentos humanos, ou da proficiencia do ensino secundario, é sempre o futuro da nação e da humanidade que está em jogo.

São os tres elos indissoluveis da corrente que prende o presente ao futuro, os tres raios de uma mesma luz com que pretendemos allumiar o caminho da humanidade. E' sempre para o progresso dos nossos filhos que pretendemos contribuir: desejamos que elles sejam mais sabios, mais honestos, mais felizes do que somos.

Todos nós anelamos por dar maior eficiencia possivel a estes tres factores do progresso, da cultura e da civilização.

(*) The e apresentada á III Conferencia Nacional de Educação, reunida em São Paulo, em Setembro de 1929.

Podem surgir divergências quanto aos processos mais aptos para a consecução do fim collimado, nenhuma existe no tocante a este fim.

Facilita esta consideração o respeito ás opiniões adversas: não pôde haver malquerença quando todos se inspiram de um mesmo ideal tão nobilitante.

E' no tocante á finalidade immediata do ensino secundario que esta divergencia inevitavel entre os homens que pensam pela propria cabeça, mais se accentua.

A mesma indole deste ensino secundario offerece motivo de duvidas: simples encaminhamento para os estudos superiores, ou meio educativo de uma élite social; destinado apenas a preparar futuros advogados, engenheiros, medicos, tornando-os aptos, por um previo estudo adaptado a este fim restricto, a melhor assimilar-se os ensinamentos da instrucção superior, ou a formar fazendeiros, banqueiros, empregados publicos, capitalistas, jornalistas, toda uma numerosa classe de cidadãos dotados de uma instrucção acima da que se pôde administrar á massa do povo.

Resolvida esta questão preliminar, ainda devemos especificar o ideal que pretendemos alcançar para lhe proporcionar os meios mais convenientes.

Quer nos parecer que ainda aqui, se nos detivermos apenas a considerações geraes e genericas, ha um terreno commum, aspirações identicas para os partidarios das doutrinas mais oppostas.

Todos nós desejamos que progrida no seio da humanidade o culto incondicional da verdade, do bem e do bello. A illustração da intelligencia, a formação de caracteres moraes, firmes e fortes, a elevação dos ideaes estheticos: são tres desiderata communs a todos aquelles que pretendem contribuir ao bem da raça futura.

Quanto á primeira contenda, é minha convicção intima, que se deve reconhecer no ensino secundario uma indole propria, especifica, independente da consideração de estudos ultteriores.

A origem historica do ensino secundario pugna em favor desta opinião. O ensino das linguas e o dos elementos da philosophia, de que se forma, era a principio um dos ramos do ensino superior, mas ramo de uma importancia tão predominante que se considerava indispensavel para todos os candidatos a outras especialidades.

Ninguem se dedicava a estudos juridicos, theologicos, medicos, sem se inscrever na faculdade de philosophia e letras.

O Dr. Fauconnet numa de suas bellas conferencias sobre o ensino, feitas em S. Paulo, delineou em claros traços esta origem do ensino secundario.

Não fosse a sua origem sufficiente para nos esclarecer a este respeito, a sua indole nos havia de convencer de sua especificidade.

E' o ensino secundario o unico que, pela sua natureza, tende não a mera administração de conhecimentos technicos, utilitarios, mas a formação das forças intellectuaes e moraes dos individuos.

Seu fim não é, não deve ser, o de administrar conhecimentos necessarios á aquisição do cabedal scientifico que resultará dos estudos superiores, mas antes de tudo o desenvolvimento das forças intellectuaes que tornarão os candidatos a esses estudos, capazes de os adquirir como o de dar aos que não se destinam a estas carreiras liberaes, uma cultura geral mais elevada.

Se tal é a indole do ensino secundario, resulta como corollario necessario que deve nelle prevalecer o ensino classico..

Ainda aqui podemos recorrer ás lições das historia, mestre infallivel cujos ensinamentos nenhum povo despreza sem perigo

"Só os estudos classicos poderiam ter posto um dique efficaz contra a lamentavel decadencia das letras, artes, e sciencias do seculo XIV na Europa", escreve Gebhart, no livro instructivo: *Les Origines de la Renaissance en Italie*.

Falando do incrível esplendor das letras e artes na Italia, nos ultimos seculos da Idade Media que deu ao mundo, um Dante, Petrarca, Miguel Angelo e Raphael, escreve o mesmo autor: "*L'Italie recueillit de la culture classique un fruit immortel et des humanités elle recevait la civilisation: l'humanité*".

E' ainda ao predomínio dos estudos classicos que a França do seculo XVII deve seu predomínio intellectual secular no mundo pela producção das obras de Racine, Corneille, Molière e Bossuet.

Durante dois seculos na propria Allemanha, na alta sociedade se falava o francês.

Desta escravidão mental a Allemanha só se libertou depois que Goethe e Schiller embebendo-se directamente nas fontes gregas e latinas, deram á lingua patria a harmonia e

a perfeição de expressividade que até então lhe faltava, e contribuíram ao reerguimento da alma nacional pela criação de uma lingua admiravel, laço de união de suas tribus dotadas de poderoso espirito antagonista e excessivamente particularista.

“São as obras da Grecia que em ultima analyse, diz Sperber na Historia da lingua Allemã, que determinam o ideal tanto nas artes, como na lingua de uma incomparavel plasticidade dos dois Dioscuros germanicos”.

Igual influencia benefica exerceram da antiguidade estas obras classica na literatura inglesa. Que seria da humanidade sem Homero, escrevia a Hog, o mavioso poeta lyrico inglês Shelley. Quando retiraram das ondas do mar Tyrreneo, o cadaver do grande vate, acharam no seu bolso uma edição de Sophocles.

Byron pagou com o sacrificio da propria vida a sua gratidão á Grecia.

Os proprios politicos desta Inglaterra, aparentemente tão utilitaria e mercantil, esta elite aristocratica que poz a raça anglo-saxonica á frente de todas as raças do mundo, dando-lhe a hegemonia universal durante o seculo dezenove e cujo declinio ninguem ainda se atreve a vaticinar, é toda ella educada nos fortes e vigorosos estudos classicos.

Depois de cinco annos de escola, nos diz André Maurois, um alumno lê duas vezes Homero, Virgilio quasi inteiro, Horacio, e é capaz de compôr em latim epigrammas sobre Nelson ou Wellington.

O grande estadista Pitt, tendo-se interrompido um dia ao discorrer na Camara dos Communs, no meio de um verso de Virgilio, toda a Camara, Wighs e Tories, se apressou para, em alta voz, terminar a erudita citação.

E' pois, de se notar, que não é apenas na formação do talento dos grandes escriptores de todas as linguas européas, mas na educação de seus maiores homens de guerra, como Turenne e Condé, do seculo XVII na França, de seus maiores homens de sciencia, de seus melhores estadistas, que poderosamente contribuiu a educação classica.

As provas que poderia citar são numerosissimas.

Educação puramente scientifica, estreita os horizontes intellectuaes; pôde encher a cabeça, formá-la é que não; pôde dar ao mundo eruditos, sabios é que não; pôde contribuir

ao progresso material transitorio de uma nação, ao seu progresso ideal e verdadeiro, é que não.

Deve, pois, no ensino secundario, para que corresponda a sua indole e preencha a sua finalidade, ter predominio o ensino classico.

Sabemos que entre nós, a necessidade para os estudantes de se apropriar, como meios de estudo, de pelo menos duas ou tres linguas estrangeiras, augmenta consideravelmente o numero das materias de estudo quasi necessario, e que ao ensino da lingua materna não se pode consagrar desvelo exaggerado.

Mas, para este proprio estudo a apprendizagem do latim é, não só um poderoso subsidio, mas ao vêr dos entendidos, uma imprescindivel necessidade. Quando na França transitoriamente tornaram facultativas para certas carreiras liberaes o estudo do latim, observou-se que as composições francesas dos alumnos que sacrificavam semanalmente muitas horas do francês, para estudar o latim, eram incomparavelmente mais bellas e ficavam superiores ás dos alumnos que só se dedicavam ao estudo da lingua materna.

O mesmo direi dos elementos do grego, sem cujo conhecimento toda tentativa de ensaios philologicos portuguezes, tão estimados entre nós, são meros devaneios perdidos. O conhecimento destes rudimentos servirá mais tarde aos que entusiasmados pela belleza do mais perfeito dos idiomas humanos desejassem se aperfeiçoar nos seus estudos.

Iniciar estudos de linguas, na idade já madura é difficil, mas desenvolver conhecimentos, embora rudimentres adquiridos na idade juvenil, na maior plasticidade cerebral e retentividade da memoria, é mil vezes mais facil.

Que, pois, os Estados do Brasil que sobrepuzaram ás materias obrigatorias do ensino federal e dos elementos do grego, não privem os seus filhos desta vantagem, e convina, ao meu vêr, que o proprio governo federal restabelecesse este ensino como facultativo, tornando o exame, nesta materia, obrigatorio apenas para os candidatos ás futuras faculdades de Philosophia e Letras.

A criação desta faculdade é uma das maiores necessidades para a cultura. A criação de centros de estudos não directamente utilitarios, como os da philologia, da historia das antiguidades brasileiras, das linguas indigenas, de philosophia, se impõe a uma nação que pelo seus altos destinos e glorioso

futuro, tem forçosamente que se emparelhar com as demais adiantadas.

Não fallecerá aliás de todo, o alcance pratico immediato e estes da faculdade de Philosophia e Letras. Nellasse formarão os futuros lentes de nossos gymnasios estaduaes e collegios particulares.

Nestes estabelecimentos os nossos alumnos das faculdade de Direito, poderão utilissimamente completar os conhecimentos juridicos com conhecimentos philologicos conforme a predilecção de cada um delles.

Ha, pois, tres motivos, tres resultados praticos dos quaes cada um por si, já seria sufficiente para impôr a criação immediata da faculdade de Philosophia e Letras.

Os interesses materiaes, e por conseguinte os estudos que a estes directamente contribuem, se impõem primeiro ás nações novas, em via de formação.

Mas, o Brasil chegou evidentemente a um estadio de progresso tal que deter-se neste caminho, seria da parte de seus governos cegueira indesculpavel, seria commetter um crime contra a alma da propria nação. Incommensuraveis são os recursos que a natureza offerece aos felizes habitantes do nosso immenso territorio. Não permittamos sejam desfrutadas taes riquezas por estranhos, pelo motivo de faltar a nossos filhos cultura sufficiente.

“A’ intelligencia pertence o futuro dos povos”; disse o grande estadista Roosevelt. Criar centros de desenvolvimento intellectual, embora com sacrificios monetarios sem rendimento apparentemente immediato, é trabalhar para a grandeza futura da patria mais intelligentemente do que de qual-quer outra fórmula.

As conclusões praticas destas curtas considerações inspiradas pelo amor sincero ao Brasil, minha segunda Patria, são as seguintes:

1.º — Intensificação dos ensinos classicos; manutenção do ensino elementar do grego nos Estados e sua reintrodução nos programmas officiaes tornando-se o seu ensino obrigatorio só para os futuros candidatos ás faculdades de Philosophia e Letras.

2.º — Criação de escolas normaes superiores ou Facul-

dades de Philosophia e Letras, para o preparo de lentes do ensino secundario e o complemento de estudo juridicos.

3.º — Augmento de premios escolares para intensificação dos estudos secundarios..

4.º — Repartição num minimo de 6 *annos* obrigatoria das materias do exame de seriados.

São estas as quatro conclusões praticas que tomo a liberdade de submeter ao vosso abalisado julgamento.

Ribeirão Preto 24 - VI - 29.

Receita para quadro-negro

A parede, no espaço em que vai ficar o quadro-negro, deverá ser rebocada com massa de cimento e areia de 0m.,015 de espessura, na proporção de 1 para 3.

Sobre ella se collocará a massa de quadro-negro, de 0m.,005 de espessura, e feita, por metro quadrado, das seguintes substancias:

Plombagina.....	200 grammas
Pós de sapato.....	1500 grammas
Cimento.....	3 litros
Areia fina.....	2 litros
Alcool.....	200 grammas

A massa deverá ser alisada com colher levemente aquecida, passando-se, depois, sobre toda a superficie, estopa molhada em agua e sabão.

THESE DE ENSINO PRIMARIO (*)

Prof. Andronico de Mello

Director do Grupo Escolar de Itatiba

A NECESSIDADE DE UM SERVIÇO DE FIXAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE PHYSICA, INTELLECTUAL E MORAL DO EDUCANDO E DA SUA ESCOLARI- DADE COMO ELEMENTO DE ALTO VALOR NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR.

Não ha sciencia que beneficiado não se tenha, que não se constitua em magna parte pelos resultados das investigações experimentaes. Assim a psychologia e a pedagogia. Ultimamente então, esta ultima se tem aproveitado muitissimo daquella, cuja compreensão phenomenista iniciada ha menos de um seculo, magnificamente ampliada pela escola francesa, está hoje no seu acme, com as pesquisas mais recentes em que se incluem os tests em geral.

E, nesta these, não percamos nunca de vista o objectivo principal dessa psychologia que é conhecer pela exteriorização de estados e movimentos psycho-physicos, o homem, o ser mais sujeito a reacções intrinsecas e extrinsecas, em seu substracto e em suas tendencias, como elemento variavel de progresso e aperfeiçoamento.

Nesse sentido é que têm pesquisado, empregando o melhor de seus esforços, Fechner, Weber, Wundt, Dithey, Ribot e muitos outros arrebanhados para o seu pontificado. Dos mais modernos seria injustiça não lembrar de Toulouse, Binet, Claparède, Dumas, Dewey e Piéron.

E' tão grande, na actualidade, a preocupação de conhecer o individuo sob todos os aspectos em que possa se apresentar que, daquella psychologia dogmatica, de que nos falam os tra-

(*) — These apresentada á III Conferencia Nacional de Educação, pelo prof. Andronico de Mello, director do Grupo Escolar de Itatiba.

tados de philosophia, simples lucubrações, só se cuida hoje em alguns exames. Como amostra desse interesse é preciso citar o doutor Paul Godin, que durante 26 annos investigou o desenvolvimento physico dos escolares e nos deu ao fim, em 1913, a laureada obra "La croissance pendant l'âge scolaire" que, por ser um trabalho exclusivista e alongado, é interessantissimo para o educador.

Da psychologia classica, rapido, viemos para a experimental, graças ao valor da causa, e em cujo ambito appareceram os ditames pedagogicos attinentes ás solitudes a dar aos sentidos, ás funções e por concomitancia ao physico, attendendo-se de um modo geral á acuidade, ao desenvolvimento, ao adexramento, sem fadiga, sem repudio e sem favor á doença.

Cambiarão então os processos de ensino. Da decoraçáo passou-se á comprehensão, da leitura deletreada á sentenciada, dos calculos extensos aos problemas graduados, das minucias de conhecimento ás visões de conjunto, como elementos de função educativa e não de armazenamento de saber, armas de trabalho e não de entrave. E assim é que estamos na pedagogia experimental, em que são attendidas as condições individuaes, as de ambiente, de causa e effeito, de momento, de evolução, enfim comparadora e seleccionadora de detalhes referentes ao educando e aos methodos e processos do ensino. Dahi o methodo Montessori, tecido das inferencias dos drs. Itard e Séguin, na apreciaçáo da psychologia dos anormaes, o plano Dalton, baseado na liberdade, na responsabilidade e na cooperaçáo, o methodo Decroly, o da globalizaçáo, atendo-se todos elles aos caracteres differenciaes do normal e do anormal, das varias idades da criança e ás leis do interesse que é a verdadeira maçan de Newton da escola activa, da escola nova.

Desses estudiosos e praticos, tem sido desejo dar meios de conhecimento da alma infantil e maneiras geraes para attender aos typos individuaes, com uma assistencia que não olha tanto para os conhecimentos a dar quanto para o educando, a quem é preciso tornar util a si e ao mundo, embora á mingua daquelles que poucos mas estruturados permittirão a plastica precisa e reclamada pela vocaçáo, poucos mas uteis e não como o muito e inutil da pedagogia herbartiana.

Entre esses psychologos e pedagogistas, alguns não chegaram a praticar o concluido em suas investigaçóes, sem entretanto querer isto dizer que se tratasse de meras especulaçóes

ou que não lhes fosse objectivo vê-las applicadas para em melhores bases se assentar a educação. E porque "Até no proprio trabalho educativo, especialmente no trabalho escolar é difficil unir-se a actuação pedagogica, cuja finalidade é a influencia educadora com a sciencia que tende a investigação do ser juvenil" (El alma del educador, Kerschensteiner.) Mas quase tudo das leis, assim descobertas, faz parte actualmente dos methodos e das organizações escolares.

Hoje que muito se mudou o meio social daquelle que foi antes guerra ou mais mudou ainda em relação a trinta annos passados, os paes entregues á vida agitada dos dias que correm em que um grande desequilibrio proveniente de grandes accumulações de riqueza e em poucas mãos, impõe ao pae, á mãe e mesmo aos filhos menores o trabalho remunerado para que, juntos os resultados, lhes seja possivel viver sem fome, sem miseria, dias em que é enorme a acção dissolvente de certos elementos oriundos da applicação mesmo das conquistas scientificas, a educação familiar baixou muitissimo.

As escolas publicas que são feitas para todos mas que servem especialmente aos daquellas condições, já não podem satisfazer recebendo a criança e educando-a simplesmente do ponto de vista intellectual que, nellas, é principalmente favorecida pela aquisição que então se faz dos dois grandes instrumentos de trabalho mental: a leitura e a escripta.

E' preciso, portanto, actualmente, que cada escola faça, cada dia, a toda hora, tambem as vezes de pae, de mãe, crie um ambiente social-familiar para as suas crianças e lhes preste a maior attenção sob os classicos tres pontos de vista do moral, do intellectual e do physico. Doutro lado que procure, interessando os paes pela escola, fazê-los com que dêem mais attenção aos seus filhos.

E para isso é indispensavel, antes de tudo, que a escola, o educador se torne perfeito conhecedor do educando, ao que será levado pela compreensão do seu papel na sociedade e armado dos processos, das formas de reconhecimento a que chegaram os já referidos investigadores.

Desse conhecimento é forçoso, entretanto, que haja um registo que, completado pela alliança de outros dados relativos á vida escolar, permittirá, a despeito da mudança de mestre, por não ser possivel a todos acompanharem o mesmo durante o curso, pela immanente razão de não ser geral a promoção e ser menor o numero de classes adiantadas, onde se

fundem procedentes de mais que uma, continuarem esses alumnos sem solução de continuidade a ser conhecidos onde quer que sejam classificados.

Na organização escolar brasileira, na paulista, em particular, sobreleva-se a necessidade do emprego desse registo por dois motivos; o verdadeiro nomadismo dos trabalhadores ruraes e muitos artifices, produzido pelo intenso movimento de trabalho conjugado á carencia de braços, o qual se bem não com deslocações de largo raio, traz, comtudo, mudança de escolas para seus filhos, pela relativa instabilidade do professorado cuja causa é o não censuravel sentimentalismo brasileiro que leva moças e rapazes crescidos e educados nas zonas velhas e tambem novas mas no seu centro, orde a todo o conforto material se juntam quase sempre os espirituaes da amizade e do parentesco, nomeados de primeira vez ou removidos para alguns kilometros mais proximo dos seus, a iniciarem o exercicio já pensando, já na esperança, já trabalhando por uma breve remoção para um pouco mais perto. E' normalidade considerarem toda cadeira fóra da sua cidade como um ponto de passagem e melhor quanto mais curta a demora. Não ha que exprobrar, é humano e é do Regulamento que exige o maximo possivel em tres artigos: "113 — Duzentos dias de effectivo exercicio em escola rural dão direito á nomeação para escola urbana do interior"" 114 — Quatrocentos dias de effectivo exercicio em escola rural dão ao professor direito de: a) concorrer ao provimento de escolas isoladas e reunidas da Capital"; b) ser nomeado adjunto de grupo escolar do interior". "129 — As remoções e permutas, salvo o caso de necessidade do ensino e mediante proposta devidamente informada pelo Director Geral da Instrucção Publica, só poderão ser feitas nas ferias de verão".

Pois apesar do cumprimento dessas disposições, em quatro annos de minha anterior directoria de Grupo Escolar, aos poucos foi feita a remoção dos 100% dos adjuntos que lá encontrei e sem que motivo fosse, para qualquer delles, incidente por ligeiro que se dêsse entre elles, commigo ou com elementos da cidade. O numero de directores contava-se pelo de annos do estabelecimento. E das cinco escolas ruraes do municipio foram nesse lapso 16 as regentes (10 professoras effectivas e 6 substitutas). Em media arithmetica cada adjunto só pôde tomar parte em 25% do conhecimento e escolaridade do alumno e dos regentes foi 15% a media. E

quase em pura perda porque aos seus successores se tornou desconhecido esse trabalho.

Não são poucas as unidades escolares com essa oscillação. Todas entretanto pouca ou muita a terão.

Juntando-se assim crianças que não se deixam conhecer por ephemera passagem pela escola e a impossibilidade dos professores, em razão da propria instabilidade, conhecerem a outras, porque sabido é precisarmos de muitos mezes, annos para conhecer alguém, principalmente em relação ao desenvolvimento, a menos que se empreguem methodos de investigação uniformes e preterminados, factores a que se junta ainda a falta de registo do trabalho feito que seria justamente a consignação do pouco de uns mestres mas aproveitavel por outros, e teremos o eterno começar que faz a indiferença das crianças para com a escola, a desesperação de seus paes e a descrença dos professores no trabalho de seus collegas.

Impõe-se, portanto, a medida que impeça quanto possivel o reflexo desse estado de coisas sobre o educando e que consiste em fazê-lo passar desconhecido physica, intellectual e moralmente pela escola. Em consequencia são empregados de todas as partes os maiores esforços e obtido o minimo resultado possivel, verdadeiro pradoxo que se vê no maximo de-sequilibrio entre a dedicação dos poderes publicos, palpaveis nas leis da instrucção, nos orçamentos, e os resultados colhidos.

E' a isso que venho.

E' a isso que eu apresento a ficha que organizei e onde se consignarão todos elementos necessarios ao completo conhecimento do alumno, onde desejei que nada faltasse e nada sobrasse. Penso que o incorporá-la, depois de modificada por mais competentes, official e obrigatoriamente, em a nossa organização escolar, seria contribuir, poderosamente, em beneficio da solução do problema da Educação.

Como se vê pelos exemplares annexos consta de :

IDENTIDADE

Nome do alumno. Do pae. Da mãe. Data de nascimento. Naturalidade.

INFLUENCIAS HEREDITARIAS E OUTRAS

Quanto ao pae e á mãe: Nacionalidade, Consanguinidade. Alcoolismo. Tabagismo. Syphilis. Psychopathias, Fortuna e

Condição social. Immaturo ou não? Sofreu choque intra uterino? De que especie? Sofreu traumatismo ao nascer? Doenças anteriores ao periodo escolar.

PHYSICA

Altura, peso, arco thoracico ou melhor amplitude pulmonar, indice vital, em abril e outubro de todos os annos emquanto estiver na escola. Porcentagens annuaes de dentes estragados. Causas. Nutrição? Causas. Anomalias. Doenças no periodo escolar. Outras notas. Typo physico.

INTELLIGENCIA

Sensação-percepção: visual (côr, forma, grau, acuidade direita, esquerda); auditiva (altura, intensidade, grau, acuidade direita, esquerda): tactil (localização, temperatura, relevo, grau, acuidade esquerda, direita): olfactiva (grau, acuidade esquerda, direita); e gustativa (grau). Attenção. Memoria. Imaginação. Raciocinio. Typo mental. Expressão mimica (annexo: coordenação motora), verbal (annexo: phonação). Espirito. Reacção. Idade mental ()mais ou menos que normal (). Observações.

MORAL

Ambiente: social, escolar, familiar. Ventade. Character. Sensibilidade: ao bom, ao bello, ao justo. Temperamento. Typo. Qualidades ausentes. Qualidades excepçionaes. Defeitos. Propensões. Reacção (tempo). Observações.

ESCOLARIDADE

Anterior á do grupo escolar ou escola. Matriculado em... com... annos... mezes. Marcha: Anno... Professor. Classe... (emquanto estiver no grupo). Valor e assiduidade. Classe... Media de comportamento, de applicação, numero de presenças e de faltas (em cada semestre dos annos em que estiver na escola). Grau de aptidão em cada anno para: linguagem oral, linguagem escripta, mathematica, sciencias, geographia, historia patria, desenho, trabalhos manuaes, canto, gymnastica, calligraphia e outras. Grau de actividade em outros assumptos: na bibliotheca, em escotismo, na imprensa escolar, na offi-

cina escolar, em pratica agricola, na liga de bondade e na que mais houver. Zelo demonstrado, em cada anno, nos seus trabalhos. Observações. Faltas graves. Punições. Entendimentos com os paes. Distincções recebidas. Iniciativas em que tomou parte. Acções notaveis. Recommendações peculiares ao alumno e feitas ao professor e necessidades notadas por este. Finalidade. Predilecção em cada anno. Conclusão. Aham director e o professor de . . . anno que por vocação e (ou) qualidades especiaes terá o alumno exito em.

Durante o curso será a ficha entregue para estudo ao professor que receber o alumno, será mostrada ao pae quando opportuno, a quem quando da retirada da criança, será fornecida uma copia da Escolaridade e do Physico, e se generalizado o seu uso o professor ou director da escola onde se apresentar o eliminado, pedirá áquella donde este veio, uma copia completa da mesma. Assim teremos o trabalho coordenado, que será sempre aproveitado em beneficio, repito, da educação de nosso povo, onde quer que se tenha, por minima parte realizado e conhecida se torna, a criança, immediatamente.

Não continuarão, portanto, á revelia de estudos e conclusões scientificas aquelles que não culpados de erros paternos, tenham a irritabilidade herdada do alcoolismo, aquelles cujas meninges rastreadas por febre elevada, não permittem aos cerebrosiahos, sem reacções immediatas ou longinquas, deploraveis sempre, tensões desmedidas, o kleptomaniaco cujos impulsos podem ser perfeitamente recalçados por derivativos, os que têm a attenção e a memoria incapazes, porque lhes pedem demais ou lhes dão de menos, e outros mais, posto que nem só os de menos acuidade visual e auditiva, por mal collocados, se prejudicam numa escola; e, não continuarão, os professores, incapacitados de nortear o seu trabalho pelo alheio, por lhes faltarem pontos de referencia que indiquem por que caminho, como e até onde andaram as suas crianças.

Pensemos e reflectamos bem que esses botões pu. antes de nossa gente não podem, por culpa não terem, porque estudamos, observamos e temos consciencia profissional, ser torturados pela incompreensão da sua individualidade.

Na escola, hoje, têm que se applicar os conhecimentos advindos da sciencia e que a beneficiam. Não é um laborato-

rio de experimentação, mas é um ninho de affectos e de futuras realizações, uma organização viva que precisa, para vitalidade completa, de cuidados, os melhores e os mais altos.
 "Discat a puero magister."

CONCLUSÕES:

1 — A evolução da psychologia experimental e o seu estado actual autorizam hoje, a empregarmos, nos exames dos sujeitos escolares, as suas conclusões, os seus processos de investigação.

2 — E' certo que só se applica, só se entende bem aquillo que se conhece. Tambem só se pode educar bem conhecendo perfeitamente a quem.

3. — Condições peculiares ao professorado e ao elemento infantil de nossa terra impõem a fixação do conhecimento desse quem, sob uma forma material e assim transmissivel, como orientação segura para outros educadores aproveitarem o pouco ou o muito feito, conhecerem em algumas horas os seus novos alumnos.

4 — E' imprescindivel, numa organização escolar, a pratica daquillo que embora innovação, não vai fazer u'a mudança brusca de actuações, de modos de trabalho e sim beneficiar, favorecer esse trabalho por qualquer modo que esteja sendo elle realizado, a pratica do que o bom senso geral e professional independentemente de larga controversia ou de byzantinismos, reconhecem.

5 — E para attender a todas essas evidencias o meio é a adopção, nas escolas publicas, das fichas psycho-physico-pedagogicas.

Itatiba, 29 de Agosto de 1929.

A AGRICULTURA NA ESCOLA

CARTA HONROSA.

O nosso prezado collaborador prof. Antonio Firmino Proença, inspector geral de ensino, recebeu, a proposito de um trabalho seu publicado nesta revista, a carta que abaixo transcrevemos, assignada pelo agronomo sr. Fausto G. Werner :

“Prezado Prof. Antonio Firmino de Proença.

São Paulo.

Tive o grande prazer de ler no numero de Janeiro de “Educação”, o seu trabalho “O Milho”.

Como profissional de Agronomia que sou, dou-lhe os melhores parabens, felicitando-me ao mesmo tempo.

Ha muito que se vem trabalhando com louvavel intuito de se incutir no espirito da criança o gosto pela Agricultura e a Escola primaria é o unico lugar onde se poderá levar a cabo esta empresa, satisfactoriamente. Infelizmente as tentativas feitas neste sentido têm sido todas baldadas: poucos passos se dá alem da iniciativa e breve tudo desaparece.

Na Escola primaria as crianças costumam ver, distinguir tomar gosto como resultado dos ensinamentos que lhes são ministrados, por varias carreiras, e, neste sentido, a menos favorecida é a Agronomia. Em ultima analyse, ao menos as escolas ruraes deveriam procurar fazer nascer no cerebro da criança, que se desabrocha, o gosto pela vida do campo para que se deixe de presenciar o exodo das populações ruraes para as cidades. Isto em ultima analyse, repito, como se não fora mister, se não imprescindivel, que o mesmo se verificasse nas escolas das cidades.

E' preciso que se tenha em vista sempre que "o solo é a patria e cultivá-lo é engrandecê-la" e que todo o esforço despendido para o seu engrandecimento por este meio nunca será demasiado.

Pois bem, tive o prazer de ler o seu trabalho, outro esforço notavel visando o desenvolvimento do ensino agricola nas escolas; o seu trabalho que dá um cunho mais pratico e por isso mesmo, para o fim que se tem em vista, mais agradavel e mais racional, tendo, portanto, a grande vantagem de chamar a attenção do alumno, despertando-lhe uma natural curiosidade que terá como resultado a vontade de fazê-lo observar melhor aquelles e outros phenomenos vegetativos, em uma palavra, induzindo-o ao estudo agricola superior.

Que elle seja acatado e divulgado pelos professores entre os seus alumnos. Que este novo surto seja estavel e se torne cada vez mais forte, mais geral, redundando todo elle no engrandecimento da nossa cara Patria. E que tenhamos o grato prazer de ver, muito breve, as Escolas Agricolas repletas de alumnos que ahi vão buscar os ensinamentos necessarios á pratica da Agricultura racional e scientifica. E que nesse sentido haja um entendimento perfeito entre professores e agronomos, aquelles fazendo brotar no espirito da criança uma grande amizade por Ceres e estes, burilando esta amizade, adaptando-a a todos os pontos de vista agricola, fazendo de cada brasileiro nessas condições um digno filho daquella deusa, um grande defensor do Brasil, cultivando o solo, engrandecendo a Patria.

Aliás ha um grande parallelo entre professores e agronomos: ambos são cultivadores. Os professores cultivam as intelligencias de modo a elevar o Brazil intellectualmente e os agronomos a terra para della, de pequena semente, nascer aquella riqueza verde que o tornará materialmente independente. E innumeradas vezes, o agronomo, accentuando mais este parallelo, leciona, transmite aquillo que aprendeu, que observou e que observa, com o visivel intuito de diffundir o ensino agricola, tão necessario entre nós.

Termino pondo-me ao seu inteiro dispor e cumprimentando-o muito respeitosa e gratamente. Terei grande prazer em encontrar mais alguns trabalhos seus, similares ao que me refiro. — 22-2-30. — Fausto G. Werner."

UM ARTIGO DA REVISTA "O SOLO".

Ainda a propósito do mesmo e importante assumpto trasladamos para aqui o artigo que se vai lêr, publicado pela excellente revista "O Solo", órgão do Centro Agrícola "Luiz de Queiroz", de Piracicaba:

A AGRICULTURA NAS ESCOLAS

Se ha um problema que deva preocupar nossos governantes é este, do ensino da Agricultura nas Escolas Primarias.

O que se aprende em criança nunca mais se esquece — de pequenino se torce o pepino — e assim deve ser o amor ao Solo inculcido no espirito da criança.

A tendencia dos povos é hoje mais que sabido procurar as grandes cidades, em busca do conforto de toda a natureza que ellas podem proporcionar-lhes, e um meio precisa haver, mormente em se tratando de um paiz agricola como o nosso, que retenha essa avalanche, abra-lhe os olhos e mostre-lhe o verdadeiro caminho da prosperidade, da saude e finalmente de sua felicidade. Da felicidade geral rezultará a da Nação. Um povo feliz, despreocupado, é um povo grandiozamente forte, possuindo a verdadeira autonomia moral e economica. Este é o nosso fito. Para esse alvo lutamos e algum dia havemos de alcançá-lo.

Porque ensinar a Agricultura nas Escolas primarias ?

a) Se tantas coizas se ensinam ás crianças, a geografia, a historia, o dezenho, porque não ensinar tambem "obrigatoriamente" essa arte, que é a nossa grande riqueza, unica verdadeira fonte de renda da Nação?

b) A criança logo ao sair da escola já podera dedicar-se á lavoura, com os ensinamentos que recebeu. Já tem uma profissão.

c) Forma o character da criança, inculcando-lhe o amor ao trabalho, ao solo, tornando-a desde cedo ambicioza, e desenvolvendo-lhe a força de vontade.

d) A cultura do solo é um exercicio fisico sadio, utilissimo para todos aquelles que estudam, como recomendaram muitos sabios. Robustece a criança.

e) Desvia a atenção do futuro cidadão para o campo, pois as letras, a instrução, trazem sempre a ambição das grandes cidades. Estas já estão abarrotadas de todos os profissionaes: medicos, advogados, guarda-livros, muzicos que difficilmente ganham a vida. A terra está sobrando, desgrenhada, ancioza por ser penteada pelos nossos arados.

Quem ensinará a Agricultura ?

Os diretores das Estações Experimentaes Municipaes. Não existe nenhuma estação experimental dessa categoria, dir-nos-ão. Criem-nas.

Cada municipalidade que premie o aluno do 4.º ano do Grupo Escolar que mais se distinguir, facultando-lhe o estudo numa Escola Superior de Agricultura, como a "Luiz Queiroz", fornecendo-lhe todos os meios para isso. Com esses futuros agronomos, farão as municipalidades um contrato, por um determinado numero de anos, em que se obrigam a servir como diretores da Estação Experimental de seu Município, na qual darão tambem aulas teorico-praticas de Agricultura aos alunos das Escolas Primarias, e instruções aos interessados.

Essas estações, puramente rejionaes, trarão imensos beneficios a cada Município, que mais cedo ou mais tarde pagarão todos os sacrificios da sua criação, com generozos juro. Mede-se a riqueza duma rejião pelo seu desenvolvimento agricola.

Talvez não tenhamos, no momento, agronomos já formados, em todos os Municipios, mas para isso as Municipalidades podem contratá-los ou nomear provizoriamente praticos de competencia reconhecida até que possam ser melhor servidas.

Os Fomentos Agricolas e Serviços Florestaes, Federal e Estadual, terão nesses campos de experimentação os melhores auxiliares e prestar-lhes-ão todo o apoio.

Essas estações, a que nos referimos, poderão mesmo representar um papel de cooperativas, vendendo adubos ao

pequeno agricultor, sementes, mudas, inseticidas, maquinas, por preços razoaveis, e muitas vezes comprando seu produto, tudo isso sempre com pequeno lucro, que apenas será empregado na manutenção do posto.

E nas Escolas Normaes, porque não se ensina a Agricultura Geral, embora noções sucintas para que possam mais tarde ser transmitidas aos alunos primarios? E a Geografia Comercial, Industrial e Agricola; já ouviram falar no seu ensino?

Porque não adotar como livros de leitura apenas obras agricolas, de pecuaria e tecnologia? Não se matariam dois coelhos numa só cajadada?

Todo o ensino deve ser adaptado ao meio. O que adiantaria uma Faculdade de Direito nos sertões da Africa? Somos um povo agricultor; pois sejamo-lo em toda a extensão da palavra.

O que se ensinar?

O ensino póde constar de duas partes: teorico, aproveitando as aulas de leitura, e pratico, no campo, uma hora por dia, antes ou depois das aulas.

Na parte teorica o criterio do professor saberá discernir as obras mais convenientes a recomendar. As aulas praticas contarão:

a) *Preparo do Solo*, começando pelos mais rudimentares, até os mais aprefeiçoados, mostrando ao aluno os efeitos dos bons tratos do solo sobre o excesso de produção.

b) *Sementes*, sua seleção, sementeira, estaquia, enxertia, etc.

c) *Colheita*, tratamento e conservação dos produtos.

e) *Tecnologia agricola*, aproveitamento dos sub-produtos da industria rural, fabricação do alcool, feculas, vinho, vinagre, etc.

Todas essas aulas praticas versarão sobre todos os ramos da agricultura: Agricultura propriamente dita, Horticultura, Floricultura, Silvicultura, etc., especialmente das culturas adaptadas á região, procurando fazer compreender sempre o valor da Policultura, como fonte inabalavel de renda.

Ideal grande é o nosso.

ENSINO PRIMARIO

ASSUMPTO DE LIÇÃO

Prof. Altina Rodrigues de A. Freitas

Do magisterio primario de S. Paulo

O LUAR (*)

Porque será tão vagaroso e sereno o movimento da lua na abobada celeste? E' tão differente essa luz opalescente da luz tão brilhante e ardente do sol! Assim pensava Diva que apreciava immensamente as noites enluaradas de nossa terra. Dirigindo-se á mamãe pediu-lhe:

— Mamãe, quer explicar-me porque a luz quente e intensa do sol é tão distincta da luz assetinada e macia da lua? Parece um astro cansado e moribundo!

— A lua, que é um satellite da terra e que, quando cheia, nos illumina melancolicamente, nos envia uma luz que é por ella emprestada do sol.

— Como assim? Como pode o sol illuminar a lua de noite?

— Estando a lua acima do nosso horizonte e o sol abaixo, pode muito bem ser illuminaada por elle. Supponha que no 1.º andar de nossa casa, estando nós no 5.º andar, ha um revérbero e em frente uma parede que é por elle illuminaada. Se ficarmos á janela, não veremos o revérbero, mas sim a parede fronteira illuminaada por sua luz.

— E porque a lua é, ás vezes, redonda e outras não?

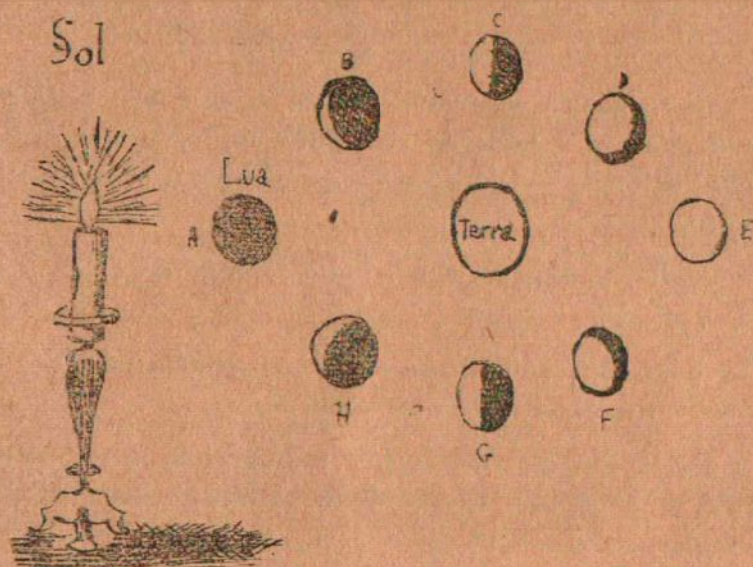
— Porque a lua gira em torno da terra e, conforme o lugar que occupa no espaço, vemos maior ou menor porção da parte illuminaada.

— Então não a illumina toda?

(*) Do Livro de leitura para o 3.º anno, da Serie Oscar Thompson.

— Se puzermos uma bola adiante de uma luz, somente uma metade ficará illuminada. Assim é a lua: quando dizemos que ella é *cheia*, só vemos uma metade della. Vou explicar melhor.

Tomemos uma vela para representar o sol e colloquemo-la num lugar alto, por exemplo, sobre aquella estante. Agora voce segure esta laranja que irá figurar a terra. Supponha que em cima da laranja está uma formiga olhando para este limão que eu tenho na mão e que será a lua. Com auxilio tambem daquelle desenho que está no quadro negro voce entenderá muito bem.



Quando o limão passa entre a vela e a laranja, na posição A do desenho, a formiga não pode ver a lua, porque a sua face illuminada está voltada para o sol, estando a outra face na sombra. Agora, avançando o limão para B, a formiga começa a ver uma pequena parte illuminada; chegando em C, então temos uma metade illuminada, mas a formiga só vê um quarto, que tem a forma de um crescente, e que é justamente $\frac{1}{4}$ do seu giro em volta da terra — é o *quarto crescente*. Quando chega em D, é maior a porção illuminada que a formiga vê. Chegando em E, a lua tem feito metade de sua volta em roda da terra e então a face illuminada está voltada para a terra — é a lua *cheia* ou *plenilunio*. Passa depois para F e começa a decrescer. Quando chega em G, a formiga só pode ver metade da metade illuminada, isto é, $\frac{1}{4}$ — é então o *quarto minguante*. Chega em H, vê menos, e assim

até A, que está outra vez entre a vela e a laranja: e nessa noite a formiga não tem lua.

— Agora entendi muito bem. E são esses diversos aspectos que a lua apresenta á nossa vista que se chamam *phases da lua*?

— Sim, e olhando para a lua, nós podemos saber de que lado no horizonte o sol a illumina.

— Como, mamãe?

— Não vé no desenho? As pontas da lua no crescente ficam do lado opposto ao sol.

— Porque só vemos um lado da lua? Ella não tem tambem movimento de rotação? Não gira sobre si?

— Sim. Mas move-se em torno da terra, como uma pessoa que girasse em volta de uma arvore, olhando sempre para ella; de modo que da arvore a pessoa seria sempre vista de frente.

— Assim, só os habitantes de uma metade da lua é que podem ver-nos?

— A lua não é habitada ou se o é, os seus habitantes não são como nós, pois lá não ha atmosphaera.

— Se lá houvesse habitantes, mamãe, os que não se achassem do nosso lado, haviam de fazer tudo para conseguir essa viagem. E, se a volta do mundo é realizavel aqui, para elles seria facilimo sendo a lua 49 vezes menor que a terra.

— Talvez não fosse, visto a relatividade das cousas. E sabe voce quanto o sol é maior que a terra?

— Sei, mamãe. O sol é 1.400.000 vezes maior que o nosso globo.

As estrellas avermelhadas muito brilhantes seriam as mais jovens. As brancas deveriam ser estrellas adultas. As amarellas apresentariam o primeiro symptoma de velhice e as vermelhas ou muito vermelhas viriam a ser astros decrepitos, na sua ultima fase solar.

I N F O R M A Ç Õ E S

Circulares expedidas pela Directoria Geral da Instrucção Publica

CIRCULAR N.º 7 — São Paulo, 8 de Fevereiro de 1930.

Sr. Inspector-fiscal junto á Escola Normal Livre

Solicito as vossas providencias no sentido de serem enviados com urgencia a esta Directoria Geral :

- a) o horario organizado para 1930 ;
- b) o resultado dos exames de 2.^a época — apenas o numero dos alumnos inscriptos, dos approvados e dos reprovados nesses exames ;
- c) a relação de todos os alumnos matriculados em cada um dos annos, conforme determina o art. 355 do Regulamento, com os devidos esclarecimentos a respeito de cada um, quando se trata de alumnos transferidos de outras escolas. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 8 — São Paulo, 17 de Fevereiro de 1930.

Sr. Inspector . . .

Tendo-se verificado que a inspecção do asseio corporal e do vestuario das crianças escolares não está sendo realizada com o devido rigor, solicito vossas providencias para que a mesma se faça systematicamente, em todos os estabelecimentos de ensino publico, officializados, municipaes e particulares.

Essa pratica não só forma nas crianças habitos de hygiene, como ainda, defende-as efficientemente, contra muitas molestias nocivas e graves. Ella deverá visar, concomitantemente, a descoberta e consequente eliminacção de parasitas, como piolhos e pulgas.

Impressos e outras informações sobre o assumpto (Instrucções sobre o Typho Exanthematico; como evitá-lo, como combatê-lo), podereis solicitar directamente da Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saude, á rua Ypiranga n. 24, na Capital. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 9 — São Paulo, 22 de Fevereiro de 1930.

Sr. Inspector.

Levo ao vosso conhecimento, para as devidas providencias, que, nos predios escolares, designados para serviço eleitoral, não haverá trabalho escolar no dia de eleições, na vespera e no dia posterior, afim de que se possa fazer, com ordem e regularidade, o necessario preparo e limpeza das salas destinadas ao trabalho eleitoral. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 10 — São Paulo, 26 de Fevereiro de 1930.

Sr. Inspector Escolar do ... Districto.

Levo ao vosso conhecimento que, d'ora-avante as determinações desta Directoria, que tenham caracter geral, não mais serão feitas por circulares, mas publicadas no "Diario Official", donde deveis extrai-las para colleccioná-las em livro especial.

Peço-vos communiqueis esta resolução aos srs. auxiliares de inspecção e directores dos estabelecimentos de ensino do Districto, para os devidos fins. — Attenciosas saudações.

CIRCULAR N.º 11 — São Paulo, 5 de Março de 1930.

Sr. Director... (Capital)

Tendo chegado ao conhecimento desta Directoria que em alguns estabelecimentos de ensino têm sido novamente matriculados alumnos já approvados no 4.º anno, assim como admittidos nas classes que frequentaram no anno antecedente, alumnos promovidos para outras de adiantamento superior, nesse ou em outros estabelecimentos officiaes, solicito vossas providencias no sentido de serem immediatamente eliminados aquelles e matriculados estes nas classes para que obtiveram promoção, caso taes irregularidades se tenham, tambem, verificado nesse Grupo.

Tendo por principal objectivo de sua acção acolher nas escolas publicas o maior numero possivel de analfabetos em idade obrigatoria, não póde a direcção do ensino permittir a pratica de medidas que viriam prejudicar o trabalho alphabetizante em que se acha empenhado o Governo do Estado. — Attenciosas saudações.

N. B. — Circular aos Directores da Capital.

Os inspectores do interior devem dirigir identica circular aos directores e auxiliares de inspecção de seu districto.

CIRCULAR N.º 12 — São Paulo, 15 de Março de 1930.

Sr. Inspector Districtal.

Levo ao vosso conhecimento que, desde esta data, até resolução em contrario, ficam suspensos os exames para habilitação de professoras leigas. — Attenciosas saudações, (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 13 — São Paulo, 17 de Março de 1930.

Sr. Inspector Districtal.

O "Diario Official" vem publicando, periodicamente a relação das classes em Grupos Escolares, Escolas Reunidas e Isoladas do Estado em condições de provimento.

Seria de bom alvitre que, acompanhando taes publicações, representasseis, promptamente, a esta Directoria Geral sobre a necessidade de se fazerem suppressões na lista, todas as vezes que a qualquer das unidades mencionadas venham a faltar os requisitos precisos ao seu funcionamento. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

Pratica de ensino.

Conforme determinação da Directoria Geral da Instrucção Publica, a pratica de ensino das Escolas Normaes Livres deve ser feita nos grupos escolares abaixo :

- CAPITAL, annexa ao "Collegio Baptista Brasileiro" — Grupo Escolar "Pedro II".
- CAPITAL, annexa ao "Collegio Santa Ignez" — Grupo Escolar "Prudente de Moraes".
- AMPARO, annexa ao "Collegio N. S. do Amparo" — Grupo Escolar "Luiz Leite".
- ARARAQUARA, annexa ao "Gymnasio Mackenzie", 1.º Grupo Escolar.
- ARARAQUARA, annexa ao Collegio "Progresso", Grupo Escolar "Antonio José de Carvalho".
- BAURU, 1.º Grupo Escolar.
- CAMPINAS, annexa ao Collegio "Progresso Campineiro", Grupo Escolar "Francisco Glycerio".
- CAMPINAS, annexa ao Collegio "Sagrado Coração de Jesus", 3.º Grupo Escolar.
- FRANCA, Municipal, Grupo Escolar "Cel Francisco Martins".
- ITU, annexa ao Collegio "Patrocínio de Itu", Grupo Escolar "Convenção de Itu".
- JABOTICABAL, annexa ao Collegio "Santo André", 2.º Grupo Escolar.
- JABOTICABAL, annexa ao Collegio "São Luiz", Grupo Escolar "Cel. Vaz".
- JAHU, annexa ao "Gymnasio Municipal", Grupo Escolar "Major Prado".
- JUNDIAHY, annexa ao Collegio "Florence", Grupo Escolar "Conde de Parnahyba".
- LORENA, annexa á Escola Profissional "Patrocínio de S. José", Grupo Escolar "Gabriel Prestes".
- MOGY MIRIM, annexa ao Collegio "Immaculada", Grupo Escolar "Dr. Oscar Rodrigues Alves".
- PIRACICABA, annexa ao Collegio "Nossa Senhora Assumpção", Grupo Escolar "Barão do Rio Branco".
- RIO CLARO, annexa ao Collegio "Purissimo Coração de Maria", Grupo Escolar "Cel Joaquim Salles".
- RIBEIRÃO PRETO, annexa á Escola de Pharmacia e Odontologia, Grupo Escolar "Dr. Guimarães Junior".
- SANTOS, fundada pela Associação Instructiva "José Bonifacio", Grupo Escolar "Cesario Bastos".

A pratica pedagogica dos alumnos das escolas normaes livres de LIMBEIRA, PINDAMONHANGABA, SÃO SIMÃO, BATATAES e TIETE, será feita nos grupos escolares das respectivas cidades.

Despacho de 21 de Fevereiro de 1930

Professor effectivado.

O sr. Antonio de Padua Dutra, no cargo de professor de Desenho da Escola Normal de Casa Branca.

Equiparação de normal livre.

A Escola Normal Livre Municipal de Agudos, no regime de internato e externato.

Criação de Grupos Escolares.

O de "Villa Esperança", na Capital, annexando-se ao mesmo as escolas reunidas de igual denominação e o de "Sacoman" também na Capital, annexando-se a este ultimo, as seguintes escolas do municipio: 1.^a, 2.^a e 3.^a mixta de S. João Climaco; 1.^a e 2.^a mixtas do Moinho Velho, 1.^a e 2.^a mixtas de Villa Carioca e mixtas de Villa Sacoman, Villa Seckler e Villa Rosa.

Nomeação de director e adjuntos do grupo de "Villa Esperança"

O sr. Oden Cavalcanti Maranhão, director das escolas reunidas de Villa Esperança, para o grupo da mesma denominação, ora creado. Adjuntos: Sr. Antonio Azambuja Junior e d.d. Alcina Silva, Amelia Pereira e A. Quaglio, Maria da Conceição B. França, Annunciata Gersosimo e Jacy Cyrillo de Castro, professores das escolas reunidas de igual denominação.

Nomeação dos adjuntos do grupo de "Sacoman".

Nomeados adjuntos os regentes das escolas 1.^a, 2.^a e 3.^a mixtas de S. João Climaco; 1.^a e 2.^a mixtas, do Moinho Velho; 1.^a e 2.^a mixtas de Villa Carioca; mixtas de Villa Sacoman, Villa Seckler e Villa Rosa, respectivamente, d.d. Cornelia Homem de Mello, Virginia Quaglio, Francisca Portugal Gouvêa, Cyrene Medeiros, Brites da Rocha Alvares, Brasilia Gonçalves Pereira, Maria da Conceição Siqueira, Hercilia da Cruz Prado, Adeline de Oliveira e Julieta Fagundes Dias.

Nomeação de director de Grupo.

D. Clotilde Kleiber, adjunta do Grupo "Campos Salles", para directora do "João Kopke", ambos da Capital.

Remoção de director de grupo.

O sr. Luiz Galhanone, do grupo "João Kopke" para o "Marechal Deodoro", ambos da Capital.

Permuta de adjuntos auctorizada.

Sr. Francisco de Padua Ramos e Francisco Antunes Maciel, dos "Padre Manoel da Nobrega" e Jardim America, na Capital.

D. d. Luiza Nery de Souza e Manoela Pousa Fernandes, dos 3.^o de Campinas e de Capivary.

D. d. Isabel Engler e Hilarina Rivera Miranda, dos 5.^o de Campinas e Modelo de Casa Branca.

D. d. Octacilia Soares e Adelcia Soares, do do Belemzinho e "Campos Salles", na Capital.

D. d. Maria Leonor Neves Gonçalves e Joanna Osman, respectivamente, do de Poá, em Mogy das Cruzes e de Ibirá.

Srs. João Umbelino de Castro e Joaquim Goulart, dos de Olympia e Barretos.

Aposentadorias.

- Sr. Firmino Ladeira, director do Grupo "Macechal Deodoro", na Capital.
 D. Risoleta Carneiro, adjunta do Grupo do Butantan, na Capital.
 D. Sophia de Moraes, adjunta do 2.º Grupo do Braz.
 D. Maria Alves Mourão, adjunta do Grupo de Itaquera, na Capital.

Exoneração por ter sido nomeada para outro cargo.

A professora d. Zelia Adelaide Brandão do cargo de adjunta do Grupo de Ribeirão Preto.

Criação de grupos escolares.

Nas seguintes localidades: um em Salles Oliveira, no municipio de Orlandia; um em Grama; um em Mundo Novo, um em Dobrada, no municipio de Mattão e um em Santo Anastacio e annexadas ao mesmo as seguintes escolas: 1.ª masculina; 1.ª feminina; 1.ª 2.ª e 3.ª mixtas, todas das reunidas, urbanas, na mesma cidade.

Nomeação de adjuntos.

Os seguintes professores, todos das escolas reunidas, urbanas, de Santo Anastacio, para adjuntos do Grupo da mesma cidade: Plinio Gonçalves de Oliveira Santos, da 1.ª masculina; d. Celeste Varella Lessa, da 1.ª feminina; d. Lucilla de Oliveira, da 1.ª mixta; d. Rita Leite, da 2.ª mixta, e, interina, d. Maria Levy Kuntz, da 3.ª mixta; a professora d. Zelia de Souza Alves, para o Grupo de Duartina, d. Ondina Moraes Pinto, da 2.ª mixta, das reunidas, urbanas, de Espirito Santo do Rio do Peixe, em S. José do Rio Pardo, para o de Serra Azul.

D. Clelia de Loyolla Brandão, da mixta, urbana, do Asylo "dr. José Julio", em São Simão, para o "Simão da Silva", da mesma cidade.

D. Maria Aparecida Vieira, da mixta, rural, de Tanquinho, em Itapira, para o "Dr. Julio de Mesquita", da mesma cidade.

Sr. João Alfredo Moura Campos, da masculina, das reunidas, ruraes, da fazenda Cruz Alta, em Tieté, e d. Luiza Camargo Arruda, da mixta, rural, de São Pedro, tambem em Tieté, ambos para o da mesma cidade.

D. Clarisse Marks dos Santos, da mixta, rural, do bairro das Posses, em Serra Negra, para o da mesma cidade.

D. Sebastina Pimentel Tavares, da feminina, urbana, de Villa Paulista, em Pederneiras, para o da mesma cidade.

Remoção de adjunta.

A professora d. Gertrudes de Aguiar, do Grupo de Monguca, em Capivary, para o Grupo de Monte Mór.

Anexação de classes.

Ao Grupo de Pederneiras e escola feminina, urbana de Villa Paulista, da mesma cidade, regida pela professora d. Sebastiana Pimentel Tavares.

Criação de classes.

Nos seguintes Grupos: uma, no "Simão da Silva", de São Simão; uma, no "Dr. Juho Mesquita", de Itapira; duas, no de Tietê; uma, no de Serra Negra; uma, no "Cel. Domingos Ferreira", de Monte Mór e uma, no de Brodowski.

Classe suprimida.

Uma, no Grupo de Mombuca, em Capivary.

Disponibilidade.

Concedida a professora d. Maria Lourdes Albuquerque Maranhão, adjunta do Grupo de Pennapolis.

Nomeações de professores.

Sr. José de Sylos Cintra para reger a 4.^a mixta das reunidas, urbanas, de Presidente Bernardes, em Presidente Prudente, convertida em masculina por decreto desta data.

D. Elfrida Dias, para mixta, rural, da Fazenda Figueira Branca em São Carlos.

D. Lucilla Alves Doria para a mixta, rural, da Fazenda Macahubas, em São Carlos, transferida, por decreto desta data para a Fazenda Jatevoca, no mesmo municipio.

D. Arlinda Gonzalez para a 3.^a mixta das reunidas, urbanas, de Presidente Bernardes, em Presidente Prudente.

D. Maria Aparecida Silveira Pedreira, para a mixta, rural, da Fazenda Santa Herminia (Dr. Pereira de Mattos) em Ipaussu.

D. Maria de Lourdes Gonçalves Leite, para a mixta, rural, de Cabeça de Boi (Bom Retiro), em S. José dos Campos.

D. Luiza Guerra, adjunta do Grupo de Tambahu, para reger, em comissão, a mixta, rural, da Fazenda da Barra, em Casa Branca.

Sr. João Aguiar Primo, para a 4.^a masculina das reunidas, urbanas, de Salles Oliveira, em Orlandia.

D. Odette Magalhães, para a mixta, rural, da Fazenda Gomeatinga, em Santa Branca.

D. Maria do Rosario Inglez, para a 2.^a mixta das reunidas, urbanas, de Mirante, em Piratininga.

D. Alice de Moura, para a 3.^a mixta, urbana, de Presidente Wenceslau.

D. Maria Aparecida Tavares, para a mixta, rural, do Bairro do Cajuru, em Sorocaba.

D. Odette de Arruda Campos, para a mixta, rural, do Bairro da Agua Suja, em S. Pedro do Turvo.

D. Yolanda Bueno de Godoy, para a mixta, rural, do Bairro de Campo Alegre, em Pindamonhangaba.

Sr. Renô Aguiar, para a mixta, rural, do Bairro de Poção de Cima, em Chavantes, convertida em masculina por decreto desta data.

D. Carmen d'Alkmia, para a mixta, rural, da Fazenda Olaria, em São Simão, transferida, por decreto desta data, para a Fazenda do Parta, no mesmo municipio.

D. Olga Santos Meira, para a mixta, rural, da Fazenda Santo Ignacio, em Casa Branca.

D. Olympia Bonvicino para a mixta, rural, da Fazenda Barreirinho, em Casa Branca.

D. Jandyra Pereira, para a mixta, rural, da Fazenda Boa Vista da Onça, em Casa Branca.

Remoção a pedido.

Sr. Abner de Moura, da masculina das reunidas, urbanas, de Xiririca, para a 1.^a masculina, urbana, de Presidente Wenceslau.

D. Antonietta Ferrari, da mixta, rural, de Itabaquara, em Piquete, para a feminina das reunidas, rurais, de Cannas, em Lorena.

D. Esther de Camargo, da feminina das reunidas, urbanas, de Vista Alegre, em Monte Alto, para a feminina das reunidas, urbanas, de Jarinu, em Atibaia.

D. Salvina Teixeira de Mendonça, da 2.^a feminina das reunidas, urbanas, de Xiririca, para a 1.^a mixta, urbana, de Presidente Wenceslau.

Nomeação de leigas.

D. Candida Pinto e Silva, para a escola mixta, rural, da Fazenda Santa Clara, em Torrinha.

D. Irma Rodrigues, para a mixta, rural, de Monte Bello, em Santa Cruz do Rio Pardo.

D. Regina Helena Napolitano, para a mixta, rural, do Bairro dos Coqueiros (Mandury), em Piraju.

D. Maria Alves Barbosa para a mixta, rural, do Bairro do Pouso Frio, em Pindamonhangaba.

Designação de escolas.

Mixta, urbana, do Asylo "Dr. José Julio" em São Simão, para continuação do exercício da professora d. Cecília de Carvalho, dispensada do cargo de adjunta do Grupo de Mattão.

Mixta, rural, da Fazenda Paraizo, em São Pedro do Turvo, para continuação do exercício da professora leiga d. Zelinda Pellicano, que regia a mixta, rural, da Fazenda Recreio, em Bauru, supprimida por decreto desta data.

Mixta, rural, da Fazenda Salto Grande, em Amparo, para continuação do exercício da professora leiga d. Antonia Alves, que regia a mixta, rural, do Bairro do Falcão, no mesmo município, cujo funcionamento fica suspenso.

Transferencia de escolas.

Mixta do Manancial do Ypiranga, nesta Capital, regida pela professora d. Benedicta Ferreira Vaz, para o Bairro de Indianopolis, no mesmo município.

Mixta, rural, da Fazenda Santa Maria, em Campinas, regida pela professora d. Cynira Italia de Campos, para o Bairro do Campo Redondo, no mesmo município.

Mixta, rural, do Bairro da Lage, em São José do Rio Pardo, regida pela professora d. Noemia Rodrigues Cunha, para a Fazenda Pau d'Alho, no mesmo município.

Exonerados por terem sido nomeados adjuntos.

D. Zulmira Rodrigues, da mixta, rural, do Bairro de Cachoeira, em Santa Cruz do Rio Pardo, por haver sido nomeada adjunta de Grupo.

D. Clelia de Loyola Brandão, da mixta, urbana, do Asylo "Dr. José Julio", em São Simão.

Sr. João Alfredo Moura Campos, da masculina das reunidas, ruraes, da Fazenda Cruz Alta, em Tietê.

D. Luiza de Camargo Arruda, da escola mixta, rural, de São Pedro, em Tietê.

D. Clarisse Marks dos Santos, da mixta, rural, do Bairro das Posses, em Serra Negra.

Dispensa de leigas, a pedido.

D. Targina Silveira Mello, da mixta, rural, do Bairro do Fundão, em Capão Bonito.

D. Alair Valio, da mixta, rural, do Bairro da Figueira (Brotas), em Jacarehy.

D. Almerinda Ribeiro, da mixta, rural, do Bairro de Campo Alegre, em Pindamonhangaba.

D. Belisaria Saraiva Martins, da mixta, rural, da Fazenda Angelica, em Rio Claro.

D. Idalina Candido, da mixta, rural, de Monte Bello, em Santa Cruz do Rio Pardo.

D. Helena da Conceição Prado, da mixta, rural, da Varzea Grande, em Itahy.

D. Elvira Soares Pedroso, da mixta, rural, da Fazenda Mellado, em Orlandia.

D. Hortencia Antunes Monteiro, da mixta, rural, do Bairro do Cajuru, em Sorocaba.

D. Jenny Mil-Homens, da mixta, rural, da Fazenda Santa Barbara, em Oriandia.

D. Victoria Agostinha Ferreira, da mixta, rural, do Bairro da Cachoeira, em Capão Bonito.

D. Germinia de Miranda Hermida, da mixta, rural, da Fazenda Boa Vista da Onça, em Casa Branca.

Reversão ao magisterio.

Autorizada a do professor Antonio Soares de Carvalho Filho, com provimento na masculina, urbana, de Guabiroba, em Taquaritinga.

Decretos declarados sem effeito.

De 6 de Fevereiro do corrente anno, que nomeou a professora d. Olga Santos Meira, para reger a mixta, rural, do Bairro de Santo Antonio, em Caconde.

De 13 de Fevereiro do corrente anno, que nomeou d. Maria Aparecida Silveira Pedreira, para reger a 3.^a mixta, das reunidas, urbanas, de Presidente Bernardes, em Presidente Prudente.

Decreto revalidado.

O de 16 de Janeiro ultimo que nomeou o professor Sebastião de Oliveira Aparecido, para reger a masculina, urbana, de Ribeirão Corrente, em Franca.

Disponibilidade.

Da professora d. Maria Conceição de Souza, da mixta, urbana, do Bairro da Republica, em Ribeirão Preto.

2.ª via de decreto.

Expedida a do decreto de 23 de Janeiro deste anno, que removeu a professora interina, leiga, d. Maria Amelia Vasconcellos, da mixta, rural, da Fazenda São Felipe, em Jardinopolis, para a mixta, rural, do Bairro de São Pedro, transferida por decreto da mesma data, para a Fazenda Parabyta, no mesmo municipio.

Localização de escolas.

Mixta, urbana, para funcionar junto ao Instituto Profissional de Cegos "Padre Chico", nesta Capital, e nomeada para reger-a interinamente a professora d. Dirce Ribeiro de Arruda.

Mixta, urbana, para funcionar na séde do Districto de Paz de Morro Agudo, em Orlandia.

Mixta, rura, no Bairro do Chrispim, no municipio de Pereiras.

Mixta, rural, na Fazenda Paraizo, em São Pedro do Turvo.

Despacho de 27 de Fevereiro de 1930

Criação de novos grupos escolares.

Um em Indianopolis, nesta Capital, annexando-se ao mesmo a 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª mixtas da mesma localidade; um em Guayra e annexando-se ao mesmo estabelecimento as seguintes escolas: 1.ª masculina, 2.ª masculina, feminina e mixta, todas das reunidas, urbanas, locaes; um em Tapiratiba e annexando-se ao mesmo as seguintes escolas: masculina e feminina, 1.ª, 2.ª e 3.ª mixtas todas das reunidas urbanas locaes; um em Gallia e outro em Boituva, municipio de Porto Feliz.

Nomeações de adjuntos e directores de grupos.

Para o modelo de Casa Branca: d. Eulalia Gomes Gouvea, professora da mixta rural, da Fazenda Cocaes, no mesmo municipio.

Para o grupo de Indianopolis (Capital): d.d. Cecilia Costa Seixas, Therezina Contier Pinerolli, Anna Lydia Seixas, Maria Eugenia França Carvalho, Benedicta Leite de Faria e Benedicta Ferreira Vaz. Para o de Guayra: Sr. João Augusto Mello, Sr. José Avelino Gonçalves Filho, Maria José de Paula Ferreira e d. Ataly Tavares, todos das escolas reunidas locaes. Para o de Tapiratiba: director, professor Antonio Fernandes Gonçalves, da masculina das reunidas locaes; adjuntas, d.d. Maria Aparecida Leite Silva, Rachel Bittencourt de Carvalho, Ottilia Teixeira de Camargo e Jandyra Figueiredo Carvalho, tambem das reunidas locaes; para o grupo de Salles Oliveira: Srs. Romeu Lobato de Macedo, Henrique de Campos, João de Aguiar Primo, d.d. Clara de Campos Mello, Manoelita Homem de Mello, Carmen Nogueira, Maria José Guerra, Carmen Meirelles de Azevedo e para director do mesmo estabelecimento, o sr. Angelo Peres, da 3.ª masculina das reunidas urbanas da mesma cidade. Foram nomeados mais os seguintes adjuntos: Ondina Ferreira Carneiro, da mixta, rural, da fazenda Monte Alegre, em Botucatu, para o de Villa dos Lavradores, no mesmo mu-

nicípio; d. Emilia Ziccardi, da 2.^a mixta das reunidas urbanas, de Tayassu, em Jaboticabal, para o de Pirangy, no mesmo município; d. Maria Conceição Oliveira Marcondes, para o de Dois Corregos; Sr. Flavio Bueno d'Avila, da escola masculina das reunidas, urbanas de Candido Motta, para o de Mattão; Sr. Guaraciaba Amoim, da masculina, rural, do bairro do Turvinho, em Tatuhy para o de Avaré; d. Jacyrá Costa Moreira, da mixta, rural da fazenda Santa Fé (Companhia Caféeira Britanica do Brasil), em Cravinhos, para o "João Nogueira", da mesma cidade.

Criação de classes em grupos escolares.

Mais uma nos grupos 5.^o e 6.^o de Campinas; uma no de Villa dos Lavradores, em Botucatu; uma no de Pirangy, em Jaboticabal; duas no de Piraju; uma no de Dois Corregos e uma no de Cravinhos.

Annexação de escolas.

Ao grupo de Salles de Oliveira, em Orlandia, as seguintes escolas: 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a masculinas; 1.^a, 2.^a e 3.^a femininas e a mixta das reunidas, urbanas, da mesma localidade.

Exoneração, a pedido.

Do professor Octacilio de Oliveira Ramos, director do Grupo de Itajoby.

Aposentadoria.

Ao professor José Barreto, director do Grupo de Pereiras e á professora Clarinda Costa, da mixta rural da estação de S. João em Cotia.

Dispensa e exoneração de adjuntos.

Dispensada do grupo de Mattão, d. Cecilia de Carvalho por ter sido nomeada para escola isolada. Exonerados: o sr. Salathiel Vaz de Toledo, do de Ituverava e d. Isabel Engler de modelo annexo á Normal de Casa Branca.

Nomeação de lente.

O professor Manoel Arystojulo de Oliveira Freitas, para a cadeira de Historia da Civilização, Historia do Brasil e Educação Civica da Escola Normal de S. Carlos.

Remoção de adjuntos.

- D. Sara Sampaio, do 2.^o de Bauru, para o de Lins.
- D. Anna Montefusco, do de Lins, para o 2.^o de Bauru,
- D. Adelaide Paes Landhal, do 1.^o de Bauru, para o de Ituverava.
- D. Ida De Battisti, do de Ituverava, para o 1.^o de Bauru.
- D. Maria Villar, do de Ituverava, para o de Guayra.
- D. Josephina Silva, do de Casa Branca, para o de Ituverava.

Permuta autorizada a adjuntos.

Sr. João Samuel de Oliveira e d. Lucidia de Carvalho, respectivamente dos "Dr. Jorge Tibiriçá", de Bragança e de São João da Bocaina.

Localização de escolas.

Masculina, urbana, no districto de Morro Agudo, em Orlandia.
 Mixta, urbana, na Villa Monte Alegre; mixta, urbana, na Villa Virginia (2.ª); mixta, rural, na fazenda Conquista e mixta rural, na fazenda São José, todas em Tibeirão Preto.
 Mixta, rural, no Bairro do Buru, em Indaiatuba.
 Mixta, rural, na Estação de Boa Vista, em Campinas.
 Mixta, urbana, no districto de paz de Palestina, em Nova Granada.
 Mixta, rural, na Fazenda Invernada, bairro do Amendoim, em Altinópolis.

Designação de escola.

A mixta, rural, da Fazenda São João, em Casa Branca, para continuação do exercicio da professora leiga d. Julieta Gozzo, que regia a mixta, rural, da Fazenda Lambary, no mesmo municipio, cujo funcionamento fica suspenso.

Revalidação de Decreto.

O de 23 de Janeiro do corrente anno que nomeou o professor Ruy Monteiro, com exercicio na masculina das reunidas, urbanas, de Itagacaba, em Jatahy, para reger, em commissão, o curso nocturno de alfabetização do mesmo municipio.

Exoneração em virtude de nomeação para outro cargo.

O professor João Alfredo de Souza Oliveira, da regencia da 2.ª masculina das reunidas, urbanas de Itoby, em Casa Branca, por ter sido nomeado director do mesmo estabelecimento.

Dispensa de commissão, a pedido.

Sr. Coriolano Euripedes de Oliveira, adjunto do 1.º Grupo da Moóca, da regencia, em commissão, do curso nocturno da Alfabetização do Bom Retiro, nesta Capital.

Sr. Mario Ferri, adjunto do 2.º Grupo de S. José dos Campos, da regencia, em commissão, do curso nocturno de alfabetização da mesma cidade.

Exonerados, por haverem sido nomeados adjuntos.

D. Emilia Ziccardi, da 2.ª escola mixta das reunidas, urbanas, de Tayassu, em Jaboticabal.

D. Eulalia Gomes Gouvêa, da escola mixta, rural, da Fazenda Cocaes, em Casa Branca.

D. Ondina Ferreira Carneiro, da escola mixta, rural, de Monte Alegre, em Botucatu.

D. Aracy Bueno dos Reis, da 2.ª escola mixta, rural, do Nhumirim, em Santa Rosa.

D. Sophia Siqueira, da 1.ª escola mixta, das reunidas, urbanas de Igarahy, em Mococa.

Exonerados, a pedido.

Sr. Sylvio de Sylos Cintra, da masculina, da Fazenda da Companhia Rural de São João dos Agudos, em Agudos.

D. Josephina Rovere, da 1.^a mixta, urbana, de Presidente Tibiriçá, em Bauru.

D. Carolina Meirelles, da mixta, rural, da Fazenda Pecegueiro, em Mocóca.

D. Antonietta Buratti, da mixta, rural, do Bairro de Caucaia, em Cotia.

D. Gilda Arantes Caldas, da 1.^a mixta, das reunidas, urbanas, de Taysu, em Jaboticabal.

D. Maria Laetitia Gross, da 1.^a escola mixta, rural, da Fazenda Mombuca, em Ipaussu.

Dispensa, a pedido, de interinas leigas.

D. Jandyra Camargo, da escola mixta, rural, da Fazenda Aterradinho, em Angatuba.

D. Lazara Rodrigues de Almeida, da escola mixta, rural, do Bairro das Pedras, em Tatuhy.

D. Aparecida Pires, da escola mixta, rural, da Fazenda Taquaral, em Igarapava.

D. Palmyra Girão, da escola mixta, rural, de Cabaceiras, em Araquara.

D. Laura Peterlini, da 1.^a escola mixta, das reunidas, de Regente Feijó, em Presidente Prudente.

D. Gloria Pires Antunes, da 2.^a escola mixta, rural, do Bairro de São João, em Conchas.

D. Maria Mendes Carneiro, da escola mixta, rural, do Bairro do Borá, em Paraguassu.

D. Alc니라 Mendes Carneiro, da escola mixta, rural, da Estação de Sapezal, em Conceição de Monte Alegre.

D. Osmary Peixoto, da escola mixta, rural, de "Pedro Barros", em Iguape.

D. Antonietta Candida Santos, da escola mixta, rural, da Tres Barras (Fazenda Santa Cecilia), em Santa Cruz do Rio Pardo.

D. Carmella Mancini, da escola mixta, rural, da Fazenda Trambolho, em Torrinha.

Removidas, por necessidade do ensino.

D. Dirce Aranha, da 2.^a escola mixta, rural, de Carlos Gomes, em Campinas, para a mixta, rural, da Fazenda Santa Thereza, em Mogy-Mirim, transferida, por decreto desta data, para a Fazenda Palmeiras, no mesmo municipio.

D. Joaquina Brochado de Andrade, da mixta, rural, de Orindiuva, em Casa Branca, para a 2.^a masculina, convertida em mixta, das reunidas, urbanas, de Itoby, no mesmo municipio.

D. Hilda Rossi, da mixta, rural, da Fazenda Sant'Anna do Lambary, para a mixta, das reunidas, urbanas, de Itoby, localizada por decreto desta data, ambas no municipio de Casa Branca.

D. Violeta Zuquim, da 4.^a escola mixta de Villa Prudente, para a feminina de Bella Vista, ambas nesta Capital.

A professora interina, leiga, d. Ismenia de Almeida, da mixta, rural, do Bairro da Restinga Frossa, para a mixta, rural, de Varzea Grande, ambas em Itahy.

Nomeação de professoras.

D. Nair Braga, para a 3.^a mixta, rural, de Nhumirim, em Santa Rosa.

D. Eunícia Ferraz Machado para a feminina, rural, da Fazenda das Flores, em Cravinhos, convertida em mixta e transferida, por decreto desta data, para a Fazenda Manoel Amaro, no mesmo município.

D. Maria de Lourdes Pantoja, para a mixta, rural, da Fazenda Cocães, em Casa Branca.

D. Bertha Portugal, para a mixta, rural, do Bairro do Bom Successo, em Caconde, transferida, por decreto desta data, para funcionar na séde do mesmo município.

Geraldo de França Cipolli para a masculina das reunidas, urbanas, de Tabapuan, localizada por decreto desta data.

D. Nair Lobo para a 1.^a mixta, rural, da Estação de Jatahy, em São Simão.

D. Helena Porto para a mixta, rural, da Fazenda Fortaleza, em São Simão, transferida, por decreto desta data, para a Estação de Santos Dumont, no mesmo município.

D. Ruth Abreu para a mixta, rural, da Fazenda Jaraguá, em Santa Rita do Passa Quatro.

D. Dorothea Rosa para a 1.^a mixta, urbana, de Presidente Tibiriçá, em Bauru.

D. Helena Horta de Carvalho, para a mixta rural, da Fazenda Sant'Anna do Lambary, em Casa Branca.

D. Elisa de Almeida para a mixta rural, do Bairro da Seccura, em Tatuby, localizada por decreto desta data.

D. Percinia Livia de Castro para a mixta, rural, do Bairro da Serra (Fazenda Vargem Grande), em Areias.

Henrique de Brito Novaes, adjunto do Grupo de Vargem Grande, para reger em comissão, o curso nocturno de alfabetização da mesma cidade, localizada por decreto desta data.

D. Maria Pedrina Josephina Barillari para a mixta, urbana de Morro Agudo, em Orlandia.

Sr. João Alfredo de Souza Oliveira, para o cargo de director das reunidas de Itoby, em Casa Branca.

D. Maria de Lourdes Silva, para a 2.^a mixta, rural, da Estação de São João, em Cotia.

D. Nilza Rodrigues Pacheco, para a mixta, rural, do Bairro da Boa Esperança, em São José do Rio Pardo.

Nomeação de leigas.

D. Maria de Lourdes dos Santos Cintra, para a mixta, rural, das Fazendas Sant'Anna e Nova Era, em Casa Branca.

D. Maria Luiza de Oliveira, para a mixta, rural, do Bairro dos Paulas, em Sta. Barbara.

D. Maria Ferreira de Lima Rodrigues, para a mixta rural, do Bairro da Serraris Trevisani, em Presidente Prudente.

D. Maria Candida Figueiredo Andrade, para a mixta, rural da Fazenda Sant'Anna das Tres Barras, em Vargem Grande.

D. Luiza Nogueira do Prado, da 1.^a mixta, rural, da Estação de Jatahy, em S. Simão, para a mixta, rural, da Fazenda Sta. Olympia, no mesmo município.

D. Carolina Carletto, para a mixta, rural, da Fazenda Serrinha, em Taquaritinga.

D. Cynira Meirelles de Azevedo, para a mixta, rural, da Fazenda Sta. Barbara, em Orlandia.

D. Domingas Vital, para a mixta, rural, do Bairro da Roseirinha, em Caconde.

D. Hercilia Montemurro dos Santos, para a mixta, rural, do Bairro de Mangaratiba, em Caconde.

Transferencia de escolas.

Mixta, rural, do Bairro do Morro Sellado, em Altinopolis, vaga, para o Bairro da Cobiça, no mesmo municipio.

Mixta, rural, da Fazenda Boa Vista, em Descalvado, regida pela professora d. Julieta Elias, para a Fazenda Sta. Rita, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro do Socorro Velho, em Mogy das Cruzes, regida pela professora d. Domitilla de Aguiar Fonseca, para o districto de Tayassupeba, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro do Faxinal em São Miguel Archanjo, regida interinamente pela leiga d. Isaura Fogaca Vieira, para o Bairro do Taquaral, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro do Rio Acima, em São Miguel Archanjo, regida interinamente pela leiga d. Rosalina Kruger para o Bairro de Brejauva, no mesmo municipio.

Despacho de 13 de Março de 1930

Commissão.

Nomeado o professor Lazaro Feriaz de Camargo, director do Grupo de Descalvado, para Inspector-Fiscal da Normal Livre Municipal de Agudos.

Nomeação de director.

O professor Octaviano de Oliveira Rames, adjunto do Grupo de Mirasol, para director do de Itajoby.

Nomeação de adjuntos.

Snr. Erasmo Kerbeg, da 1.^a escola masculina das reunidas, urbanas, de Sarandy, em Jardinopolis, para o grupo de Brodowski.

D. Zuleika Seabra, para o de Terra Roxa, em Viradouro.

D. Honorata Pedroso, da mixta, rural, da fazenda "Alegria da Serra", em Casa Branca, para o de Tapyratiba.

D. Zuleika Benedieta Pavão, professora da 2.^a escola mixta das reunidas, rurales, da fazenda "Cruz Alta", em Tieté, para o cargo de adjunta do de Piraju.

Decreto declarado sem effeito.

O de 27 de Fevereiro do corrente anno, que nomeou a professora d. Nair Braga, para reger a 2.^a escola mixta, rural, de Nhumirim, no municipio de Santa Rosa.

Exoneração a pedido e nomeação de adjuntos.

O sr. José Sampaio Costa Ferraz, de adjunto do Grupo "Padre Bartholomeu de Gusmão", em Santos e nomeada para esse logar a professora d. Iracema Baddini, da mixta, urbana, da estação de Penna, em Cafelandia.

Permuta autorizada.

Concedida autorização para permutarem os seus logares ás professoras d.d. Gilda Leite de Arruda e Thereza Monaco, respectivamente, adjuntas dos Grupos de Collina e de São Vicente.

A's professoras d.d. Maria Irene Salgado e Lydia Olga Nogueira, respectivamente adjuntas dos grupos de Jaboticabal (2.º) e de Villa dos Lavradores, em Botucatu.

Exoneração, a pedido.

Da professora d. Ernestina de Barros Mattos, do cargo de adjunta do 1.º Grupo de Rio Preto.

Aposentadoria concedida.

Ao professor Eloy Tobias Ferreira de Aguiar.

4.ª parte de ordenado concedida.

A' professora d. Alice Chagas da Silveira, adjunta do Grupo de Viradouro.

Nomeação de professores.

D. Brasília Monteiro, para reger a escola masculina, rural, de Bar Velha, em Villa Bella, convertida em mixta pelo presente decreto.

D. Isolina Nogueira Magalhães para a mixta, rural, do Bairro da Fazendainha, em Santa Rosa e

D. Lydia Salem para a mixta, rural, de Cantagallo, em Cravinhos.

Escolas anexadas no municipio de Piracicaba.

Mixta, rural, de Anhumas, regida interinamente pela leiga d. Alzira Maffezzoli, ás reunidas, ruraes, de São Joaquim.

Mixta, rural, de Matto Alto, regida pela professora d. Zelia Azzi Sachs, ás reunidas, ruraes, de Campestre.

Mixta, rural, da Fazenda São Pedro, regida pela professora d. Olga Colli, ás reunidas, ruraes, de Godinhos.

Transferencia de escolas.

Masculina, urbana, de Ibitiruna, regida pelo professor José Duarte Barbosa, para a Villa Progresso.

Mixta, rural, de Santa Rita, regida interinamente pela professora leiga d. Maria Nathalina Cleopath de Godoy, para a Colonia do Caiapiá.

Exonerada por ter sido nomeada adjunta.

A professora da escola mixta, urbana, da Estação de Penna, em Cafelandia, d. Iracema Baddini, por haver sido nomeada adjunta de Grupo.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

SCHOLA — Revista da Associação Brasileira de Educação. Departamento do Rio de Janeiro. Janeiro de 1930. Anno I. Numero 1. Publica: A. B. E., Redacção. — *Cartilha da probidade*, Dr. Fernando de Magalhães. — *Methodologia da Historia Natural* (trecho de uma conferencia), Dr. Mello Leitão. — *Um anno de trabalho*, Decio Lyra da Silva. *Notas e informações*: 4.ª Conferencia Nacional de Educação — *Themas Geraes* — Premio Heitor Lyra.

A' novel publicação está reservada um futuro de prestigio nas letras pedagogicas do paiz; os nomes dos que a dirigem são a garantia da nossa affirmacão.

SÃO PAULO MEDICO — Orgão Scientifico da classe medica paulista. Numero de Janeiro do corrente anno.

REVISTA ODONTOLOGICA BRASILEIRA — Novembro e dezembro de 1929.

BOLETIM DA UNIÃO PAN-AMERICANA — Fevereiro de 1930. Publica: O novo presidente do Mexico, Paschoal Ortiz Rubio. A proxima conferencia Agricola Pan-Americana. Regulamento do 6.º Congresso Pan-americano da Creação. A propagação das plantas tropicaes por meio de enxertia. O arbitramento commercial nos Estados Unidos. A União Pan-americana no correr do mez.

O ESCOTEIRO — S. Paulo, janeiro de 1930.

O ESCOLAR — Numero 1. Anno I. Orgão dos alumnos do 2.º Grupo escolar de Rio Preto, de que é director o prof. Alberto S. Gomes dos Reis. "O ESCOLAR que hoje apparece, tem como fito incentivar entre os alumnos do 2.º G. Escolar o amor ao estudo e ao trabalho. Para isso, das provas mensaes de cada classe, escolhida a melhor, será ella publicada."

REVISTA DE ENSINO — Orgão Official do Departamento Geral da Instrucção Publica de Alagoas Anno III. Numero 18. Novembro e Dezembro de 1929. O presente numero, dentre outros trabalhos dignos de leitura meditada, destacamos: *Instrucção Publica Paulista*, de Luiz de Franca Cerqueira (Transcripto d'O Semeador, Maceio) e, noticiando a posse da primeira directoria da Sociedade Alagoana de Educação, a conferencia pronunciada pelo mesmo professor, Snr. Luiz Cerqueira, por occasião daquella solemnidade. A conferencia versou tambem sobre as impressões que o Snr. Cerqueira levou de S. Paulo. Em termos muito lisongeiros para o actividade paulista, aquelle professor alagoano faz no seu trabalho uma boa resenha das impressões que recebeu: organização escolar, os processos, os methodos de ensino postos em pratica em São Paulo, nada escapou á aguda observação do professor alagcano. — Alem desses trabalhos, inicia a *Revista de Ensino*, de Alagoas, a transcripção do estudo do nosso illustre collaborador professor Sampaio Doria: *Formação da linguagem*, que "Educação" publicou em um de seus ultimos numeros do anno passado.

O PORTUGUÊS POPULAR — Quinzenario para o povo e para as escolas. Anno I, numero 2. Fevereiro de 1930. Desenvolvido summario da especialidade a que se dedica.

O GRUPO ESCOLAR — Anno 8, numero 1. Sertãozinho, novembro de 1929. Orgam dos escolares sertanezinos.

- REVISTA ESCOLAR — Anno X, numero 2. Fevereiro de 1930. Publicação mensal de educação e ensino. Director: Faria de Vasconcellos. Lisboa.
- REPERTÓRIO AMERICANO — Tomo XX. Numeros 3 e 4. São José da Costa Rica. Costa Rica. 18 e 25 de Janeiro do anno corrente. A destacar: Contribuição para o estudo da ethnographia costarriquense, *Diogo Pavodoro*.
- O BRASIL DE AMANHÃ — Divulgação de hygiene. Director: Dr. F. Figueira de Melo. Summario do n.º 7, que é o que temos sobre a mesa: *Pela educação sanitaria* — Dr. Waldomiro de Oliveira. Relatorio apresentado pelo Dr. Francisco Figueira de Mello, inspector-Chefe da inspectororia de Educação Sanitaria e Centros de Saude ao Exmo. Snr. Dr. Waldomiro de Oliveira, Director Geral do Serviço Sanitario de São Paulo.
- O SOLO — Orgão do Centro Agricola "Luiz de Queiroz". Anno XXII. Janeiro—Fevereiro de 1930. Numero 1-2. Summario — A Agricultura nas Escolas. — *A Imigração para o Estado do Amazonas*, Erico R. Nalue. — *Cooperativismo na Agricultura*, N. Abdo Neme. — *Silvicultura*, Alcides P. Torres. — *O Aleitamento artificial dos Bezerros*, N. Athanassof. — *Problemas de zoogenia*, Octavio Domingues. — *Vitaminas*. Mary Hinton. — *Noções de Cytologia*, S. Toledo Piza Junior. — Noticiario. A agricultura nas Escolas, para o qual chamamos a attenção dos leitores. Em outra secção transcrevemos, *data venia*, o artigo.
- ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL — Orgão Official da Liga Brasileira de Hygiene Mental. Anno III. Março de 1930, Numero 3. Summario: *Mirandolino Caldas*: "A Hygiene Mental no Brasil". — *Heitor Carrilho*, A delinquencia e a Hygiene Mental da pena. — *Ulysses Pernambucano*: A psychologia em Pernambuco. — Trabalhos de anti-alcoolismo. Secção de informações neuro-psychiatricas. Resenhas e analyses. Noticiario. Actas e trabalhos da Liga.
- ESCOLA PROFISSIONAL MIXTA "BENTO QUIRINO" — Campinas. Relatorio dos trabalhos de 1929, apresentado ao Exmo. Snr. Secretario do Interior, Dr. Fabio Barreto, pelo director da Escola, prof. José Minervino.
- ACTES DE LA SOCIÉTÉ SCIENTIFIQUE DU CHILI — Tomo XXXI. 36.º anno. 1926. O presente tomo publica: Lista dos Membros. Estatutos da Sociedade e Actas das Sessões Geraes.

ATRAVÉS DE LIVROS

Livros recommendaveis

E' realmente promissora para o nosso paiz a reorganização do ensino normal, que se vai effectuando em varios Estados. Aqui e all surgem reformas que se ligam ás novas correntes pedagogicas baseadas no desenvolvimento mental da criança, cuja alma mais e mais se patenteia ás observações e ás experiencias de notaveis psychologos. O professor primario digno desse nome não mais pode querer modelar a criança como se fosse argilla amoldavel á sua vontade. Ha de estudá-la e conhecê-la para facultar-lhe o ensino apropriado e oportuno, de accordo com os interesses della e com os fins instructivos da escola.

Não basta saber as materias de ensino para poder transmitti-las aos alumnos. Por ter querido a escola, em seu passado, introduzir á força essas materias no espirito das crianças, é que a massa popular ficou na ignorancia, apresentando ainda hoje doloroso contraste com o progresso da sciencia, da arte e da industria. De outra parte, isso fez que a escola, em vez de ser, como lhe cumpria, a maior amiga das crianças, fosse temida das mesmas, cujas sympathias lhe era impossivel conquistar.

A presente orientação da escola normal, capaz de elevar seus diplomados a verdadeiros profissionaes do ensino, constitue a melhor das garantias para a educação popular. Além disso, a cooperação da professora, que vai preponderando

no ensino primario, virá garantir ainda mais a eficiencia do nosso rumo escolar. No entanto, convem notar, não é facil resolver o problema neste inicio de remodelação do ensino. São muitas as deficiencias encontradas, figurando entre ellas a pobreza de nossa literatura didactica.

Se já possuímos livros escolares de leitura, alguns delles apreciaveis, em relação a compendios para o curso normal de quasi nada dispomos. Torna-se difficil aos alumnos recorrer a obras escriptas em linguas estrangeiras, que não compreendem bem, atrasando-se ao mesmo tempo no vernaculo com as más traducções que fazem. Por esse motivo, deve-se considerar trabalho de beneemerencia todo aquelle que vier enriquecer a literatura didactica com publicações de valor sobre as disciplinas do curso normal.

Entre essas disciplinas sobrelavam incontestavelmente a psychologia e a methodologia. Exactamente a esse respeito é que faltam em português excellentes compendios. Entretanto, "precisam os alumnos de contar com um guia seguro de todas as horas, o qual será um util auxiliar do professor, cabendo a este para não faltar com a sua assistencia fóra das horas de aulas, indicar um compendio ou manual, em que a materia seja convenientemente tratada. O professor completará, simplificará ou rectificará o manual recommendado, por meio de notas ou observações singellas, de maneira a adaptar o mesmo ao seu ensino."

Este dispositivo regulamentar, que transcrevo, reconhece a necessidade do compendio, em tomo do qual o professor dará suas aulas. De outro modo, professores e alumnos ditarão e copiarão lições, tornando mecanico o ensino, ou transformarão este em uma sobrecarga de trechos de varios autores para a classe estudar, o que lhe exige excessivo esforço sem resultado compensador.

Felizmente já se pôde recomendar, para o ensino da psychologia e da methodologia, uma serie de livros, compostos em nossa lingua. Dois delles, "O Crescimento Mental" e a "Escola Brasileira", acham-se na segunda edição, comprovando este facto a boa acolhida que tiveram por parte do professorado. São duas obras primorosas, assim na sua forma singela, clara e agradável, como no seu contexto bem elaborado e desenvolvido.

A essas obras veio agora juntar-se um terceiro compendio, sob o título "Didactica", que completa a serie de tão uteis produções pedagogicas. Resta dizer que é autor de taes livros o eminente professor João Toledo inspector geral do ensino do Estado de S. Paulo.

Causou-me optima impressão a leitura que acabo de fazer desta ultima obra. O professor, a quem tive a ventura de conhecer, quando assisti ás suas conferencias no Collegio Kemper, ahí revela, na "Didactica", a mesma proficiencia manifestada em seus trabalhos anteriores.

De principio a fim, elle explana o assumpto com admiravel methodo e clareza, illustrando as dissertações com excellentes planos de lição, bastante suggestivos para orientar o professor no preparo das aulas.

As escolas normaes farão bem em adoptar essa serie de livros pedagogicos. Ellas terão ahí o essencial para o ensino da psychologia e da methodologia. A classe alcançará em taes compendios a cultura suf-

ficiente para poder proseguir por si mesma esses estudos, compulsando mais tarde outras obras.

Conhecendo perfeitamente o problema escolar, não quiz o professor João Toledo fazer trabalho exaustivo, que ficasse acima da capacidade média dos institutos normaes. Elle soube acertadamente limitar-se ás noções imprescindiveis. Aos professores de escolas normaes cabe imprimir maior desenvolvimento aos assumptos, se assim lhes parecer conveniente, attendendo sempre ás possibilidades da classe.

A escola por muito bem organizada que seja, não pode ter a pretensão de esgotar a materia, senão a de proporcionar o ensino de forma a ser verdadeiramente proveitoso para a classe. Os bons compendios concorrem para essa finalidade como se fossem caminhos que os professores ensinarão a percorrer, melhorando-os e completando-os tanto quanto possivel.

Estas linhas não equivalem a uma apreciação ou a uma critica; apparecem como simples apresentação de tres obras preciosas, como uma noticia alviçareira que se dá aos professores primarios e aos docentes e alumnos das escolas normaes. Além de tudo, impende-nos o dever de prestar homenagem aos constructores de nossa nacionalidade, entre os quaes é justo incluir o nome do professor João Toledo. — FIRMINO COSTA. (Director tecnico do Curso de Applicaçáo da Escola Normal Modelo).

(Do Minas Geraes — Belle Horizonte).

**

Notas literarias

J. P. DA VEIGA MIRANDA — "EDUCAÇÃO E EDUCADORES."

O livro de Veiga Miranda é uma reunião de conferencias e trabalhos de imprensa sobre questões de ensino e de educação nacional.

Difficilmente se encontrarão em qualquer outro volume trabalhos de tanto merito estudando os problemas do ensino, sob todos os aspectos. E' sobretudo o ensino secundario que mais vezes occupa a attenção do autor. Elle o analysa minuciosamente, buscando as razões de ser de sua situação actual e estudando a solução dos seus problemas mais importantes. Faz isso como um perito, que conhece de perto as questões, tendo lidado profissionalmente com ellas.

Sem o dizer unicamente pelo desejo de louvar o autor, confesso que não conheço outro livro onde se debatam tão minuciosamente os problemas do ensino secundario.

Nem sempre, entretanto, eu estou de accordo com o autor.

— Estudando a primeira reforma do ensino secundario, elle critica a de Benjamin Constant, mas de um ponto de vista, que não me parece justo.

Eu era vice-reitor do Collegio Pedro II (que então tinha outro nome) e tambem critiquei essa reforma.

A meu ver, ella não podia ter successo, porque havia um desacordo completo entre a sua organização e os professores que deviam executá-la.

A reforma era nitidamente positivista. Se todos os professores de todas disciplinas tambem o fossem, ella podia funcionar razoavelmente. Mas havia de tudo: espirituistas, materialistas, catholicos orthodoxos e positivistas. Nenhuma peça engrenava nas outras.

A affirmação de Veiga Miranda de que "os estudos secundarios e superiores, no Imperio, poderiam ser modestos, mas faziam-se com rigor e austeridade" é absolutamente falsa.

Eu fui alumno do Internato e do Externato do Collegio Pedro II e posso garantir que, se lá havia excellentes professores, tambem os havia detestaveis.

Sem ir mais longe a memoria põe aqui diante de mim o Professor Halbout, lente de francés. Essa disciplina se aprendia pela decoraçáo systematica da grammatica. O professor entrava na aula trazendo sempos dois tomos de sua grammatica e o seu modo de ensinar era curioso. Elle interpellava todos os alumnos pela formula "meu amiguinho". E interrogava:

— "Meu amiguinho, diga-me o paragrapho n.º 249"

Ou esse ou outro numero. Se o alumno não se recordava immediatamente, o professor, para pô-lo em bom caminho, batia no livro, á altura em que estava o texto que desejava, e dizia apenas:

— Lembre-se bem... Está do lado de cá... no meio da pagina...

E não era o peor.

Na Faculdade de Medicina havia lentes como o Dr. Joaquim (ou João?) Silva, que recitava todos os annos as mesmas apostillas, postas claramente em cima da mesa e lidas.

A lenda do ensino perfeito e austero do tempo do Imperio é exactamente isso: uma lenda.

O ensino actualmente nada tem de bom: mas não é inferior ao que era no Imperio.

— Veiga Miranda discute a questão dos exames, parcellados ou não, e mostra como elles são feitos.

Alludindo ao regime de provas não assignadas, diz que não é raro haver quem nellas faça signaes convencionaes que os examinadores reconhecem e que deixam perceber a quem pertencem.

Não é essa a fraude unica. Outra consiste em os examinadores que desejam fazer passar um alumno, custe o que custar, dão-lhe nota optima na prova oral. Como o resultado final é a média entre as notas das duas provas, o que tem optima em uma dellas está *ipso facto* approvado.

A isso recorreu (não sei se ainda ocorre) um pequeno Estado do Norte, cujas provas escriptas são vistas em Pernambuco. Quando ellas voltam, acham os alumnos todos munidos de notas optimas. E tudo passa!

Veiga Miranda pensa melhorar esse regime, com uma sdeccão de examinadores e com outras providencias, que seriam excellentes... se fossem possiveis. Mas ha que contar com os examinadores como elles são e serão. Para, mesmo assim, tirar bom resultado, eu penso que só ha duas providencias:

- Supressão das provas oraes;
- Instituição do regime dos tests.

Se a lei não foi recentemente alterada, na Inglaterra, não ha lá provas oraes. A prova oral é sempre fraudavel, porque depende do modo de fazer a pergunta, depende de apreciações variaveis.

Na Inglaterra dá-se ao alumno uma folha de papel em que estão formulados dois grupos de dez perguntas. O alumno responde a um ou a outro dos grupos. Isso é o exame.

Em alguns casos, já está adoptado o systema dos tests. Ahí não pôde haver empenho, protecção, fraude.

— Veiga Miranda ainda crê nas mirificas vantagens do latin.

O latin no ensino, é uma "sobrevivencia", uma superstição.

— Mas muitos homens illustres têm sustentado a necessidade e a vantagem do seu estudo!

— E' verdade. Cumpre, porém, lembrar que a maioria desses homens foi educada no regime do latin e acha (*post hoc, ergo propter hoc...*) que foi o latin que lhes deu superioridade. E' uma illusão. Ainda no domingo ultimo eu me referi á affirmacão espantosa de José de Alencar garantindo que se tinha alguma imaginação, devia o facto á deciação de charadas! O latin foram as charadas de muitos grandes homens.

Que se acha nos livros latinos? Se são os pensamentos, estes podem ser traduzidos. Se é a difficuldade da lingua, a famosa "gymnastica do espirito", esta se faz com qualquer lingua estrangeira bem diferente da nossa. O allemão é muito melhor, como gymnastica do espirito, e muito mais util que o latin.

Julio Lemaître, que não era inteiramente imbecil, disse tudo isto..

Ainda uma vez: o latin é uma superstição pedagogica.

— Mas é impossivel discutir aqui a questão do ensino do latin, sobre a qual ha algumas centenas de volumes pró e contra. E é o "contra" que vai ganhar...

— Falando de Luiz Pereira Barreto e lembrando uma festa em que figurou Bilac, Veiga Miranda cita uma ode que não figura no seu livro de poesias.

Vendiam-se nessa festa de caridade grandes cachos de uvas da quinta de D. Veridiana Prado e Bilac fez estes versos:

A NATURALIZAÇÃO DE BACCHO

Alto padre Lieu, pae das Bacchantes
que ao consumo presides
dos cachos odorantes
das pampanosas vides!

O' grande Baccho, alumno de Sileno,
gordo, imberbe e formoso!

Tu, que entre as nymphas nicias em
pequeno
já eras um borracho escandaloso!

Tu, que arrastado ao trote das pan-
theras,

espalhando pifões pelo caminho,
croado de pampanos e de heras,
levaste á India a fama do bom vinho!

Tu, ó pae da alegria,
da Brasileira Nação que emfim conheces,
neste famoso dia,
a gratidão mereces.

Porque já fatigado
de reinar no estrangeiro,
vejo-te, ó Baccho, naturalizado,
cidadão brasileiro!

Do Prata ao Amazonas
e do Atlantico aos Andes
patrioticas monas
vão retumbar freneticas e grandes!

Vão desabar com mais intensidade,
mais frequentes, as chuvas,
já que — ó felicidade! —
vamos ter boas uvas!

Já não ha mona que nos envergonhe,
já não bebemos Verde, nem Collares,
nem Bordeaux, nem Marsala, nem
Bourgogne
virtuos de além dos mares!...

Hoje, se o copo a minha mão levanta,
da minha escravidão antiga me não
lembro:

— já me raiou, enfim, para a gar-
ganta
— o Sete de Setembro!

Salve, grande clarão da Independen-
cia!

Salve, grande conquista!
Já se pode beber sem indecencia:
a sede é nativista!

E em prantos de alegria me derreto
vendo-te, ó Baccho, naturalizado,
graças ao genio do Dr. Barreto,
graças á D. Veridiana Prado!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

(Do *Jornal do Commercio* — Rio)

O Congresso de Professores, re-
unido recentemente em Porto Alegre,
approvou uma moção na qual solicita
ao governo do Estado a criação de
uma cadeira de noções de coisas ruraes
nos grupos escolares e escolas publicas.
Foi, tambem, approvada uma moção de
applausos ao ministro da Guerra, pelo
seu interesse pela educação physica no
Brasil.

O director da Instrucção Publica
fez uma longa exposição sobre os prin-
cipios da escola activa, dizendo que es-
ta deve ser constituida de accordo com
as condições do ambiente rio-grandense
e não nos moldes das dos paizes euro-
peus.

ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES

A Escola Paulista

III

"Socrates e Christo foram virtuosos contra a religião do seu tempo; ambos morreram em mãos de fanaticos que já estavam divorciados de toda moral. A san-tidade está sempre fóra de hypocrisia collectiva". (Ingenieros — "O Homem Mediocre").

Ha em S. Paulo, no credo peda-gogico, um apavoramento "tabu": o "methodo analytic". Tocá-lo des-carrega a desgraça. Para a obtenção de graças, cultuá-lo...

Temo-nos permitido externar al-gumas duvidas sobre a verdade da theoria com que esse "methodo" entre nós se recommenda, algumas objecções não só á sua proclamada excellencia, senão tambem á con-veniencia mesma da sua applica-ção ao ensino da leitura em lingua portuguesa, e, sobretudo, temos con-demnado a obrigatoriedade do em-prego d'elle nas nossas escolas, em-prego esse que pensamos ser "magna pars" no eloquente resultado que se traduz na irrisoria porcentagem de alphabetização ahí obtida, por-centagem que apenas attinge 40%.

Nenhum interesse pessoal temos em jogo na discussão de taes as-sumptos. Nada pretendemos, nem podemos pretender, da administra-ção do ensino publico, ou na admi-nistração do ensino publico. Exter-namo-nos sobre coisas da nossa es-

cola pelo desejo de dizer o que pen-samos — e não o que outros pen-sam, — e isso muito justamente, porque essa liberdade, em assumpto tecnico, com grave damno para o ensino, não é concedida ao nosso professor.

No artigo "A Escola Paulista" o nosso prezado amigo sr. Sud Men-nucci, não somente entoo hym-nos ao methodo analytic e o pres-tigiou com o ensinar ser elle o fructo das lucubrações de Deeroly — com escala pelas pesquisas de Binet e Simon, — senão tambem, como quem pontifica entre cegos, nos annunciou ter sido esse "me-thodo" — aqui introduzido em 1911 — o que operou o milagre da cria-ção em S. Paulo da "escola dy-namica", diante da qual Léon Wal-ther exclamou embevecido: "Es-cola activa"!

Era tudo isto muito confuso e muito motivador de estranheza. Pro-curámos achar no longo artigo um fio de pensamento que nos guiasse na interpretação da interessante re-velação do preclaro mestre. Rebus-cámos debalde. O assumpto era de relevante interesse. Expuzemo-lo aos companheiros de estudo na Socie-dade de Educação.

A's nossas duvidas, ao embaraço em que nos deixou a leitura do ar-tigo nesse ponto, a timidas objecções feitas, acode o illustre professor. Como o faz? Vamos vê-lo.

A' nossa affirmação de que o allu-dido "methodo" nunca se chamou

analytico synthethico, oppõe o sr. Sud Mennucci este irresponsível argumento do seu egocentrismo: "Eu nunca o conheci nem o chamei por outro nome"...

Não ignoramos ser o preclaro professor o centro de atracção, e de irradiação de luz, em torno do qual, de longa data, gira o systema pedagogico paulista, mas nesse pequeno incidente — a denominação do "methodo" — as coisas se passaram á revelia de s. s. O nome que elle aqui — e fora daqui — sempre teve, foi "methodo analytico", ás vezes, por antonomasia, "leitura analytica".

Para maior força do argumento — e não era necessario, — acrescenta s. s. esta observação: E eu fui professor primario de 1910 a 1920, isto é durante a phase mais movimentada da discussão do afortunado methodo, "discussão em que me metti quasi diariamente"!

E' com effeito extraordinario — e temos, pela segunda vez, que estender mãos á palmatoria!

Andámos ha annos a debater o assumpto, com a petulancia de o discutir com Sampaio Doria, Roldão de Barros, Arnaldo Barreto, Benedicto Tolosa e outros consagrados mestres na materia; rebuscámos então autores; commettemos a irreverencia de metter á bulha o que a respeito escreveram João Kopke, Francisco Vianna, Theodoro de Moraes, Gonzaga Fleury e outros illustres patricios partidarios do "methodo"; invocámos os americanos Roark, White, Francis Parker e a propria introductora do methodo em S. Paulo, miss Brown; appellámos para a grande autoridade de Alexandre Bain; falámos de Morrison; lembrámos Javal, Decroly, Montessori, escavámos Jacotot, Delaunay, o abbade Randoviller, Nicolau Adams, Leigh, Webb e outros vultos respeitaveis... (1) Não se nos deparou, nem ninguem lembrou, a obra, sobre a materia, do nosso prezado contendor. E ella deve ser volumosa!

O certo, porém, é que o "methodo" nunca se chamou aqui de outro modo, senão "methodo analytico", "tout court", e disso tem consciencia quanto professor por ventura leia o que aqui escrevemos. A primeira "cartilha" aqui feita segundo o "methodo", a de Theodoro de Moraes, assim o denominou. No livro de Francis Parker: "Palestras sobre o ensino", traducção de Arnaldo Barreto, põe o traductor, a proposito do assumpto, esta nota (em 1909); "Methodo analytico será a denominação mais apropriada". Outros autores de cartilhas (e estas são muitas) sempre assim nellas o denominaram: João Koepe, Gomes Cardim, Mariano de Oliveira, Francisco Vianna, Arnaldo Barreto, Benedicto Tolosa, etc. Da mais antiga á mais recente, todas essas cartilhas denominam o "methodo", simplesmente, "analytico". O livro de João Gomes e Gomes Cardim para o ensino de musica, adoptado nas escolas normaes, e cujo methodo se pretende assimilar ao methodo em voga para a aprendizagem da leitura, intitula-se "O ensino da musica pelo methodo analytico". As "Instrucções" emanadas da Inspectoria Geral de Ensino, em 1911, para uso dos professores, sobre o ensino da leitura, dizem "methodo analytico"... Esta é a denominação usada por autores americanos, entre os quaes Roark e o proprio Emmerson White, aqui traduzido por Carlos Escobar e pela administração do ensino gratuitamente distribuido aos professores, naquelle mesmo decennio em que o nosso preclaro contendor discutia diariamente o assumpto. O "syllabus" que acompanha os programmas officiaes de ensino, desde certa época, trazem sobre o methodo, a denominação "methodo analytico". Lá está ella ainda agora nas "indicções" apostas ao programma da leitura, no folheto que contém os programmas "em vigor". ("Programmas de ensino para as escolas pri-

marias" — publicação da Directoria Geral da Instrução Publica — pg. 5). A cartilha mesma ora preferida para o supprimento ás escolas (cada qual dellas tem a sua época; ha pouco era a da cartilha Tolosa; houve a época da de Mariano de Oliveira, como a da de Gomes Cardim, etc., etc.), a cartilha agora a melhor, a de Firminio Proença diz no seu prefacio: "Como se vé, o desenvolvimento do ensino por esta cartilha obedece aos principios do "methodo analytico"... E' verdade que a isso accrescenta o autor: "ou antes, do "methodo analytico-synthetic" porque a analyse e synthese se apresentam sempre integralizando o processo mental." Isso, porém, é pessoal do autor, corrigenda della. Fcscível é — como mostra já a preferencia do sr. Sud Mennucci — que a denominação se mude, mercê do actual prestigio da cartilha Proença, que vai tendo a sua época...

Por volta de 1915, na revista do Centro de Sciencias e Letras, de Campinas, publicámos alguma coisa sobre as denominações "methodo synthetico" e "methodo analytico", e ahí, por evitar confusões, alvitramos (aliás inspirado em Everett Lord), em relação a methodo "geral" do que tratavamos, mas em hypothese semelhante, essa forma: "analytico-synthetic". Em palestra proferida na A. B. E., no Rio ha dois annos, palestra publicada em um dos fasciculos da revista "Educação", de São Paulo, órgão da Directoria da Instrução Publica e da Sociedade de Educação, tratámos do mesmo assumpto, e ahí, o mesmo alvitre. Não seremos, pois, quem desaplauda a mudança, mas, nunca aqui se chamou assim "o chamado methodo analytico"...

O rapido historico que fizemos da introdução em S. Paulo do "methodo analytico" (no exclusivo interesse de mostrar que existia elle, mesmo em S. Paulo, muito antes da data em que se dizia estar elle sa-

indo das retortas de Decroly) é com estardalhaço repellido pelo prezado contendor, e em tres pontos rectificado: 1.º — o dr. Thompson não era director da Instrução Publica ao tempo da sua viagem aos Estados Unidos, e sim director da Escola Normal, e o seu regresso foi em 1904, não 1903; 2.º — o methodo de "palavração" não foi aqui introduzido por miss Brown, pois que antes della, já em 1890", a professora Maria Guilhermina alli introduzira "o methodo de gato"; 3.º — "o methodo de palavração naca tem que ver com o de sentençação".

Não nos custa acceitar a rectificação quanto aos dois primeiros pontos. Quanto ao 3.º, repellimo-la. Ahí sentença o douto professor, e embora no caso se trate de "sentença", não o elegemos nós, juiz. A "palavração" é por abalisados propugnadores do "methodo analytico" incluída como "especie de que este é o "genero", genero cuja caracteristica é "não ser phonico", e a que então chamam synthetico.

E' assim que, com a sua autoridade, póde Rurik Roark ensinar: "Of the analytic method these are also "two forms", usually called the "sentence method" and the "word method"... (Method in Education, p. 107).

Poderíamos citar outros autores. Demos porém, de barato que a rectificação seja, toda ella, boa. O "methodo analytico" — o de sentenças — aqui foi introduzido antes de 1911, pois que — di-lo o sr. Sud Mennucci — já em 1896 João Koepeke fazia-o conhecido, em conferencia proferida na Escola Normal, e em 1906 era ensaiado em uma classe da Escola Modelo. Mas o prezado professor diz que quando empregou a expressão "começou a introduzir-se" queria significar "generalizou-se", e que a generalização do "methodo" pelas nccsas escolas só se deu em 1911. Acceitemos ainda isso, mas onde a ligação de "1911",

"methodo analytic" (saído inteirinho das pesquisas de Decroly) e aquellas conclusões de experiencias de psychologos desconhecidos" (Binet, Simon, Henri, Decroly) "estavam realizando" (em 1911), conclusões "de que se souberam valer os professores paulistas" para a criação da "escola dinamica"?

A resposta pretende dá-la o precuro publicista dizendo: "Para mim a minha expressão queria dizer que o methodo submettido ás provas da sciencia (já elle existia), saíra-se gallardamente"... Que provas, essas, porém e quando realizadas, não nos diz s.s.; mas continua: "Antes das citadas (?) experiencias, o methodo era um methodo "como todos os outros". (Após as experiencias, sem que se saiba porque, ficou diferente de todos os outros). "Binet e Henri lhe "havião dado garantias" scientificas com as suas pesquisas de 1894, mas elle só chegou á completa vulgarização depois das experiencias (ah! manes de Webb, de Decroly e mlle. Degand, e "mais firme foi ficando" á medida que foram apparecendo as experiencias de Charcot (já era fallecido Charcot), Smith, Kirpatrick, Baudrillart", etc. Segue-se extensa lista. Impossivel transcrevê-la, e não adianta...

A seguir, faz o illustre professor uma lista de objectos de pesquisas psychologicas sobre a memoria. E' tudo. Embora extensas essas listas que se tira de tudo isso para conhecer do como dahi, dessa formidanda embrulhada, se gerou a "escola dinamica", irman gêmea da "escola activa"?

"Bocquesbriu-se" o sr. Sud Mennucci, muito admirado, por termos dito que, "a bem do ensino, é mesmo de desejar que a futura escola activa brasileira devolva aos Estados Unidos o seu methodo analytic", e inquire: "Pois então não será activo o methodo analytic?"

Devemos responder. O ensino da leitura na "escola activa", na "escola nova", não é o "bicho de se-

te cabeças", nem preocupação principal, como na "escola classica", em que remanesce, nesse particular, muito da velha concepção de escola, escola não educadora, não formadora da mentalidade, mas "instructora" das artes de ler e escrever. A finalidade da escola activa e os meios de que busca esta servir-se para a atingir, não comportam a processuação do "methodo analytic" como discutido pelo provecto educador durante dez annos. Mas não são esses os motivos que inspiram o nosso voto, e sim no-lo inspirou a convicção — que se ha de generalizar — de que ensinar a leitura em lingua portugueza desprezando o phonicismo desta é, na expressão pouco elegante, "aproveitar o farelo e deitar o milho fóra", é — aqui sim — "copiar", sem exame, sem criterio, sem motivo, "figurino alheio". Inspirou esse voto o resultado, abaixo de mediocre, que nas nossas escolas se está colhendo do emprego desse chamado "methodo analytic", e tambem essa certeza, que não cremos seja somente nossa, de que muito processo ha, e outros se podem inventar, para em poucos mezes, divertindo-as, fazer ler e escrever a crianças brasileiras...

Como se vê, somos um herege... sem a virtude de Socrates, é certo, pois que não ha a temer a cicuta...

Desejariamos falar da pagina 53 do livro "La Pratique de l'Ecole Active", de Ferrière, citada pelo nosso preclaro contendor, mas já estamos abusando do precioso espaço destas columnas. Não haverá, porém, prejuizo... Aproveitaremos a interrupção... para lêr a pagina 52, o que, sem que pareça ao nosso amigo sr. Sud Mennucci, é proveitoso... — RENATO JARDIM — (De O Estado de S. Paulo).

(1) Deixamos então de parte Olivier, ora citado pelo sr. Sud Mennucci, por nada ter Olivier que vêr com a origem do "methodo analytic".

A Escola Paulista

III

A obra intelligente que o professorado de São Paulo realizou, nestes ultimos tres lustros, pode resumir-se em meia duzia de linhas: apanhou o methodo analytico-synthetic na sua phase de vulgarização, adaptou-o ás suas escolas, processou-o á sua moda, e com diversas variantes, e acabou extendendo-o a outras disciplinas, desde que verificou que o methodo para o ensino de leitura nada mais era do que uma simples modalidade de um methodo geral, a intuição analytica, magistralmente estudada pelo dr. Sampaio Doria, na "Revista do Ensino" ns. de 1 a 4, de Junho a Dezembro de 1918.

Mas aqui começam as negações do sr. Renato Jardim; e nesse capitulo chega até onde a gente não acredita. Affirma peremptoriamente que o methodo analytico nunca se chamou "analytico-synthetic", quando eu nunca o conheci nem o chamei por outro nome. E eu fui professor primario (de escola isolada rural, urbana e de grupo escolar) de 1910 a 1920, isto é, durante a phase mais movimentada da discussão do afortunado methodo, discussão em que me metti quasi diariamente.

Refuga depois a minha asserção de que o "methodo saiu inteirinho das experiencias de Decroly e Degand", que achou obscura. De facto, não é a phrase um manancial de erudição, pois eu trazia o presuppuesto de que estava escrevendo para technicos e que estes me entenderiam. O sr. Renato Jardim não apreciou decerto que eu não fizesse o historico integral do methodo, remontando a Olivier, Jacotot e Vogel... Para mim, a minha expressão queria dizer que o methodo, submettido ás provas da sciencia, saíra-se galhardamente revelando a sua verdadeira base psychologica que lhe dava foros de indiscutivel. Antes das ci-

tadas experiencias, o methodo era um methodo como todos os outros. Binet e Henri Ihe haviam dado garantias scientificas com as suas pesquisas de 1894, mas elle só chegou á completa vulgarização depois das experiencias de Decroly e mlle. Degand. E mais firme foi ficando, á medida que foram apparecendo as experiencias de Charcot, Smith, Kirpatrick, Baudrillart, Roussel, Jonckheere, Munsterberg. As experiencias sobre a memoria das phrases, das palavras, das syllabas e das letras, das imagens e das formas, sobre a diversidade dos typos sensoriaes e dos typos de memorias parciaes, sobre a maior facilidade de retentiva quando concorrem diversas memorias parciaes, sobre a memoria e a idade, sobre a memoria e o sexo sobre a technica de memorização, sobre a memoria muscular, sobre a memoria e atenção, sobre a memoria e repetição, estabeleceram inilludivelmente a superioridade desse methodo sobre qualquer outro.

Nega ainda o sr. Renato Jardim que o methodo houvesse sido "introduzido" em São Paulo em 1911. E, para isso cria um historico dessa introdução, que é pelo menos, curiosissimo. Voltarei a elle no fim deste estudo.

Aliás, todo esse historico é apenas para alongar a palestra.

Quando empreguei o vocabulo "introduzindo", suppuz que todos entenderiam claramente o que elle significava. "Introduzir" não podia ser synonymo de experimentar e de experiencias não passavam as tentativas de aclimação do methodo que se vinham processando antes nas escolas da capital. E a prova evidente de que foi em 1911 que se introduziu, isto é, se "generalizou" o methodo analytico em São Paulo, em São Paulo — Estado, está em que só nesse anno appareceram as citadas "Instruções", a carta de guia do professorado, perfeita e redondamente inutil antes disso.

A melhor das negações do sr. Renato Jardim está, porém, substanciada neste pedacinho de sua palestra:

"Não havendo relações de data natalícia entre escola activa e "methodo analytico", não ha igualmente identidade entre os principios basicos em que se fundam uma e outra coisa, sendo mesmo de desejar, para bem do ensino, que a futura escola activa brasileira devolva aos Estados Unidos o seu "methodo analytico".

Quer isto dizer que o sr. Renato Jardim julga esse methodo fóra do plano da escola activa. Quem não está entendendo nada agora seu eu. E tenho muitos motivos para boquiabrir-me.

Pois então não será activo o methodo analytico? Como se emprega? O professor inicia o curso por meio de palestras, nas quaes provoca a maior collaboração da classe, para despertar-lhe o maximo interesse. Transportando depois as lições para o quadro negro, é ainda a classe que as encaminha, participando de sua organização, lendo-as, depois de promptas, de todas as maneiras, copiando-as e desenhando os aspectos que mais a feriram.

Se isso não é methodo activo, é porque a palavra tem um significado milagroso e cabalístico que eu desconheço e que desisto de entender.

Mas não vale estar aqui a oppor a minha logica, á argumentação do sr. Renato Jardim. Melhor será que me socorra de uma autoridade que faça fé no alto conceito do meu oppositor.

Ei-la aqui está. E' a senhorita Amelia Hamaïde, collaboradora do dr. Decroly, em Bruxellas, e uma das suas discipulas mais intelligentes e que publicou o livro "O methodo Decroly", naturalmente com acquiescencia do mestre. Pois bem, nesse livro (refiro-me á segunda edição hespanhola, da Libreria Es-

pañola Extranjera, de Madrid) encontro esta pagina sobre o ensino da leitura (pag. 101):

"O dr. Decroly emprega para o ensino da leitura um processo interessantissimo. Esse methodo de leitura póde denominar-se "visual natural," "ideo-visual", e tambem "visual ideo-graphico". Esses tres titulos lhe quadram perfeitamente. "Visual natural", porque está baseado na psychologia das crianças. "Ideo-visual" ou "visual ideographico", porque considera a idéa como ponto de partida e vai estreitamente unida á imagem.

Este methodo não é novo. Para a educação dos anormaes, Itard e Bouneville usaram de processo semelhante.

A historia da Pedagogia assigna-la, em relação com o nosso methodo as tentativas de Olivier (fins do seculo XVIII). Com effeito, este educador intentou tomar como ponto de partida o elemento concreto do som e não da letra, e desta maneira preparar a leitura pela decomposição das phrases em palavras e das palavras em seus elementos phoneticos. E o primeiro pedagogo que dá ao ensino da leitura elementar uma base psychologica. Olivier deseja que as crianças não leiam aquillo que não compreendam e, uma vez compreendido o texto, exige que o aprendam de memoria.

Jacotot (primeira metade do seculo XIX) propõe um processo analogo. Com o seu methodo se inicia o methodo visual. "Não ensinemos, diz elle, á criança as letras para formar syllabas e depois estas para formar palavras. Ao contrario, façamos-lhe dizer, ler repetidas vezes e aprender de memoria uma phrase ou uma pagina qualquer, pois que ella mesma a decomporá em palavras, syllabas e letras."

Vogel modifica habilmente o systema de Jacotot e introdu-lo no

ensino da leitura e da escripta combinadas com a intuição.

Esta foi a origem do methodo de leitura chamado analytico-synthetico ou methodo de leitura e escripta simultaneas.

Póde, porém, afirmar-se que o dr. Decroly é que assignalou a applicação scientifica deste methodo para o ensino das crianças normaes e anormaes.

Desde 1904 se pratica no Instituto de ensino especial do dr. Decroly. Mais tarde o dr. Nyns o introduziu em algumas classes de anormaes; passa depois á escola da rua de "L'Ermitage" e recentemente a uma duzia de escolas publicas de Bruxellas".

Não quero acrescentar mais nada. Parece-me que o assumpto está de todo ponto elucidado e que pódem os professores paulistas continuar a empregar o seu methodo analytico convencidos de que é um processo activo, incorporado até pelo dr. Decroly á sua escola renovada. — **SUD MENCUCI** — De *O Estado de São Paulo*.

O Governo Julio Prestes e a Instrução Publica

VALIOSAS OPINIÕES DE UM ILLUSTRE PROFESSOR MINEIRO E DE UM JORNALISTA PORTUGUÊS

"O sr. Julio Prestes elevava, ninguem o duvida, ao maximo possivel, o nivel da nossa instrucção e da nossa educação, para maior grandeza e gloria do nosso estremecido Brasil".

São Paulo, que é o espirito de brasilidade irradiando pelo paiz inteiro, a terra que se desdobra em prodigios pela acção victoriosa do homem no trabalho e pela orientação sabia das administrações publicas, as quaes, desde o advento da Republica, vêm focalizando os tres ver-

tices sobre que se assenta o ascendente progresso paulista — instrucção, hygiene e communicações, — é para onde convergem, neste momento, as esperanças da maioria da da Nação.

Seria absurdo negar a acção do actual presidente de São Paulo em prol da nossa grandeza: em todos os ramos e bifurcações da actividade os indices accusam factos concretos, realizações positivas, esforços honestos, bem intencionados e melhor conduzidos pela coragem civica do sr. Julio Prestes, que, como presidente de S. Paulo e candidato nacional á suprema magistratura, objectiva as mais puras e as melhores aspirações do povo brasileiro, numa confluencia vitalizadora em que se entram coragem civica e amor patrio.

S. exc. tem dado ao povo — em toda a sua vida publica — as melhores provas de alta consideração e de certo que o povo ponderado e reconhecido saberá fazer-lhe justiça, retribuindo em gratidão a somma de beneficios que tem recebido.

Sem tocar em outros ramos da actividade paulista, basta citar a nossa organização escolar, enormemente incrementada pelo actual governo, registando nestas columnas o testemunho insuspeito de dois ardorosos paladinos da instrucção que ultimamente nos visitaram — os professores Julio de Oliveira, reitor do externato do "Gymnasio Mineiro", de Bello Horizonte, e Antonio Figueirinhas, este ultimo director do jornal "Educação Nacional", do Porto, e autor de diversos trabalhos de reconhecido merito nos meios pedagogicos.

O primeiro, falando a um vesperino desta capital, disse: — "Justiça seja feita a S. Paulo, cujo ensino primario é digno de rivalizar-se com os melhores do mundo. Visitei grupos escolares, assisti aulas de todos os periodos do curso elementar e constatee que os seus pre-

dics de escolas são o que ha de mais confortavel. O professorado paulista continua a ser digno dos elogios que sempre mereceu. Em S. Paulo se trabalha com o mesmo ideal educativo de sempre. O actual governo do sr. Julio Prestes, rodeado de uma pleiade brilhante de inspectores, directores de grupos e adjuntos, sob a chefia competentissima do dr. Amadeu Mendes vai conduzindo a escola do povo para a meta do seu aperfeiçoamento. Noto que em S. Paulo tudo se faz com segurança, tendo por fim acertar mais depressa. Acho excellentes os methodos adoptados e real o aproveitamento das crianças que frequentam as escolas. Os grupos escolares "Rodrigues Alves" e "Pedro II", que visitei, honrariam qualquer paiz estrangeiro. A escola isolada de Bufantan é um modelo excellent no genero. Tudo isso prova a grandiosidade do ensino e a elevada mentalidade dos professores paulistas".

O sr. Antonio Figueirinhas, em artigo publicado na "Educação Nacional", faz um balanço da actividade paulista, exaltando o nosso progresso, que é "a afirmação de um grande povo digno da grandeza da sua terra" e conclue: — "Todos os seus progressos resumidos significam que o povo que progride desta forma baseia a sua marcha na escola popular, que tem de estar muito adiantada. Os factos surgem em larga copia. A Mensagem de onde extraimos estes elementos, apresentada pelo presidente do Estado, sr. Julio Prestes, ao Congresso Legislativo, illumina o quadro em cheio: Instrucção largamente diffundida e bem aparelhada, ensino em todos os graus, professores bem pagos, bibliothecas escolares em todos os recantos, iniciativas bem dirigidas e exacta comprehensão do problema educacional, eis como, officialmente, se revela o Estado de São Paulo.

O que desde logo se torna impressionante para o forasteiro é ver os bellos edificios escolares de S. Pau-

io. Alguns são verdadeiros palacios. A luz e o ar inundam-nos. Os outros satisfazem ás exigencias a que são destinados. Nada lhes falta. Até a localização é bella.

Propondo-me a ver de perto a organização escolar paulista, apresentei-me na Directoria Geral da Instrucção Publica, que tem a seu cargo a administração, orientação e fiscalização do ensino primario e normal, dos gymnasios, das escolas particulares, e está subordinada ao presidente do Estado e ao secretario do Interior. Pode-se afirmar: ali reside a chave do ensino estadual. Fui logo recebido com galhardia pelo sr. dr. Amadeu Mendes, e dentro em pouco sentiamo-nos á vontade, como se ha muito nos estimassemos. O director geral é uma criatura insinuante, muito culta e distincta. E' um profissional. Em dois annos, cumprindo o programma governamental do sr. Julio Prestes, intensificou o ensino rural, nacionalizou o ensino particular regido por professores estrangeiros, com efficiente fiscalização, coordenou e uniu os seus esforços aos dos inspectores de ensino, estabelecendo uniformidade de acção nos trabalhos escolares, promovendo, para isso, reuniões periodicas entre todos os membros do magisterio, organizando e orientando superiormente o Almoarifado, que é um armazem colossal, onde se encontram mobiliarios escolares completos, com tudo quanto é preciso para por uma escola a funcionar. Criam-se, em São Paulo 10, 20, 30 ou mais escolas num dia; ao outro dia, como por encanto, ás escolas nada falta.

Como se vê, a organização dos serviços da instrucção está perfeita em São Paulo. Os professores estão subordinados aos inspectores districtaes e estes aos inspectores geraes, que, por seu turno, o estão á Directoria Geral da Instrucção Publica, e esta á Secretaria do Interior.

Dos relatorios dos inspectores geraes quanto ás suas zonas, e das estatís-

ticas apresentadas, faz todos os annos o Director Geral da Instrucção um relatório á Secretaria do Interior. E é assim que todos sabem o que ali se faz e se produz anno a anno, á face dos relatórios elaborados em presença de estatísticas rigorosas. E' modelar uma organização de ensino desta ordem". — (De *O Correo Paulistano*).

Sexto congresso panamericano da criança

Na cidade de Lima, Peru, durante a semana de 4 a 11 de julho do corrente anno, se reunirá o 6.º Congresso Panamericano da Criança.

Neste certame serão ventiladas e coordenadas todas as questões relativas á criança americana, distribuidas em dois grandes grupos: o primeiro subordinado ao título *Questões medicas em geral*, subdividido em tres secções (medicina, cirurgia e hygiene) o segundo com a designação *Questões sociaes em geral*, compreendendo outras tres secções (assistencia, legislação e educação).

Recebido o convite, de Lima, pelo Prof. Aloysio de Castro, foram convocados para uma reunião, no Departamento Nacional de Ensino, os principaes especialistas desta capital nos assumptos que constituem objecto do Congresso, afim de se organizar a comissão brasileira. Esta ficou constituída da seguinte forma:

Comissão executiva — Presidentes de honra, Profs. Aloysio de Castro e Olinto de Oliveira; presidente, Prof. Luiz Barbosa; 1.º vice-presidente, Dr. Lemos Brito; 2.º vice-presidente, Dr. Martinho da Rocha Junior; secretario geral, Dr. Leonel Gonzaga; secretario adjunto, Dr. Mario Olinto; thesoureiro, Dr. Ovidio Meira.

Conselho deliberante — Dr. Mello Mattos, Dr. Fernando de Azevedo Prof. Miguel Couto, Prof. Fernando Magalhães, desembargador Nsbuco

de Abreu, Dr. Moncorvo Filho, desembargador Ataulpho N. de Paiva, D. Jeronyma Mesquita, Dr. Jonathas Serrano, Prof. Barbosa Viana, Dr. Zeferino de Faria, Dr. Oscar Clark, Prof. Mello Leitão, D. Celine Padilha, Drs. Alfredo Neves, Eduardo Meirelles, Carlos F. Abreu, Rocha Braga, Adamastor Barbosa, Waldemar Ribeiro, Israel França e Aresky Amorim.

O conselho deliberante ficou constituido pelos presente á reunião e por mais alguns que, não tendo sido convocados, tiveram os seus nomes lembrados pelos presentes como de pessoas interessadas na causa da criança e á qual têm prestado serviços assinalados.

A comissão executiva tem se reunido diversas vezes e desenvolvido a necessaria actividade para obter os trabalhos que constituirão a contribuição brasileira ao congresso de Lima. Necessitando do apoio valioso e da collaboração dos Estados da União, foram escolhidos os seguintes nomes para, na qualidade de delegados nos Estados, formarem livremente as sub-comissões nas regiões a seu cargo: Dr. Oriando Lima — Amazonas, Pará, Maranhão e Piahy; Dr. Mario Eliezer Studart — Ceará; Dr. Walfredo Guedes Pereira — Rio Grande do Norte, Parahyba; Dr. Carneiro Leão — Pernambuco; Prof. Martagão Gesteira — Alagoas, Sergipe, Bahia e Espirito Santo; Prof. Almir Madeira — Estado do Rio de Janeiro; — Dr. Clemente Ferreira — S. Paulo; Prof. Raul Carneiro — Paraná e Santa Catharina; Prof. Florencio Ygartua — Rio Grande do Sul, e Prof. Mallo Teixeira — Minas Geraes.

A esses delegados incumbirá a tarefa de angariar, nas respectivas regiões, adherentes, theses, trabalhos, tudo, enfim, que possa concorrer para o Brasil se apresentar condignamente em Lima no mez de julho.

Logo que a comissão executiva receba a relação dos themas officiaes do congresso, fará larga dis-

tribuição e publicação e designará os relatores brasileiros para os mesmos, bem como se dirigirá a todos os que se interessam pela criança, pedindo-lhes a remessa de trabalhos originaes. Esses trabalhos deverão ser entregues no Rio de Janeiro, até 1.º de maio afim de que haja tempo para a consecutiva remessa para Lima, dentro do prazo marcado oficialmente (15 de junho).

A sede da comissão brasileira é a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, á avenida Mem de Sá n. 197, podendo toda a correspondencia ser remetida ao secretario geral, Dr. Leonel Gonzaga, á praça Floriano N. 7, sala 420 (edifício Odeon) — (De *O Paiz* — Rio).

IV Congresso Pan-Americano de Architectos

Terá lugar no Rio de Janeiro, de 19 a 30 de junho do corrente anno IV Congresso e a IV Exposição Pan-Americana de Architectura. As theses officiaes apresentadas pelo comitê executivo e que serão discutidas no Congresso são as seguintes:

- 1.ª — Regionalismo e internacionalismo na architectura contemporanea. A orientação espiritual da architectura na America;
- 2.ª — O ensino da architectura;
- 3.ª — O arranha-céu e a sua conveniencia sob triplice aspecto: hygienico, economico e esthetico;
- 4.ª — A solução economica do problema residencial;
- 5.ª — O urbanismo e a architectura paizagistica;
- 6.ª — Regulamentação profissional e direitos autoraes do architecto;
- 7.ª — A defesa do patrimonio artistico, principalmente architectonico das nações americanas;
- 8.ª — Organização dos concursos publicos e privados, nacionaes e internacionaes de architectura e urbanismo;

9.ª — Como julgar a tendencia da moderna architectura e urbanismo;

10.ª — Como julgar a tendencia da moderna architectura — decadencia ou resurgimento?

Parques escolares, universitarios, hospitalares, athleticos e de diversões.

Uma secção de theses livres permittirá a apresentação, por qualquer congressista, de quaesquer trabalhos technicos, artisticos, legaes e sociaes. (De *O Paiz* — Rio).

Reunião dos Inspectores do Ensino

Reuniram-se, hontem, na Directoria Geral da Instrucção Publica, sob a presidencia do dr. Amadeu Mendes, os srs. inspectores escolares dos 80 districtos do Estado.

A primeira sessão iniciou-se ás 8 horas, tendo o sr. director geral da Instrucção Publica convidado para secretarios das reuniões, que deverão se realizar durante os dias 15, 16, 17 e 18 do corrente, os inspectores Eusebio de Paula Marcondes, encarregado do Ensino Particular da Capital e Lazaro Gonçalves Teixeira, de Espirito Santo do Pinhal.

De accordo com o programma previamente estabelecido e já divulgado pela imprensa, os srs. inspectores apresentaram os seus relatorios sobre o exercicio lectivo do anno findo, tecendo, alguns dos presentes, interessantes considerações de ordem technica e administrativa.

Após ligeira interrupção dos trabalhos, o dr. Amadeu Mendes deu a palavra ao inspector escolar Eusebio de Paula Marcondes, para que procedesse á leitura das instrucções da Directoria Geral da Instrucção Publica, referentes ao tresdobramento dos grupos escolares, de accordo com as disposições da Lei n. 2.393, de 23 de Dezembro de 1929.

Essas instrucções estão assim redigidas:

“O tresdobramento dos grupos escolares só poderá ser autorizado para matricula de crianças analphabetas em idade obrigatoria — de 8, 9 e 10 annos (8 annos completos a 11 incompletos). Por occasião da matricula, portanto, só deverão ser acceitos, para 1.º anno, alumnos novos que estejam nessas condições. A matricula de crianças de 7 annos só é permittida (art. 67, paragraho 3.º do Regulamento) para preenchimento das vagas que existirem após a inscripção de todas as de idade obrigatoria, uma vez que isso não importe em acrescimo de classes ou tresdobramento do grupo.

Não haverá, pois, tresdobramento nos grupos em que houver matricula de alumnos novos de sete annos.

E' preciso ter o maximo cuidado no sentido de evitar que o tresdobramento possa prejudicar escolas isoladas que funcionem nas immediações do grupo.

Nos grupos escolares do interior o criterio para o aproveitamento do trabalho do adjunto em dois periodos será o do numero de alumnos promovidos no anno anterior, dando-se preferencia aos professores de 1.º anno.

Por occasião da matricula serão inscriptos os alumnos já pertencentes ao grupo e os novos de 1.º anno que as classes existentes comportarem. Os novos de 1.º anno, em idade obrigatoria, que excederem á lotação do grupo, serão inscriptos sob condição, até que se resolva o tresdobramento.

Os directores de grupo em que haja probabilidade de tresdobramento enviarão á Directoria Geral, por intermedio do inspector, um mappa das classes organizadas, do qual constem o numero dos alumnos de cada uma exclusive os inscriptos sob condição, e a lotação da respectiva sala. Esse quadro deverá ser acompanhado de duas listas nominaes —

uma para cada sexo — dos candidatos ao 1.º anno, inscriptos sob condição da idade de cada um, tudo devidamente informado pelo inspector do districto”.

Sufficientemente commentados e explicados pelo inspector Eusebio Marcendes todos os topicos dessas instrucções, foram suspensos os trabalhos ás 11 horas, sendo marcada a segunda reunião para as 14 horas.

— — —

Iniciados os trabalhos dessa segunda reunião, tomou a palavra o inspector especial sr. Cymbelino de Freitas, que expoz quaes as providencias necessarias para normalizar e facilitar o serviço de fornecimento de material escolar ás escolas do Estado, providencias essas que foram resumidas no seguinte: — standardizar os typos, reduzindo o n. de artigos; fixar tabellas para fornecimento; fazer a remessa em época certa, para o que fica o Estado dividido em 8 zonas de 10 districtos escolares cada uma, sendo o fornecimento feito mensalmente a cada uma das zonas; reduzir a um só pedido annual, sem exaggeros, pedido que deverá ser enviado em Janeiro; formação de um pequeno “stock” de livros de escripturação, mappas, boletins, etc., em um grupo de cada sede; escripturação do livro de carga e descarga pelo auxiliar de inspecção. Em seguida foram feitas diversas observações sobre o inventario do material escolar, sobre o material de expediente e de recolhimento do material disponivel nos districtos. Para o fornecimento inicial (escola de 1.º provimento) e fornecimento maximo annual foram organizadas tabellas especiaes sob numeros 1 e 2.

Falaram ainda os inspectores Francisco Alves Mourão, João Teixeira Lara, Antonio Luiz Schiavo e Luiz Gonzaga Fleury, os quaes fizeram dissertações sobre linguagem escripta, calligraphia, programmas de ensino, educação moral e hygiene.

— — —

A's 8 horas, sob a presidencia do dr. Amadeu Mendes, realizou-se a primeira sessão do dia 17, iniciada com uma palestra do maestro João Gomes Junior a respeito do canto nas escolas. Ainda sobre esse assumpto fizeram considerações os inspectores Cassio Bittencourt e Lazaro Gonçalves Teixeira.

Entrou, em seguida, em discussão uma das partes do programma da reunião — "drecção de grupos escolares". Travou-se, a proposito desse assumpto, animado debate, no qual tomaram parte os inspectores Oracy Gomes, Rodolpho Nunes Pereira e Eusebio de Paula Marcondes. Discutiu-se a seguir a questão do "diario de lições" falando sobre a mesma os inspectores Milton Tolosa e Cassio Bittencourt, tendo em final os senhores inspectores resolvido que se adoptasse nas escolas do Estado o "diario de plano de lições", de accordo com modelo organizado pela Directoria Geral da Instrucção Publica.

Ao entrar em debate a questão da "reforma de predios escolares", questão de relevada importancia, a discussão se animou, demonstrando o interesse dos inspectores a proposito desse assumpto e a vantagem de reuniões periodicas das autoridades do ensino para o estudo e solução dos problemas referentes á marcha do ensino em nosso Estado.

A assembléa discutiu os meios praticos que devem ser postos em pratica, tendo tomado deliberações que a Directoria Geral procurará concretizar em medidas acauteladoras dos interesses do proprio ensino.

A's 10 horas e meia forma os trabalhos suspensos, realizando-se, ás 14 horas a sessão da tarde.

Falou em primeiro lugar o inspector geral João Toledo, o qual estudou a questão de "globalização do ensino nas escolas primarias". Ouvido com grande interesse pela

assistencia, o professor Toledo discorreu, em linguagem clara, correctea e convincente, sobre esse assumpto de grande importancia para o ensino, base que é da escola activa.

Terminada a brilhante dissertação do professor João Toledo, o inspector geral, professor José Ferraz de Campos realizou proveitosa palestra a proposito do ensino de calculo nos 1.ºs annos primarios, apresentando suggestões novas sobre a methodologia do ensino de arithmetica.

Encerrando a sessão da tarde, falou o inspector Cymbelino de Freitas sobre o ensino de calligraphia, chamando a attenção dos inspectores para os processos de ensino de "calligraphia muscular", de ha muito generalizados nas escolas norte-americanas, e preconizados pelos projectos calligraphos Palmer e Lister.

As ultimas sessões, realizadas hontem, foram tomadas com a explanação de diversas medidas de ordem administrativa, entre as quaes figurou a determinação, pelo sr. director geral, dos estabelecimentos em que os alumnos dos terceiros annos das escolas normaes livres deverão fazer a pratica do ensino.

Essa pratica deverá ser feita, durante o corrente anno, nos seguintes estabelecimentos: — Na capital, alumnos das Escolas normaes, livres annexas aos Collegios "Baptista Brasileiro" e "Santa Ignez", respectivamente, nos grupos escolares Pedro II e Prudente Moraes; Amparo — grupo escolar "Luiz Leite"; Araraquara — alumnos das escolas annexas aos Collegios Progresso e Gymnasio Mackenzie, respectivamente, nos grupos "Antonio José de Carvalho" e 1.º grupo escolar; Bauru — grupo escolar; Campinas — annexas aos collegios "Progresso Campineiro" e "Sagrado Coração de Jesus", respectivamente, grupos "Francisco Glycerio" e 3.º grupo escolar; Franca — grupo escolar "Coronel Francisco

Martins", Itu — grupo escolar "Convenção de Itu"; Jaboticabal, anexas aos collegios "Santo André" e "São Luiz", respectivamente, nos grupos 2.º e "Coronel Vaz, Jahu — grupo escolar "Major Prado"; Jundiaby — grupo escolar "Conde de Parnaíba"; Lorena — grupo "Gabriel Prates"; Mogy Minim — grupo "Dr. Oscar Rodrigues Alves"; Piracicaba — grupo "Barão do Rio Branco"; Rio Claro — grupo "Coronel Joaquim Salles"; Ribeirão Preto — grupo "Dr. Guimarães Junior"; Santos — grupo "Cesario Bastos", Pindamonhangaba, São Simão, Batataes e Tieté nos respectivos grupos escolares.

Terminando a reunião falou o inspector geral de exercicios physicos Augusto Ribeiro de Carvalho, que tratou de diversas questões referentes ao escotismo e á educação physica da criança brasileira, resumindo o seu trabalho nas seguintes sugestões:

a) provocar nas escolas isoladas, nas reunidas e nos grupos escolares, um movimento geral pela Gymnastica consignada nos programmas;

b) nessas aulas, sem com isso abservê-las, fazer que se preparem, na base de uma por aula, as lições escolhidas para provas de conjunto, ou demonstrações collectivas;

c) fazer que, no termo de cada semestre lectivo, ou como solenidade de encerramento, ou em datas nacionaes previamente designadas, apresentem as escolas "provas de conjunto", ou "demonstrações collectivas"; ou "jogos recreativos e gymnasticos", como attestados de trabalho e de cuidado pela cultura do corpo;

d) nas cidades em que houver gymnasios e escolas normaes, offerecer sempre concurso das escolas primarias, para maior exito das festas do musculo e esportivas, promovidas por aquelles — o que virá confirmar que os nossos estabelecimentos de ensino têm uma aspiração commum: — "A formação varenil da mocidade".

e) recommendar que cada unidade escolar apresente, nos collectivos, o maior numero possível de alumnos, ou, no minimo, um contingente correspondente a 3/10 de sua respectiva matricula, reforçando ou completando a delegação com elementos de todas as classes;

f) "como uniforme ordinario", adoptar nas unidades do districto, aos poucos sem atropelo ás bolsas dos paes, o uniforme official, approvedo pela Directoral Geral da Instrução Publica e já em uso em muitas escolas;

g) ter, finalmente, sempre em dia as aulas de gymnastica, em qualquer mez do anno; e, sem onus para o Estado, promover, com "equipas" ou delegações bem organizadas, visitas aos municipios vizinhos, para a disputa de jogos inter-escolares e demonstrações collectivas. — (*De O Estado de São Paulo* — Janeiro, 1930).

Um artigo proibido ás crianças

Tenho meditado muitas vezes em que diversos principios de moral inculcados por nossos paes, quando somos crianças, em vez de nos servirem para alguma coisa, depois que nos tornamos homens e começamos a lidar com o mundo, são verdadeiros empecilhos para vencermos, para nos tornarmos populares e conquistar a fortuna.

Ha muitos paes e muitas mães que procuram inspirar a seus filhos o horror á mentira, sem ter a coragem de ensinar-lhes que muitas vezes a mentira é uma necessidade para demover qualquer dificuldade, insuperavel, sem este recurso, em muitas contingencias em que nos collocamos na luta pela vida.

Sei de mim, por exemplo, que durante muito tempo fui victima deste intransigente amor á verdade, porque um golpe do acaso, quando eu tinha seis annos, fez que eu confessasse uma falta para livrar da res-

ponsabilidade uma criada da casa; e meus paes tanto me louvaram o procedimento, premiando-me o acto com caricias e um presente, incitando-me a ser sempre veridico em tudo, que dahi por diante comecei a ter um summo gosto pela verdade e o meu prazer era commetter faltas para confessá-las.

Mais tarde, num seminario, comecei a soffrer as primeiras decepções que a realidade acarreta para os veridicos e na vida em sociedade tive que ir-me adaptando á necessidade, mas as primeiras lições da infancia, muito entranhadas no espirito, têm-me trazido consideraveis prejuizos no curso da vida. E quantos poderão se queixar da mesma cousa?

Mal ainda maior é o que nos causam certos escrupulos relativos á propriedade alheia; certamente, todos os paes devem ensinar aos filhos que o roubo é um perigo, porque pode ter a prisão como consequencia, mas não seria mau que tambem lhes mostrassem desde cedo, que não se pode ser muito intransigente a este respeito sem uma condemnação certa á pobreza. Podiam apresentar-lhes notaveis exemplos em que a "usurpação" fez imperadores, millionarios e deu as maiores honrarias e glorias a diversos homens e mulheres.

Deviam, igualmente, os paes desejosos de verem seus filhos vencerem na vida e galgarem ás mais altas posições sociaes, ensinar-lhes a temperar, com arte, a sinceridade e a hypocrisia, porque é do justo emprego ora de uma, ora de outra destas virtudes, que conseguimos a estima, a confiança e a admiração dos nossos semelhantes. Mas ninguem nos ensina senão a ter horror á hypocrisia e só aprendemos a usar della, sem dextreza, pela força da necessidade. Se desde meninos aprendessemos a arte de usá-la, colheriamos, depois de homens, muitas vantagens do seu emprego

nas occasiões adequadas, e sem remorsos.

Ha virtudes que se podem ensinar impunemente ás crianças, taes como a constancia no trabalho, a força de vontade, a confiança em si, a economia e outras, cujos vicios contrarios são reconhecidamente prejudicaes ao exito na vida.

Porque, se os factos historicos e os exemplos de hoje nos mostram muitos mentirosos, usurpadores, ladrões e hypocritas occupando as mais invejaveis situações sociaes, não consta que jamais tenha subido um preguiçoso, um inconstante, um timido ou um perdulario.

Mas, dentre todas as virtudes, existe uma que tem causado maior numero de malefícios do que talvez o vicio da embriaguez: refiro-me á "modestia", á decantada modestia das violetas, que os mais presumptuosos dos homens fingem ter, porque acham bella.

Não adiantarei que seja necessario a presumpção a um homem, para que elle evite os prejuizos da modestia, porque o defeito da presumpção é o que mais irritação provoca e mais antipathia desperta.

Mas uma certa dose de enthusiasmos e gosto por nós mesmos, de confiança na nossa intelligencia e competencia é absolutamente necessaria para o exito.

A humanidade é reconhecidamente muito suggestionavel e quem se apresentar perante seu julgamento com ar de ignorante, occultando seu valor ou negando-o, por modestia, será julgado e tido mesmo por ignorante e nullo; ao passo que aquelle, bastante corajoso e habil para ser immodesto sem ridiculo, impõe-se perante os outros e faz que muitos adoptem a seu respeito a mesma boa idea que elle faz de si.

Se algum leitor destas linhas rebellar-se contra estas palavras que tão machiavelicamente vou traçando aqui, pare um pouco a leitura e pense nos homens de seu conhe-

cimento e cuja carreira pela vida lhe pareça brilhante.

Exceptuando aquelles que nasceram ricos, como foi que se enriqueceu fulano?

Se é um negociante, pensei nos seus processos de venda, no seu modo especial e legitimo de mentir aos freguezes, etc.; se é um medico notavel ou um notavel advogado, pensei no seu charlatanismo e nos mil e um artificios que empregaram para alcançar fama; se é um industrial, pensei na maneira pela qual chegou á sua posição nos seus começos de vida.

Um pae dizendo a seu filho "sê verdadeiro em todas as occasiões, leal e sincero, não queiras para ti o que é dos outros e cultiva a modestia" está lhe impingindo virtudes que o condemnarão a falhar completamente. E muitos paes, certos de não serem carranças á antiga e antes liberaes e modernistas no seu processo de educação, jamais ensinam aos filhos uma certa dose de "savoir vivre" indispensavel, por um condemnavel escrupulo que nenhuma cousa deste mundo seria capaz de demover.

O resultado é que todos entramos pela vida em fóra carregados de preconceitos e, tropeçando aqui, recuando ali e caindo acolá, só muito tarde viremos a compreender que ha virtudes que nunca foram premiadas neste mundo! Mas já é tarde, o que nos foi gravado no espirito em crianças nunca mais se apagará; e qualquer desvio que façamos ás restrictas regras de moral que nos impuzeram, traz-nos o remorso, o mal estar intimo. E continuamos a ser carranças e a ensinar aos nossos filhos.

Felizes são aquelles que por uma intuição natural ou por uma qualidade propria do temperamento, sabem desde cedo temperar e manejar com arte as virtudes e as qualidades a que chamam más, pois estas corrigem muitas vezes as inconveniencias daquellas.

Foi pena que Machiavel não escrevesse obra destinada a todos os homens, abrindo-lhes os olhos, como fez para os que governam, apresentando os salutaes exemplos de que tivesse conhecimento, para demonstrar a verdade destes preceitos subversivos. E de Machiavel para cá houve tantos exemplos convincentes!

Basta citar os mais illustres: Napoleão, se não "usurpasse", se fosse veridico, modesto, leal e sincero, teria subido a imperador?

Agora, se for feita a objecção de que ninguem educa os seus filhos para os altos postos e nem para conseguir a fortuna, e sim para uma simples vida de cidadão, ah, então me confesso em erro e acho que se lhes podem ensinar as virtudes classicas e dar-lhes uma educação moral segundo os livros que, sobre o assumpto foram escriptos para as escolas primarias.

Felizmente, a propria observação dos actos e as prementes necessidades da vida não permitem que os meninos aprendam e sigam, "in litteris" o que lhes é impingido em casa e nas escolas: porque, se elle em casa for generoso, abnegado, "bom-zinho" em tudo, será vencido pelos irmãos, na concorrência de todos os dias, caber-lhe-há a peor parte de tudo ou não lhe caberá nenhum quinhão dos doces e das frutas. Fóra de casa, no proprio collegio, será um pobre coitado ridiculo, se tiver sempre como guia de seus actos toda a lista das chamadas "boas qualidades" se a ellas não juntar as "más", indispensaveis. E quanto mais for crescendo em idade e o seu campo de acção for se tornando maior, tanto mais o moço é obrigado a relegar ao esquecimento a moral pura e ir se adaptando á realidade social. Aprende á sua propria custa, depois de mil decepções, quando poderia evitar tantos contratempos se os seus paes e mestres, em vez de lhe ensinarem só o bem, o bem theorico e preju-

dicial, lhes tivessem ensinado um pouco de mal — que foi, e é e será sempre indispensável á vida e ao triumpho no mundo. — ARISTIDES RABELLO — (Do *Diario de S. Paulo*).

O retrato e o caracter

Com os espantosos progressos modernos da photographia, evidentemente, a arte do retrato entra num periodo de serias apprehensões...

Não devemos esquecer que a semelhança physica é dada, na sua totalidade, pela photographia. Neste campo revelador, acredito inuteis os esforços dos pintores: serão sempre, e cada vez mais, supplantados pela objectiva. Tanto mais que a similitude não é somente de planos nem de massas, mas, principalmente, de pormenores. Todas as minudencias do retrato, no que diz com semblante, como no que se refere aos accessorios, a chapa imprime com flagrante nitidez.

Eis por que costume preferir a photographia aos maus retratos pintados... As vantagens são numerosas: desde a rapidez, custo, até á pareença.

Basta a immobildade de uma pose, o sorriso exigido, e não piscar, para que se tenha, nos peores casos, a nossa effigie, physicamente veridica, estampada.

E' precisamente neste tomo que a arte se differencia, e toma expressão ineconfundível.

O artista não copia. Transcreve a sua interpretação. Apprende, de todos os momentos activos da figura, o tempo característico. E dá, na synthese pictural, o conjunto representativo, com sentimento do modelo.

Se o artista se limitasse á copia da natureza, creio não existir quem não preferisse o original...

E tanto é verdade o referido que bastará examinar a luta aberta en-

tre o modelo e o seu interprete. Aquelle se occulta sob mil disfarces; este busca-o com sofreguidão; caça-o nas luras reconditas dos suppostos modos de ser, até conseguir, com penetrante argucia, capturá-lo no que elle tem de legitimamente seu e que malignamente pretendia esconder.

O retrato é como a paisagem moral do individuo. Expandese no ambiente. Nelle se devem evidenciar, como energia criadora, os nadas ephemeros, e que são a sua *eternidade*. Como seria possível viver-se sem o ar que respiramos? De tal sorte, a personagem ha de ter atmosfera propria; só ahi suas qualidades subjectivas, essenciaes de vida interior, agirão em profundidades trazendo com frequencia *humana*, o que ha de real no individuo, como ser differenciado da especie.

E' necessario, nesta altura do problema, não esquecer que a igualdade é uma "apparencia". A natureza não se repete. Tudo são dissemelhanças. E as differenças moraes, as disparidades estheto-psychologicas são infinitamente maiores e mais profundas do que as da apparencia exterior.

O retratista terá que proceder como o botânico: não se fiar nas exterioridades lineares e coloridas, quando estiver classificando os modelos.

Se não tomasse ares de paradoxo, dever-se-ia affirmar que os seres se caracterizam mais no que possuem de feio do que nos dons da belleza.

E' nesse registo que vive o condão individual: elle resulta do soffrimento de emoções com que a personagem se formou. Aformoseá-lo será roubar-lhe o que é pessoal; — e dotá-lo de alindes communs que pertencem ao *cliché* inoffensivo, e que se encontra em todas as receitas... para fazer retratos que agradem surpreendentemente aos modelos.

Para muitos, o maior valor de um retrato será na semelhança com o original.

Não sei bem se é igual para todos a nitida compreensão do que seja a *semelhança*.

Poderíamos dizer que, em geral, é ella de tres especies, no que toca com o retrato: ha uma idea de parença que o individuo forma de si mesmo; outra é a que os parentes e amigos d'elle extraem; e ainda a terceira que será a interpretação que o artista cria para fixar o retratado.

Qual dellas é a mais legitima? Quem verá com mais cuidado?

A frequencia de contemplação, a pertinacia e constancia no exame dos dados phisionomicos são factores importantes para constituir-se o quadro psychologico da personagem. Mas não são sufficientes.

A exactidão do aparelho optico é o que mais importa. Não basta ver; é necessario saber observar.

Raramente os retratos *sentidos*, vistos com implacavel perquirição, agradam ás pessoas que melhor dizem conhecer o retratado.

Por sua vez, o pintor que entra nos primeiros tratos com o modelo não lhe pôde, desde logo, surpreender todos os significativos matizes. Necessita a convivencia de alguns dias. Frequentar-lhe as horas de descuidos moraes em que o individuo perde a attitude convencional, e fica o que é na "sua realidade".

O homem vive mais a vida dos outros. E o artista precisa penetrar a acção intima, secreta, unica, revelatriz.

Eis ahi a explicação das repetidas sessões das poses varias. Não é que o retratista dellas precise para copiar as formas do modelo.

O que é necessario resulta da observação perseverante: muitas vezes os longos minutos de pose apenas lhe deixaram entrever nesga de claridade, naquella abysmo de sombras. E, enquanto a buscava, lá ia trabalhando nos accessorios que, embora influam na visão do conjunto,

estão muito longe de reflectir o essencial.

Todos se recordam, certo, do caso de Franz Halls que, obrigado a pintar, rapidamente, o retrato de Van Dyck — que elle não conhecia — observa-o, attentamente, durante a ida do *cabaret* á sua officina. Quando lá chegou, e durante a *pose*, poucas vezes olhava o modelo...

Mais ainda, sobre o assumpto — a semelhança, — quem nos dirá que os retratos do renascimento italiano e do seculo XVIII francez estão parecidos?

Monna Lisa seria realmente como vive na Gioconda? E Erasmo será aquelle de Holbein, do salão Quadrado do Louvre?

A vida moral da personagem é que vale: para fixá-la, no instante de uma revelação, é que o artista foi dotado do poder de descobrir, na indifferença da natureza objectiva, a variedade infinita e caracteristica da subjectiva...

Todo homem é duplo: a arte une as duas faces, realizando o milagre da vida ininterrupta. — FLEXA RIBEIRO. — (De *O Paiz* — Rio).

A festa das aves

Antes, as aves eram sagradas. Tamanhos beneficios prestavam ao homem que os sacerdotes, para as protegerem da voracidade das populações primitivas, as fizeram participar do culto, outorgando-lhes foros de divindade. Matar uma ibis, no Egypto, correspondia a ser massacrado, como hereje, em plena praça publica. Na Assyria, as pombas eram consideradas mensageiras dos seus deuses. Os phenicios proibiam a morte das gaivotas, visto essas aves devorarem todas as immundicies que o mar arremessava á praia. Entre os judeus, existiu o culto das rolas. O christianismo consagrou a pomba branca, symbolizando o Espirito Santo.

Desta forma as aves na antiguidade puderam viver em socego. Mas pouco a pouco, o prestigio foi se

acabando, e, ultimamente, começou a perseguição dos caçadores que acharam que mais valia uma ave canora fervendo numa panela de que, cantando, numa gaiola.

Pontos de vista... E isto não é exagero. Caçadores conhecidos, se dedicaram, nos últimos tempos, entre nós, a caçarem sabiás, e, o que é mais grave, todas as aves em geral, em todas as épocas do anno.

Existe, porém, uma lei, datada de 28 de dezembro de 1927, e com o numero 2.250, que regulamenta a caça. E essa lei, no seu artigo 10.º, estabelece determinado numero de medidas proibindo a caça de animaes que não tenham alcançado a idade de adultos, a captura ou extermínio dos que se acham na época da procriação, a captura ou extermínio dos que, em qualquer circumstancia, prestarem serviços ao homem, especialmente na parte referente á agricultura.

Mas, infelizmente, por falta de fiscalização, os infractores continuam impunemente caçando em todas as épocas e todos os animaes.

Vem dahi a lembrança da Secretaria da Agricultura em instituir a Festa das Aves. E' uma festa curiosa essa, que congrega nos locais determinados diversas centenas de assistentes.

A Directoria da Instrucção Publica é quem promove as festas e organiza os programmas.

Este anno, como nos demais, a Directoria Geral da Instrucção Publica vai promover a Festa das aves. O dia designado é 26 do corrente. Nella tomarão parte os alumnos das escolas primarias.

AS FESTAS DAS AVES

Hontem estivemos na Directoria da Instrucção Publica. Ahi procuramos o encarregado da secção de publicidade, que nos informou:

— A Festa das Aves não data de hoje. Foi instituida, ha muito, nas nossas escolas, com o fim de despertar nas crianças o sentimento de protecção ás aves, mostrando-lhes os enormes beneficios que ellas pres-

tam. Geralmente, rara é a criança, nascida no interior, que não dedique os seus primeiros annos á procura de ninhos que tira dos galhos e transporta para casa, com o consentimento dos paes, a maioria das vezes, porque os ovos apresentam uma coloração curiosa e os ninhos, com os ovos dentro, constituem um lindo enfeite para collocar sobre as mesas...

Outras ha que, para demonstrarem as suas habilidades de perfectos gymnastas, vão desmanchar os ninhos elevados, construidos nos ramos de um jequitibá. Sem falarmos daquellas — e que constituem a maioria — que, por divertimento, se entretém a matar aves a pedrada.

A Festa das Aves tem por fim corrigir essas deficiencias de educação, despertando na criança e adultos o amor pelas aves. Pouco a pouco, foi-se popularizando. A prova está no interesse com que os adultos comparecem nessas festas, misturando-se com as crianças, associando-se, espontaneamente, ás festas das escolas. E isto, a nosso ver, outra cousa não significa que o apparecimento de um sentimento promissor, que lança raizes, se propaga pela multidão.

O PROGRAMMA

— "Realizando-se a Festa das Aves, no dia 26 do corrente, já se encontra elaborado o programma.

As festas compôr-se-hão de duas partes — uma interna, que consistirá numa palestra de professores; outra externa, a realizar-se nos parque e jardins a que comparecerão os alumnos, seus paes e o publico em geral. Quanto á parte externa ficou deliberado que as commemorações terão lugar no Jardim da Aclimação — dois grupos escolares do Cambucy; no parque do Ipiranga — grupo José Bonifacio; no parque D. Pedro II — grupo do Carmo, 1.º do Braz e da Moóca; no parque particular da Agua Rasa — grupo escolar da Agua Rasa.

A' noite, o dr. Amadeu Mendes fará uma palestra pelo radio." — (Do *Diario Nacional*).

A REVISTA ESCOLAR foi publicada de Janeiro de 1925 a Setembro de 1927. A collecção tem 33 fasciculos e custa..... 20\$000.

EDUCAÇÃO começou a apparecer em Outubro de 1927 e tem saído regularmente, em edições mensaes. Os numeros atrasados vendem-se a 2\$000 cada um.

PEDIDOS SEMPRE
ENDEREÇADOS PARA

Redacção de EDUCAÇÃO

Travessa da Beneficencia Portuguesa, N. 1

SÃO PAULO

